



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE**

JOSÉ NUNES DOS SANTOS JÚNIOR

**PASTORA E MULHER - “ELE ME ENTREGOU O CAJADO”:
PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM UTILIZADOS NA
EXPERIÊNCIA FORMATIVA DO PASTORADO FEMININO
PENTECOSTAL**

Salvador
2013

JOSÉ NUNES DOS SANTOS JÚNIOR

**PASTORA E MULHER - “ELE ME ENTREGOU O CAJADO”:
PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM UTILIZADOS NA
EXPERIÊNCIA FORMATIVA DO PASTORADO FEMININO
PENTECOSTAL**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação, Processos Civilizatórios, Memória e Pluralidade Cultural

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. SUELI RIBEIRO MOTA SOUZA

Salvador
2013

S237

Santos Júnior, José Nunes dos

PASTORA E MULHER - “ELE ME ENTREGOU O CAJADO”:

Processos de Ensino-Aprendizagem Utilizados na Experiência
Formativa do Pastorado Feminino Pentecostal. Salvador. 2013.

170f. :il

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Ribeiro Mota Souza

Dissertação de Mestrado- Universidade do Estado da Bahia.
Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade
Faculdade de Educação.

1. Pentecostalismo 2.Gênero 3. Educação I Título

CDD 269.4

FOLHA DE APROVAÇÃO

"PASTORA E MULHER "ELE ME ENTREGOU O CAJADO": PROCESSOS DE ENSINO APRENDIZAGEM UTILIZADOS NA EXPERIÊNCIA FORMATIVA DO PASTORADO FEMININO PENTECOSTAL"

JOSÉ NUNES DOS SANTOS JÚNIOR

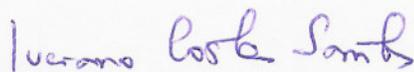
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 29 de abril de 2013, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



Profa. Dra. Sueli Ribeiro Mota Souza
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Ciências Sociais
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dra. Elizete da Silva
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
Doutorado em História Social
Universidade de São Paulo, USP, Brasil



Prof. Dr. Luciano Costa Santos
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil

Dedico esta dissertação a todas as pastoras pentecostais, e de outras denominações que estão à frente de seus ministérios. Tendo que viver as contradições que emergem seja quando tentam justificar o seu direito ao cargo, seja quando descrevem a forma pela qual conciliam trabalho e família no exercício pastoral.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois “todas as coisas foram feitas por Ele e sem Ele nada do que foi feito se fez”.

A minha esposa Jaqueline Câmara Leite, companheira de todas as horas, pela compreensão, pelo incentivo, pelo cuidado e pelo amor, sem os quais certamente esta caminhada seria muito mais difícil.

Ao meu filho Heitor Leite Nunes, pelos momentos de alegria que me proporcionou, aliviando os momentos de tensão.

Aos meus pais, Maria de Fátima Vasconcelos e José Nunes dos Santos, e familiares, que sempre me encorajaram, acreditando sempre em mim.

Aos professores Elizete da Silva e Luciano Costa Santos que mais do que fazerem parte de minha banca examinadora, contribuíram significativamente para que eu finalizasse este trabalho, com suas sugestões e amizade.

À professora Edineiram Marinho Marciel, que com muita gentileza e carinho corrigiu este trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal (CAPES) por ter me concedido a bolsa de estudo sem a qual eu não teria participado de congressos nem tampouco teria conseguido cursar o mestrado.

Aos meus irmãos e amigos Hugo, Genilson, Rogério Rodrigues e Rogério Vidal pelo incentivo e por todo o carinho que sempre dispensaram quando me ouviram.

A minha orientadora Sueli Ribeiro Mota Souza, por sempre apontar novos caminhos, incentivando a produção acadêmica de modo tranquilo e eficiente e por sempre surpreender-me com sua inteligência e cuidado, ensinando-me que as pessoas são mais importantes que seus títulos.

Às pastoras, pelo carinho, pela paciência em me ouvir e pela confiança em abrir as portas das igrejas para que eu realizasse esta pesquisa, pois sem elas este trabalho não teria acontecido.

Se Deus a dotou. Se ela possuir os dons necessários, e se sente chamada pelo Espírito Santo para pregar, não existe uma palavra sequer em todo livro de Deus para restringi-la, mas muita para incentivá-la e encorajá-la. Deus manda que ela o faça. Paulo prescreve o modo de fazê-lo, e Febe, as quatro filhas de Felipe e muitas outras mulheres, realmente pregaram e falaram na igreja primitiva. Se não fosse assim, teria havido menos liberdade sob a nova dispensação que sobre a velha [...] (Catherine Booth, 1859)

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo central compreender os processos de ensino e aprendizagem na experiência formativa das pastoras pentecostais. Haja vista que muitas pastoras pentecostais nunca fizeram um curso de teologia, que as “habilitasse” para assumir o ministério pastoral, como é de praxe entre as igrejas protestantes. Diferentemente do protestantismo, o pentecostalismo tornou-se uma alternativa para o ministério feminino, uma vez que os cargos de lideranças ocupados por mulheres protestantes, sempre se limitaram a atividades em que se desenvolviam habilidades “ditas femininas”, tais como assistência social, presidência de sociedade feminina, reuniões de orações, direção de escola bíblica dominical e berçário. No entanto, este quadro tem mudado e muitas igrejas evangélicas, principalmente as pentecostais e neopentecostais, têm aberto espaço para que as mulheres assumam a posição que até então lhes era proibida, que é o pastorado. Com isso, a pesquisa investigou os lugares de aprendizados, percorridos por estas seis pastoras pentecostais, que as habilitaram para o ministério pastoral. Só foi possível identificarmos esses caminhos e o processo de aprendizado, por meio de entrevistas, e da observação participante. Os resultados da pesquisa apontam a relevância de espaços de aprendizado, que não a escola e/ou seminários teológicos, mas que se localizam em territórios que acompanham as trajetórias de vida destas pastoras, bem como a relação com o ser mulher, mãe, que se traduz no cuidado da casa, dos filhos, na submissão ao marido, nos filhos espirituais, na Bíblia, na relação com o sagrado, nas antigas igrejas e lideranças por onde passaram, contribuíram na preparação para o ministério pastoral. O aprendizado destas mulheres segundo dados abstraídos das entrevistas e da observação, fez-me entender que o aprendizado é gerado e, ao mesmo tempo, compartilhado, a partir das contradições e simultaneidades da vida.

Palavras Chaves: Pentecostalismo, Gênero, Educação

ABSTRACT

This dissertation aims at understanding the processes of teaching and learning in the formative experience of Pentecostal pastors. Indeed many Pentecostal pastors have never done a course in theology, that "enable him" to take over the pastoral ministry, as is customary among Protestant churches. Unlike Protestantism, Pentecostalism has become an alternative for the women's ministry, since the leadership positions held by women protesters, has always been limited to activities that developed skills "so-called feminine," such as welfare presidency society feminine, prayer meetings, Sunday school direction and nursery. However, this situation has changed and many evangelical churches, especially Pentecostal and neo-Pentecostal, have opened space for women to take the position that until then were forbidden, which is the pastorate. With this, the research investigated the places of learning, driven by these six Pentecostal pastors, that enabled to pastoral ministry. It was only possible to identify these paths and the learning process, through interviews and participant observation. The survey results point to the importance of learning spaces, not the school and / or theological seminaries, but they are located in territories that accompany the life trajectories of these pastors as well as the relationship with a woman, mother, that translates in the care of the house, the children, in submission to her husband, the spiritual children in the Bible in relation to the sacred, the ancient churches and leaders passed by, contributed in preparing for pastoral ministry. The learning of these women according to data abstracted from interviews and observation, made me understand that learning is generated and at the same time, shared from concurrences and contradictions of life.

Key Words: Pentecostalism, Gender, Education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Minha formação e a questão de pesquisa	16
Estrutura da dissertação	18
Orientações metodológicas	19
O pesquisador	21
Fontes de dados	21
As pastoras	21
Perfil das líderes	25
Coleta de dados	26
Entrevistas e os questionários com as pastoras	27
Análise de dados	28
I – FORMAÇÃO TEOLÓGICA NO BRASIL E A EXCLUSÃO DA MULHER	30
1. Educação Religiosa Protestante no Brasil	30
1.2 Os Luteranos	33
1.3 Os Presbiterianos	34
1.4 Os Metodistas	36
1.5 Os Batistas	40
1.6 Os Assembleianos	44
II – MOVIMENTO FEMINISTA ENQUANTO PROJETO DE EMANCIPAÇÃO DO PASTORADO FEMININO	49
2. Categoria gênero: uma experiência socialmente construída	50
2.1 O lugar da mulher na igreja: uma leitura a partir da teologia feminista	52
2.2 Gênero e pastorado: propostas e práticas na re-construção da identidade a partir do lugar	55
2.3 A nova identidade feminina pentecostal: de submissa ao pastorado, do banco ao púlpito	59
III – ADVENTO DO PASTORADO FEMININO	64
3. As primeiras igrejas abertas à liderança feminina	65
3.1 Exército da Salvação	66
3.2 Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular	68
3.3 Igreja Metodista	69
3.4 Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil	71
3.5 Igreja Anglicana	73
3.6 Pentecostalismo, uma alternativa à liderança de mulheres no ministério pastoral	76
3.7 O lugar da mulher na hierarquia das igrejas protestantes e pentecostais	78
3.8 Pentecostalismo de Bairro: igrejas de pastorado feminino	82
3.9 Pentecostalismo de Bairro: uma via para produção de dignidade	85

IV – IGREJAS DE BAIROS ORGANIZADAS NA PERIFERIA DE SIMÕES FILHO	90
4. A influência do pentecostalismo clássico no modelo ritual e organizacional das igrejas de bairros	90
4.1 Igreja de bairro e sua forma de organização	94
4.2 Igreja de bairro e sua forma de agenciamento	100
4.3 Igreja Assembléia de Deus Missionária	103
4.4 Igreja Pentecostal Jesus é a Resposta	106
4.5 Igreja Apostólica de Jesus: o toque das mãos de Deus	111
4.6 Igreja Evangélica Pentecostal Fonte da Água Viva	112
4.7 Igreja Pentecostal Pronto Socorro de Jesus	114
4.8 Igreja Pentecostal Apostólica da Palavra	116
4.9 Igreja Pentecostal Príncipe da Paz	117
V – TORNANDO-SE PASTORA: PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EXPERIÊNCIA FORMATIVA	119
5. Quem são essas mulheres? Como chegaram ao pastorado? Um breve relato de trajetória	122
5.1 A Bíblia: palavra de Deus e autoridade absoluta no processo de aprendizado pastoral	126
5.2 O chamado para o ministério pastoral e a família: como conciliar?	129
5.3 Ser pastora e ser mulher: um aprendizado de mão única	132
5.4 Experiência pastoral: aprendizado que envolve o corpo	135
5.5 O lugar enquanto dimensão de aprendizado corporal	138
5.6 Pastora e corpo: o habitar do Espírito Santo	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	153
DOCUMENTOS CITADOS	163
APÊNDICES	164
A – Roteiro de entrevista	164
B – Termo de Compromisso	166
C – Textos Bíblicos	167

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

AD – Assembléia de Deus
CBBa – Convenção Batista Brasileira
CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação
CGADB – Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil
CEBs – Comunidades Eclesiais de Base
EST – Escola Superior de Teologia
IBDA – Instituto Bíblico da Assembléia de Deus
IBP – Instituto Bíblico Pentecostal
IEQ – Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular
IECB – Igreja Evangélica Congregacional do Brasil
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICP – Instituto Cristão de Pesquisa
IURD – Igreja Universal do Reino de Deus
IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
ISER – Instituto Superior de Estudos da Religião
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
USP – Universidade de São Paulo
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
UMESP – Universidade Metodista de São Paulo
STBNB – Seminário Batista do Norte do Brasil
WEB – World Wide Web
ISMSL – Instituto Superior de Música de São Leopoldo
ESEP – Escola Sinodal de Educação Profissional
IEPG – Instituto de Ps-Graduação e Pesquisa

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: Perfil etário e o grau de escolaridade das pastoras, página 24.

TABELA 02: Condição familiar das pastoras, página 24.

TABELA 03: Perfil socioeconômico das líderes, página 26.

TABELA 04: Igrejas pentecostais de liderança feminina em Simões Filho, página 93.

INTRODUÇÃO

Este estudo privilegia o pentecostalismo feminino do município de Simões Filho, localizado na região metropolitana. Tal ênfase se deve ao fato de ser um pentecostalismo de liderança feminina. Dentro desta perspectiva, pretende-se analisar como ocorrem os processos de ensino-aprendizagem utilizados na experiência formativa do pastorado feminino pentecostal. Esse anseio ocorreu em virtude de identificarmos um grande número de pastoras que não fizeram curso de teologia que as “habilitasse” ao exercício pastoral, segundo a visão tradicional e conservadora das igrejas históricas protestantes. Estudos sobre as denominações evangélicas apontam que as igrejas evangélicas sempre tiveram em seu rol de membros, isto é, como fiéis um número muito maior de mulheres, sendo que as lideranças destas igrejas sempre foram majoritariamente masculinas (Machado & Mariz, 1997; Novaes, 1985 e Burdick, 1998). Poucas denominações do século XX tiveram mulheres ocupando cargos de liderança pastoral, a saber, anglicanas, luteranas e metodistas¹, que desde a década de 1970, já tinham consagrado mulheres ao ministério pastoral, apesar do número bem reduzido.

Os cargos de liderança para mulher nas igrejas evangélicas sempre se limitavam a atividades em que desenvolviam habilidades “ditas femininas”, tais como assistência social, presidência de sociedade feminina, reuniões de orações, direção de escola bíblica dominical e berçário. No entanto, este quadro tem mudado e muitas igrejas evangélicas, principalmente as pentecostais e neopentecostais, têm aberto espaço para que as mulheres assumam a posição que até então lhes era proibida, que é o pastorado. Para Almeida (2006), a ascensão da mulher ao ministério pastoral tem ocorrido em virtude de uma significativa autonomia religiosa, onde fiéis pentecostais, em nome de Deus, definem o momento em que recebem o chamado para o ministério pastoral. Como pode ser observado na experiência de chamado das pastoras Ana e Célia:

Ah..., se eu fiz teologia. A minha teologia é Jesus [...] Ele é o sábio dos sábios, Jesus quer ensinar a mim e a você, quer ensinar a todos. Deus quer é nos capacitar, é Ele que quer ser o nosso professor. [...] Eu sou conhecida por Jesus. Não importa se sou mulher, não importa,

¹ O Censo Institucional Evangélico arrola as principais denominações, representando-as em uma árvore genealógica. Segundo o estudo, apenas três denominações vêm diretamente da Europa: Anglicana (Reino Unido), Luterana (Alemanha), Cristã Evangélica (Reino Unido). A grande corrente é originada de missões norte-americanas. As igrejas históricas são aquelas que já se apresentavam como igrejas bem institucionalizadas no século XIX. Os pentecostais chegam cedo ao Brasil (1910 e 1911), e se expandem gradativamente. Ganham velocidade a partir dos anos 1950 (Fernandes, 1996).

porque a autoridade de Deus tá na minha vida, Ele me entregou o cajado. (ANA, 2011)

Foi Ele (Deus) quem me chamou, e quem me levou. Eu creio que Deus olhou pra mim, e me agraciou com isso, porque sempre que eu congregava já tomava conta, mesmo independente de ser pastora, obreira, missionária, eu já cuidava das almas (fiéis), eu sei que Deus olhou para mim e, aí eu só fiz tomar coragem. (CÉLIA, 2011)

O chamado para o ministério segundo as pastoras, como é caso da pastora Célia se dá por meio do sagrado (Deus) e este é o mesmo que capacita as mulheres para tal empreendimento religioso. Logo, o tema desta dissertação (Pastora e mulher – “Ele me entregou o cajado”): processo de ensino-aprendizagem na experiência formativa do pastorado feminino) refere-se a experiências que se dão no ethos das pastoras pesquisadas, ou seja, em sua vivência enquanto mulher, mãe, esposa que ao ouvir o chamado de Deus, não hesitam, porque acreditam que a capacitação vem d’Ele. Ele é o professor por excelência, e o aprendizado sem Ele, para estas pastoras, não tem significado.

Com o avanço do pentecostalismo, a clássica “mensagem da cruz”, discurso teológico que pregava o sofrimento terreno do cristão, não esta mais em voga, sem qualquer compadecimento, foi sumariamente soterrada pelo novo estilo de pregação, que não fala mais de sofrimento, pois isso, segundo alguns pastores e pastoras, como no caso da pastora Célia da Igreja Pentecostal Jesus é a Resposta, é o mesmo que afugentar as pessoas:

[...] eu digo aqui na igreja, se o irmão está com algum problema fica em casa, porque irmão hoje eu passei por uma prova, minha garganta está doendo fica em casa, porque igreja é local de dar cura, irmão vir pra frente da obra para dizer que tá morrendo, que está aleijado, de uma perna só, sai rapaz, aquele que está no banco (igreja) vai dizer o quê? Então eu vou sair daqui, se o irmão que está à frente tá aleijado, então esse Deus não cura. Eu estava conversando com irmão e ele me dizia que o povo quer ver milagre, não quer saber mais de historinha. Então falo na igreja, não concordo, não aceito, se estou aqui é pra falar de Jesus. (CÉLIA, 2011)

No cotidiano de muitos dos cultos pentecostais, conhecer Jesus, ter um encontro com Ele e a Ele obedecer constituem meios infalíveis para o fiel e o frequentador² se darem bem nesta vida. Haja vista que a tarefa primordial desse Deus, é a de protegê-los e

² Aquele que não tem vínculo com a igreja. Trata-se de um visitante não-crente ou de um cristão de outra igreja.

abençoa-los pronta e abundantemente em todos os campos da vida. Suas atividades religiosas batem apenas nesta tecla, funcionando, como prontos-socorros espirituais, e como tais estas igrejas são procuradas.

A periodização e classificação da expansão pentecostal na metáfora das “*três ondas*” usada por Freston (1994) colocam, em primeiro lugar, o pentecostalismo clássico, o qual foi lentamente fluindo em direção ao neopentecostalismo, ou pentecostalismo autônomo, considerado como pentecostalismo de “*terceira onda*”, que resultou na fundação da Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e Internacional da Graça (1980). Entre ambos os extremos desse gradiente, se situam os movimentos de cura divina, integrantes de um pentecostalismo de “*segunda onda*”, cuja origem e expansão se deram entre os anos 1950 a 1970, enquanto o País experimentava intensas transformações políticas e sócio-econômicas, tais como o processo de urbanização, industrialização e a deteriorização das condições de vida do operariado e da classe média urbana brasileira.

Ricardo Mariano (2005), diferentemente de Freston, procura apontar as mudanças teológicas, axiológicas, estéticas e sociais pelas quais o pentecostalismo está passando, principalmente em sua vertente mais dinâmica, o neopentecostalismo. Para o autor, são várias as características peculiares desse novo estilo religioso, entre outras, o surgimento de um comportamento ético menos rigoroso do que daquelas formas anteriores do pentecostalismo protestante e/ou mesmo do pentecostalismo de segunda onda, que pregava a mensagem da cruz e que excluía rigorosamente a participação feminina no pastorado. A presença feminina no pastorado é outra característica importante no surgimento desse fenômeno religioso, em razão da liberdade individual, uma vez que os fiéis não estão mais presos à liturgia, ordens ou regras ritualísticas. Nos cultos pentecostais das igrejas de bairro, há oportunidade para todos os fiéis participarem conforme desejarem ou de acordo com a manifestação do Espírito Santo. Todos podem expressar suas experiências pessoais sem nenhum medo de sofrer retaliação ou julgamentos. O crente tem a liberdade de discursar, como dificilmente faria em qualquer outro lugar. Uma mulher ocupando o ofício de pastora reflete uma continuidade de transformações que há muito tempo vem acontecendo no meio destas igrejas. E é principalmente nessas igrejas que as mulheres estão assumindo os púlpitos. Formadas a partir da década de 1970, estas igrejas realizam as mais profundas acomodações à sociedade, abandonando vários traços sectários, hábitos ascéticos e

antigos estereótipos pelos quais os crentes eram reconhecidos e implacavelmente estigmatizados.

Trinta e cinco anos depois do início da terceira onda, o conjunto de pentecostalismo se apresenta hoje como um complexo mosaico. Nota-se em pedaços maiores e com cores mais fortes algumas mega-igrejas, entre as quais se destacam a Universal do Reino de Deus (IURD) e a Igreja Internacional da Graça, que, nascidas no Brasil, se expandem para outros países, possuem grandes templos, reúnem massas em praças e estádios de futebol e possuem meios de comunicações extremamente sofisticados. Mas, paralelamente a essas mega-igrejas, encontram-se também muitas outras pequenas e diferentes igrejas pentecostais, sobretudo o pentecostalismo de bairro: são pequenas igrejas independentes muitas vezes, que, via de regra, começam com a iniciativa pessoal de um evangélico pastor ou pastora. Muitos desses cultos são celebrados apenas com o auxílio de uma caixa amplificadora e a igreja se resume a um templo localizado na casa do pastor ou pastora, quando não na casa de um irmão, ou mesmo em uma sala em favela ou em um bairro periférico dos grandes centros urbanos. Tais amostras revelam que o pentecostalismo brasileiro atual apresenta diferenças significativas em relação às vertentes pentecostais precedentes apresentadas por Freston (1994), distinções das quais esta dissertação se ocupará nos próximos capítulos.

Minha formação e a questão da pesquisa

Quando se percorre a literatura sobre pastorado feminino no Brasil, nota-se que poucos são os trabalhos dedicados a tal assunto, principalmente no que se refere à modalidade pentecostal. Essa quase ausência de trabalhos sobre o tema propicia a reprodução do senso comum – igreja não é lugar para mulher estar liderando – e acaba por corroborar o impedimento de uma discussão mais aprofundada a respeito do ministério pastoral feminino. Logo, a proposta de uma reflexão concernente à experiência formativa do pastorado feminino e o seu significado para a atuação no ministério pastoral, contribui para o preenchimento desta lacuna acerca de pesquisas voltadas para discussão do ministério pastoral feminino.

O primeiro contato com o pastorado feminino aconteceu no Seminário Teológico Batista do Nordeste no ano de 2000, quando tive em minha turma uma aluna que já tinha sido consagrada pastora e estava no Seminário com a intenção de aprimorar seus

conhecimentos teológicos e de ter visibilidade e reconhecimento, já que se tratava de uma igreja Batista de tradição em Feira de Santana.

No início do terceiro semestre de bacharelado em Teologia, comecei a dialogar com as teologias ditas emergentes, como Teologia da Libertação, Teologia Negra e a Teologia Feminista³.

A partir dessas leituras, iniciei a minha pesquisa de conclusão de curso, refletindo acerca do papel da mulher “cristã” no império romano. Essa pesquisa levou-me a refletir bíblicamente sobre a participação feminina no ministério de Jesus e a cooperação das mulheres na expansão do cristianismo no período da igreja primitiva. Os doze discípulos do sexo masculino não deixam de ser uma visão androcêntrica de homens que sempre quiseram dominar e silenciar as mulheres.

Contudo, durante meu curso de Teologia, tive a alegria de ter cinco colegas mulheres. As reflexões realizadas por estas mulheres em sala de aula contribuíram significativamente na minha formação enquanto sacerdote e teólogo.

Outra discussão que ampliou os meus conhecimentos acerca do assunto religião e gênero foi o contato com os estudos historiográficos, que me colocou de frente com o curso em História. Sendo assim, no ano de 2004 ingressei no curso de Licenciatura em História nas Faculdades Jorge Amado. Com isso, o estudo sobre gênero e religião se intensificou, sobretudo, quando fiz parte do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em História, Literatura e Educação. Os diálogos e as leituras realizadas no núcleo fizeram com que a minha discussão sobre a temática se alargasse, até porque passei a ter contato com novos autores nas áreas de Sociologia, de Educação e de História.

Este núcleo também foi decisivo na realização do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), quando resolvi ampliar a discussão de gênero e religião, fazendo um recorte pensando a participação da mulher no movimento neopentecostal.

Partindo dessas observações, entendi que os referidos cursos tiveram uma importância significativa para que eu pensasse o papel da mulher na igreja evangélica, bem como a

³A Teologia da Libertação foi iniciada na década de 1960 e tinha um cunho sociológico e marxista, centrado no Cristo histórico. A leitura que essa teologia faz de Jesus Cristo, enfatiza sua humanidade e sua historicidade, e seu compromisso com as questões sociais. A Teologia Negra desmistifica toda idéia de um Cristo europeizado, que fosse branco e dos olhos azuis, passando a pensar no Cristo negro, também comprometido com as discussões raciais, além de apresentar a participação do negro na história da salvação bíblica. A Teologia Feminista tem um caráter militante não muito diferente das teologias negra e da libertação, embora esteja focalizada nas interpretações bíblicas e sociais da mulher.

sua prática dentro desta igreja. Papel este que não fosse mais como de um membro qualquer, mas de uma liderança, que incomoda, que causa asfixia naqueles que sempre protestaram contra a participação das mulheres na igreja. Optei, por fazer um estudo sobre as práticas pedagógicas utilizadas por mulheres pentecostais que almejavam o ministério pastoral. Resultando, portanto na pesquisa de pós-graduação em História na Faculdade de São Bento, amadurecendo com isso a pesquisa. Já em 2011, formulei a seguinte questão: Como ocorrem os processos de ensino-aprendizagem utilizados na experiência formativa do pastorado feminino pentecostal?

Segundo Freitas, na pesquisa qualitativa de abordagem sócio-histórica,

[...] as questões formuladas para pesquisa não são estabelecidas a partir da operacionalização de variáveis, mas se orientam para a compreensão dos fenômenos em toda a sua complexidade e em seu acontecer histórico. Isto é, não se cria artificialmente uma situação para ser pesquisada, mas vai-se ao encontro da situação no seu acontecer, no processo de desenvolvimento. (2003, p. 27)

Com a intenção de compreender melhor os fenômenos em toda a sua complexidade e em seu caráter histórico, elaborei alguns objetivos para pesquisa, que serviram para nortear o trabalho: refletir quais foram as práticas pedagógicas que contribuíram para que essas mulheres chegassem ao pastorado; discutir a importância do ensino-aprendizagem para afirmação feminina no pastorado; analisar o discurso dessas mulheres sobre sua trajetória antes e depois da conversão religiosa; pontuar aspectos da percepção dessas mulheres quanto ao papel de pastora que exercem na formação de opinião e conduta dos fiéis; discutir a concepção de sagrado e sua influência na construção da identidade religiosa das colaboradoras.

Com a elaboração destes objetivos, parti para a pesquisa de campo, coleta e análise de dados e para a preparação e a escrita desta dissertação.

Estrutura da dissertação

A introdução e as orientações metodológicas adotadas estão entrelaçadas. Estas começam com a apresentação da investigação qualitativa na concepção de Bogdan e Binklen (1994). À medida que são descritas as fontes de dados, o processo de coleta e de análise de dados e a fundamentação teórica abraçada, destaca-se a abordagem sóciohistórica na expressão de aspectos iniciados por Freitas (2003).

No primeiro capítulo, procuro realizar uma contextualização histórica e social da Formação Teológica no Brasil, até chegar ao campo da educação não-formal, da qual os pentecostais lançaram mão para conduzir suas igrejas.

No segundo capítulo a discussão versa em torno do Movimento Feminista, entendendo este enquanto projeto de emancipação para o pastorado feminino. Dessa forma, busca-se contar a história deste movimento a partir do contexto social, teológico, político e socioeconômico, à luz da fundamentação teórica adotada. O terceiro capítulo trata do Advento do pastorado feminino, buscando na historiografia brasileira, fundamentos para constatar a chegada do pastorado feminino nas igrejas pentecostais.

No quarto capítulo, inauguro uma discussão nova, que trata do pentecostalismo que é “criado” por estas igrejas que chamamos de igrejas de bairros. A pesquisa está centrada em igrejas que foram organizadas em bairros “periféricos” do município de Simões Filho. Com isso conclui-se este capítulo com algumas considerações sobre o papel destas igrejas na formação dos bairros em que elas se originaram. São abordadas também algumas conseqüências das transformações que esses novos ministérios femininos têm gerado na sociedade, fazendo com que o universo pentecostal se reorganize a partir de um novo olhar para esses ministérios emergentes.

Por fim, no último capítulo darei voz às experiências das pastoras pesquisadas, para, a partir das análises das entrevistas, identificarmos como acontece essa experiência formativa de tornar-se pastora, e como estas mulheres lidam com o ser pastora no dia-a-dia. Aí são pontuados os problemas e as dificuldades que as pastoras enfrentam durante sua trajetória de vida religiosa e secular e o desenvolvimento de sua formação pastoral, destacando as experiências mais importantes com o sagrado e a articulação destas com o espaço e o mundo em que vivem.

Orientações metodológicas

A partir do delineamento dos objetivos da pesquisa, notei a necessidade de adotar a investigação qualitativa para atender esses objetivos. Bogdan e Biklen (1994) chamam a atenção para cinco características que esse tipo de investigação possui: a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal, ou seja, o pesquisador está preocupado com o contexto: “para o investigador qualitativo divorciar o acto, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado”; a

investigação é descritiva: “na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos”; o pesquisador interessa-se mais pelo processo do que pelos resultados ou produtos; o pesquisador tende a analisar os seus dados de forma indutiva: “não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando”; o significado é de importância vital: “os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.48-51).

Os autores deixam claro que nem todos os estudos qualitativos possuem estas características com a mesma expressividade, destacando, inclusive, a possibilidade de algumas pesquisas serem desprovidas de uma ou mais dessas características. Tendo como base as considerações e características apresentadas, esta pesquisa é de natureza descritiva e explicativa por meio da investigação qualitativa, com abordagem sócio-histórica.

Adotando as categorias de investigação de Bogdan e Binklen, iniciei a busca por uma abordagem metodológica que pudesse orientar nosso trabalho, sem modificar seus princípios. O conhecimento inicial a respeito da abordagem sócio-histórica se deu a partir da leitura do artigo “A abordagem sócio-histórica (sic) como orientadora da pesquisa qualitativa”, de Maria Teresa de Assunção Freitas (2002). Nesse trabalho, a autora afirma que:

Os estudos qualitativos com o olhar da perspectiva sócio-histórica, ao valorizarem os aspectos descritivos e as percepções pessoais, devem focalizar o particular como instância da totalidade social, procurando compreender os sujeitos envolvidos e, por seu intermédio, compreender também o contexto. (FREITAS, 2002, p.26)

Em outro trabalho, Freitas (2003) destaca aspectos que caracterizam a pesquisa qualitativa de orientação sócio-histórica. Referem-se às questões formuladas, à atividade do pesquisador, à fonte de dados e ao processo de coleta e análise de dados. Optou-se por apresentar esses aspectos durante o relato dos procedimentos metodológicos realizados. Contudo, antes de iniciar este relato propriamente dito, destaco meu papel enquanto pesquisador.

O pesquisador

Para Freitas,

“O pesquisador é um dos principais instrumentos da pesquisa porque, sendo parte integrante da investigação, sua compreensão se constrói a partir do lugar sócio-histórico no qual se situa e depende das relações intersubjetivas que estabelece com os sujeitos da pesquisa” (FREITAS, 2003, p.28).

Na introdução deste trabalho, deixo claro, por meio do relato das experiências do pesquisador dentro do protestantismo, o lugar em que foi situada a pesquisa. Contudo, torna-se interessante destacar algumas implicações que esse lugar trouxe na construção deste estudo.

O fato de ser líder religioso favoreceu-me a aproximação e o contato com as entrevistadas, isto é, pastor e pastoras, assim como a constituição de uma relação de confiança. A memória de um pastor protestante contribuiu na elaboração dos roteiros de entrevistas, nos esclarecimentos de dúvidas e na análise dos dados.

Importa ressaltar que essas experiências e vivências são de um líder religioso protestante, todavia elas trazem um olhar específico e, com isso, não possuem uma visão mais abrangente da situação. Por isso, quando as utilizei, tive o cuidado de fazer prevalecer o olhar de pesquisador, empregando dados que as complementassem.

As fontes de dados

Freitas (2003) também afirma que a “fonte dos dados é o texto (contexto) no qual o acontecimento emerge, focalizando o particular enquanto instância de uma totalidade social. Procura-se, compreender os sujeitos envolvidos na investigação para, através deles, compreender também o seu contexto” (2003, p.27). Sendo assim, foram eleitas duas categorias para o levantamento de dados: pesquisa de campo e pesquisa em documentos não-oficiais, impressos ou publicados na WEB.

As pastoras

A primeira fonte de dados para pesquisa foram seis pastoras de igrejas pentecostais de bairros. Estas, de agora em diante, serão intituladas “colaboradoras”, pois acredito que,

desta forma, fica claro que são consideradas como “sujeitos envolvidos no contexto” e que, por meio de suas experiências e relatos, estão contribuindo para a construção de novo conhecimento.

Definiu-se, portanto, que seriam sete colaboradores (as) no total, seis pastoras e um pastor, todos pentecostais, selecionados a partir dos seguintes critérios: pastoras fundadoras do próprio ministério, com objetivo de dar maior autenticidade ao trabalho; pastoras que estivessem subordinadas a nenhum outro ministério, ou seja, que a sua igreja fosse autônoma, com o objetivo de compreender o seu perfil de líder; pastoras do movimento pentecostal, com o objetivo de entender como se deu a sua experiência formativa; pastoras que iniciaram seus ministérios em bairros “periféricos”, com objetivo de identificar porque aquele e não outro bairro foi escolhido para fundar a igreja. O critério que levou à escolha de um pastor foi entender a maneira como ele compreendia o ministério pastoral feminino.

Para encontrar estas pastoras iniciei a pesquisa de campo, ou seja, fui aos bairros mais populosos de Simões Filho, onde existe também um índice muito grande de ramificações do pentecostalismo. Além da visita a estes bairros, contei com a ajuda de amigos (as) que fazem parte de igrejas pentecostais. Foram eles que criaram a ponte entre mim e esses ministérios de liderança feminina.

No início, foi um pouco difícil o acesso a eles, afinal de contas, tratava-se de alguém estranho, pois não era alguém que estava ali para ser abençoado, mas para realizar uma pesquisa. Assim sendo, tive que começar a compreender o mundo deles, a dinâmica de vida religiosa, para iniciar os primeiros diálogos, por isso comecei a visitar os cultos. O interessante é que eles têm cultos praticamente a semana inteira. Logo, tive que realizar um esquema de visitação. Sendo assim, na segunda visitava uma igreja, na terça outra e assim sucessivamente. Já na semana seguinte, a igreja que eu visitei na terça eu já visitava na segunda e, dessa forma pude participar de todos os cultos de todas as igrejas por várias vezes.

Nessas visitas a campo, houve situações bastante complicadas e embaraçosas. Uma delas ocorreu na Igreja Missionária Assembléia de Deus, em que fui apresentado como pastor e, de imediato, a pastora pediu para que eu desenrolasse a manga da minha camisa porque ela me queria no púlpito. Até então, estava tranquilo; quando deu oito horas e o pregador da noite não havia chegado, a pastora, olhando para mim, disse: “Você vai trazer a palavra nesta noite”. Como eu estava com uma agenda de capa escura

e ela imaginou que fosse a Bíblia, deve ter pensado: está “preparado”. Naquela noite, o pregador fui eu, não tive como não pregar.

Em outras igrejas, pediram para que eu orasse, lesse um texto da Bíblia, situações bem mais tranquilas do que a da igreja Assembléia de Deus Missionária. Claro que a desconfiança está presente, pois trata-se de alguém estranho que quer pesquisar sobre aquele universo que é íntimo destas mulheres, e falar para alguém sobre a sua intimidade não é fácil. Logo encontrei em duas igrejas resistências, como foi o caso da pastora Ana da Igreja Apostólica de Jesus. Com ela, eu tive que conversar várias vezes, explicando-a que se tratava de uma pesquisa de Mestrado, e que não tinha nada a ver com questões doutrinárias, pois, para a pastora, eu estava ali para obter informações sobre práticas religiosas para depois aplicá-las na minha igreja. Foram muitas idas e vindas até convencê-la, mas ela foi enfática ao dizer-me que, se não desse certo a entrevista, era porque o Espírito Santo queria deste jeito, e que não iria dar mais nenhuma entrevista. A segunda resistência ocorreu com a pastora Jacira. Com esta não houve acordo, sendo assim, fui à busca de outra pastora, até me indicarem a pastora Rosa, do Ministério Pentecostal Príncipe da Paz. Trata-se de um campo de difícil penetração, em virtude das imagens que muitas vezes circulam na sociedade sobre estas igrejas, gerando, por assim dizer, a desconfiança de charlatanismo e de manipulação da boa-fé popular. Logo, estas pastoras se fecham, achando que alguém está se aproximando com o intuito de usar a fala delas contra elas mesmas e seus ministérios, por isso a penetração neste campo se dá de forma muito lenta e cautelosa. Com o pastor Nilton, foi fácil, pois já o conhecia e ele permitiu que eu visitasse a igreja e que depois ele me concederia a entrevista. Demorou um pouco para que a entrevista fosse realizada. Marcamos vários encontros que, de última hora, foram desmarcados, mas finalmente o pastor Nilton, encontrando um tempo em sua agenda, a entrevista foi realizada. Outro dado importante acerca destas pastoras diz respeito à faixa etária, que gira em torno dos 40 a 54 anos de idade. Das seis pastoras, duas são divorciadas e as outras quatro casadas, sendo que uma delas é casada pela segunda vez. O único pastor é também casado, com quarenta e oito anos de idade (48), três filhos.

Quatro pastoras vivem exclusivamente do ministério, enquanto duas exercem trabalho secular, muito embora não vejam a hora de se aposentarem para se dedicarem exclusivamente ao ministério. A fim de facilitar a visualização destes grupos, e permitir conhecer melhor essas pastoras, são disponibilizadas as informações obtidas em tabela:

TABELA 01 – PERFIL ETÁRIO E O GRAU DE ESCOLARIDADE DAS PASTORAS

NOME	DENOMINAÇÃO	CARGO	IDADE	GRAU DE INSTRUÇÃO
AIDIL	Igreja Assembléia de Deus Missionária	Titular	50 anos	Ensino médio completo
ANA	Igreja Apostólica de Jesus	Titular	54 anos	Ensino médio incompleto
CÉLIA	Igreja Pentecostal Jesus é a Resposta	Titular	40 anos	Ensino médio completo
ROSA	Igreja Pentecostal Príncipe da Paz	Titular	44 anos	Ensino Superior incompleto
SELMA	Igreja Pentecostal Fonte da Água Viva	Titular	42 anos	Ensino superior Completo
NILZA	Igreja Pentecostal Apostólica da Palavra	Titular	43 anos	Ensino médio completo
NILTON	Igreja Pentecostal Pronto Socorro de Jesus	Titular	48 anos	Ensino médio Incompleto

TABELA 02 – CONDIÇÃO FAMILIAR DAS PASTORAS

NOME	FILHOS	ESTADO CIVIL
AIDIL	Quatro	Casada
ANA	Quatro	Divorciada
CÉLIA	Três	Divorciada
ROSA	Dois	Casada
SELMA	Quatro	Casada
NILZA	Dois	Casada
NILTON	Três	Casado

Perfil das líderes – condição sócio-religiosa

Através das entrevistas realizadas, foi possível traçar um perfil geral das pastoras. A primeira característica a ser apontada como comum a todas é a localização das mesmas na estrutura socioeconômica. Todas as pastoras são oriundas da classe empobrecida e apresentam, algumas delas, carências de várias ordens. É corriqueiro encontrar entre elas líderes mulheres com baixa escolaridade. O que, para Novaes (2001), propicia a desconfiança de charlatanismo e de manipulação da boa-fé popular.

Outro aspecto que chama a atenção é o que trata da atuação das mesmas nos locais em que habitam, pois todas as igrejas, abordadas nesta pesquisa, estão localizadas nos bairros mais pobres do município de Simões Filho, nas áreas “periféricas”, onde as condições de vida são ainda mais desfavoráveis à população. Sendo assim, estes locais são marcados pela ausência do poder público, o que os transforma em ambientes propícios para o surgimento de novas formas de sociabilidade, onde o vizinho tem muito mais a oferecer do que os governantes oficialmente instituídos, além do grande índice de criminalidade. Neste contexto, as pastoras ocupam um lugar de destaque, pois elas detêm um “poder espiritual”. Em questões de emergência relacionadas aos moradores das adjacências de suas igrejas, é comum que elas sejam solicitadas para prestar auxílio, independentemente da religião de quem peça a ajuda. Um caso exemplar é o da pastora Selma. Moradora de um bairro pobre, no qual criou sua Igreja Pentecostal Fonte da Água da Vida, ela nos conta em sua entrevista que já foi requisitada várias vezes para apaziguar casos de contenda entre moradores, e já desfez várias tocaias em que filhos de irmãs da igreja estavam envolvidos.

Outro dia uma mãe reivindicou de mim que fôssemos buscar seu filho que estava de tocaia, no matagal, armado pra matar outra pessoa. E ela veio e me pediu para ir lá com ela impedir esse assassinato. Eu fui com ela, no momento a gente conheceu, o rapaz estava anormal, desconheceu a mim e a mãe, foi momentos difíceis, mas o Senhor estava conosco. E ele chegou a reconhecer, e depois de muita conversa, e de nós clamarmos o sangue de Jesus, foi que conseguimos tira-lo de lá, impedindo assim que não tirasse a vida da pessoa. (SELMA, 2011)

Ao que parece, estas pastoras são colocadas em uma posição peculiar frente aos demais, como se as mesmas tivessem algum tipo especial de autoridade para solucionar questões e conceder ajuda nos momentos de necessidade.

A terceira característica recorrente entre estas pastoras é a maneira como se configuram suas famílias. Das seis, quatro estão casadas, duas são divorciadas. As que são divorciadas e que criam seus filhos sem a presença de uma figura masculina no lar, deixam transparecer o quanto isso é muito valorizado por elas como forma de demonstrar o quanto são fortes e capazes de realizar sozinhas tarefas que o senso comum compreende que devem ser compartilhadas por um casal. A pastora Ana é uma destas pastoras, que se orgulham em ter criado seus filhos sozinha:

Deus vai dar condição a você saber ministrar filho, marido, casa e as demais coisas. Meus filhos nunca me impediram de fazer a obra de Deus, viajando, orando, eu sempre fiz campanha em lares, sempre preguei, separada, divorciada, eu sou a mãe e o pai dos meus quatro filhos, dois meninos e duas meninas, eu tenho dois casais. Eduquei meus filhos, graças a Deus, nenhum deu pra ladrão, pra vagabundo, pra prostituta. (ANA, 2011)

Para melhor visibilidade do perfil socioeconômico destas pastoras, é apresentada mais uma tabela:

TABELA 03 – PERFÍL SOCIOECONOMICO DAS LIDERES

NOME	CONDIÇÃO FINANCEIRA	BAIRRO
AIDIL	Vive do ministério	Góes Calmon
ANA	Vive do ministério	CIA II
CÉLIA	Vive do ministério	Paulo Souto
ROSA	Vive do ministério	Ponto de Parada
SELMA	Trabalho secular	Barreiro
NILZA	Trabalho secular	Major Tapioca
NILTON	Trabalho secular	Cepel

Coleta de dados

De acordo com Freitas,

“O processo de coleta de dados caracteriza-se pela ênfase na compreensão, valendo-se da explicação dos fenômenos em estudo, procurando as possíveis relações dos eventos investigados numa integração do indivíduo com o social”. (FREITAS, 2003, p. 27-28)

A coleta de dados inicialmente ocorreu com o levantamento de documentos oficiais, e depois com as entrevistas das (os) pastoras (es). A coleta de material impresso, de

fontes secundárias, constituiu-se em outra importante fonte de dados na construção da dissertação. Logo foi levantado material nos acervos de bibliotecas confessionais de ensino superior (Faculdade Metodista, Pontifícia Universidade Católica e Seminário Teológico da Igreja Presbiteriana Independente, de São Paulo); nos acervos do Instituto Cristão de Pesquisa (ICP); no Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER, do Rio de Janeiro); no Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI); nos acervos de bibliotecas públicas das Universidades UERJ, UFBA, UFRJ, USP, UNEB, e em várias livrarias evangélicas e não confessionais para aquisição de jornais, periódicos e livros.

Entrevistas e os questionários com as pastoras

Antes do início da coleta de dados com as entrevistas, elaborei um roteiro (APÊNDICE A), tomando como base as subquestões de pesquisa. Construí, também, um roteiro de entrevista, o (APÊNDICE B), para gravação (em áudio), e o roteiro da entrevista era apresentado. Com a autorização concedida, dava início a uma conversa, seguida de perguntas, respostas, afirmações, negações e lembranças. Mesmo quando a entrevista era encerrada, a conversa seguia informalmente sobre a religião no Brasil.

Apenas duas entrevistas foram realizadas na residência das (os) colaboradoras (es), e as outras foram realizadas nos respectivos locais de trabalho, isto é, na igreja, geralmente acompanhadas das obreiras. Pelo fato de alguns destes locais não possuírem espaços adequados para a gravação da entrevista, tive um pouco de dificuldade durante a transcrição de duas delas.

A transcrição foi realizada de forma integral e lida depois para essas (es) colaboradoras (es), para que se manifestassem. Todas se manifestaram dizendo que tinham achado muito interessante a transcrição. Por não expressarem nenhuma restrição, tomei como autorizada a utilização do depoimento, com o cuidado de suprimir nomes das pessoas que pudessem levar à identificação dos entrevistados. Importa salientar ainda, que estes depoimentos foram “adaptados” com objetivo de favorecer uma leitura mais compreensível.

O contato inicial com a primeira colaboradora foi na sua igreja. Informalmente, pois se tratava de uma visita de campo. Com os demais colaboradores, esse contato foi através

do telefone. Inicialmente, identificava-me como um religioso, o que favorecia a recepção e a disponibilidade para a entrevista.

Foi muito interessante perceber que, apesar de já ter planejado uma conversa inicial sobre a liderança de pastoras para ativar a memória das colaboradoras, a condição foi pretendida com muita naturalidade. Num clima de entusiasmo e cumplicidade, falávamos um pouco das igrejas em Simões Filho, o impacto dessas igrejas na cidade, na política e, sobretudo, na vida dos crentes. Só depois deste momento de encontro e identificação é que informava a eles o objetivo da entrevista e o teor da pesquisa. Como de praxe, foi pedida autorização (APÊNDICE C). Estão transcritos todos os textos da Bíblia citados no corpo da dissertação.

Análise de dados

Para Freitas, “A ênfase da atividade do pesquisador situa-se no processo de transformação e mudança em que desenrolam os fenômenos humanos, procurando reconstruir a história de sua origem e de seu desenvolvimento (2002, p. 28).”

Com o objetivo de realizar uma contextualização histórica e socioeconômica dos dados, utilizei-me da fundamentação teórica nas áreas de: Educação, Educação Não Formal, História da Educação Protestante, História do Protestantismo Brasileiro, Sociologia da Religião, Antropologia da Religião, Psicologia Social e Fenomenologia da Religião.

Na área de Educação e Educação Não Formal, destaca-se Gohn (2010; 2011), Trilla (2008), Silva (2003), que trabalham na perspectiva de uma educação crítico-social, e também Romanelli (2005), que retrata a história da educação brasileira com uma abordagem sócio-histórica.

Na área de História da Educação Protestante e História do Protestantismo Brasileiro, destacam-se Zózimo (2009), Hack (2000), que trabalham na perspectiva de uma educação teológica, e também Silva (1998; 2010; 2011), Teixeira (1983), Santos (2005; 2011), que retratam a história do protestantismo com uma abordagem social.

Na área de Sociologia da Religião, destacam-se Bourdieu (2005), Durkheim (1968; 1974), Mauss (1981; 1974; 1979), Weber (2000), Mariano (1999), que trabalham a religião pelo viés da sociologia.

No campo da Antropologia da Religião, destacam-se Geertz (2008), Evans-Pritchard (1986), Gonçalves (2007), Stiel (1996), que discutem a religião por meio de uma abordagem da antropologia, tanto no viés cultural, como religioso e social.

A contribuição que veio do campo da Psicologia Social é a de Goffman (2009). Este traz contribuições significativas acerca das representações, muitas vezes vividas por estas pastoras. No campo da fenomenologia, Merleau-Ponty (2006) discute a idéia de corpo dado, para daí se entender que o aprendizado é também dado pelo corpo, chamado por ele de *praktognosia*⁴; e Rabelo (2004; 2011), retrata a experiência de aprendizado com o sagrado a partir da dinâmica do lugar e dos espaços ocupados por sujeitos religiosos.

⁴ Palavra Grega que significa prática que gera conhecimento.

CAPÍTULO I

FORMAÇÃO TEOLÓGICA NO BRASIL E A EXCLUSÃO HISTÓRICA DA MULHER

Trata-se neste capítulo de discutir, a partir de dados históricos, a formação teológica no Brasil e como esta não teve um programa que contemplasse a pessoa do sexo feminino. Não diferente de outros setores, as mulheres sempre tiveram seus papéis relegados à condição de subalternidade, uma vez que não se vê uma educação teológica voltada especificamente para a mulher. Para Almeida e Silva (2011) não existia nenhum problema enquanto a mulher exercia outros papéis de liderança na igreja, o problema aparecia quando ela almejava exercer o pastorado. A igreja sempre aceitou a mulher na liderança da Sociedade Feminina, professora de Escola Bíblica, líder de oração, professora em escolas confessionais e etc., mas o pastorado não lhe é permitido, uma vez que este foi pensado exclusivamente para o homem. Segundo as autoras os limites de cargos sempre foram bem definidos:

Com um forte apelo às atividades intelectuais e à moderação dos costumes e do comportamento, a Reforma protestante atraiu um significativo contingente de mulheres, destacando-se algumas delas em atividades magisteriais e filantrópicas. Acusado como religião de mulheres, “refúgio de mulheres”, o protestantismo, no entanto, manteve limites claros no que tange à participação feminina: conquistaram junto com os homens uma nova relação como fiéis e seguidores da Bíblia, mas ainda desiguais, pois o ministério pastoral continuava um campo masculino, no qual o acesso feminino foi negado [...]. (SILVA, ALMEIDA, 2011, p. 340)

Educação religiosa protestante no Brasil

O protestantismo tinha um adversário a combater em terras brasileiras, o catolicismo, e para isso, era necessário conhecê-lo, formar dele uma imagem bem nítida para que os ataques não se perdessem no vazio.

Os protestantes que aportaram no Brasil no século XIX contavam com uma estrutura denominacional do país de origem cujo financiamento e organização foram fundamentais para se instalarem e progredirem em terras brasileiras, mas do ponto de vista administrativo, e mesmo religioso, só se tornaram denominações brasileiras ou criaram um denominacionalismo protestante no Brasil, depois de muitos conflitos, cismas, e principalmente, depois de desenvolverem no Brasil, e voltado para o Brasil estruturas administrativas, burocráticas e religiosas necessárias para a evangelização das populações nacionais,

o que sempre ocorreu em confronto com o catolicismo. (TRABUCO, 2009, p. 31)

A conversão dos católicos ao protestantismo tinha de partir de uma base sólida. O processo de conversão religiosa, individual e lento, exigia, para que alguns objetivos fossem mais rapidamente atingidos, uma estratégia global que influenciasse a sociedade como um todo. Para Mendonça, “a educação constituiu-se num dos importantes níveis da estratégia missionária” (2008, p. 143).

A educação religiosa tornou-se um instrumento importantíssimo na preparação dos seus obreiros e, na propagação das suas doutrinas. Com a Abertura dos Portos em 1808, o Império Britânico estabeleceu acordos comerciais e diplomáticos com Portugal, a fim de apoiá-lo diante da ameaça bonapartiana (francesa). Antes da instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, houve a Abertura dos Portos às Nações Amigas e foram assinados os acordos de Comércio e Navegação, e o Tratado de Amizade e Aliança, formalizados em 1810. Com a presença inglesa, abriu-se a primeira brecha no monopólio religioso do catolicismo, pois os anglicanos ingleses, como membros da Igreja Nacional do Império Britânico, estariam protegidos no direito de exercício de sua religião, mas com muitos limites que salvaguardavam o papel da Igreja Católica no território brasileiro. No artigo XII do Tratado do Comércio e Navegação, definia-se:

Sua Alteza Real, o Príncipe de Portugal, declara, e se obriga no seu próprio nome, e no de seus herdeiros e sucessores, que os vassallos de Sua Majestade Britânica, residentes nos seus territórios e domínios, não serão perturbados, inquietados, perseguidos, ou molestados por causa da sua religião, mas antes terão perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo Poderoso Deus, quer seja dentro de suas casas particulares, quer nas suas igrejas e capelas, que sua Alteza Real agora, e pra sempre graciosamente lhes concede a permissão de edificarem e manterem dentro dos seus domínios. Contanto, porém, que as sobreditas igrejas e capelas sejam construídas de tal modo que externamente se assemelhem a casas de habitação, e também que o uso dos sinos não lhes seja permitido para o fim de anunciarem publicamente as horas do serviço divino (REYLE, 2003, p.47).

O artigo deixa claro que só era permitido aos anglicanos a tolerância de crença e cultos, desde que não procurassem converter a população. Qualquer prática de proselitismo seria uma afronta ao catolicismo. Os anglicanos se estabeleceram no Brasil e Bahia cômicos dos limites religiosos que lhes eram impostos, mas também dos privilégios econômicos e comerciais que a condição de súditos do Império Britânico lhes concedia.

Desta forma, sempre que necessário, recorriam aos acordos e tratados entre Portugal e Inglaterra formalizados em 1810, para assegurar os seus privilégios. Acerca dos resultados destes privilégios, comenta Elizete da Silva:

A partir da primeira década do século passado (XIX), centenas de comerciantes ingleses estabeleceram-se na sede da monarquia e nas principais cidades brasileiras. [...] Foram às colônias britânicas, instaladas nas principais províncias, que trouxeram o anglicanismo para o Brasil, usufruindo de todas as garantias e privilégios concedidos pelo governo luso-brasileiro. (SILVA, 1998, p. 33)

Contudo, o culto anglicano era literalmente “para inglês ver”, o que tornava a religião um fator de manutenção do ethos cultural do país de origem. De fato, eram cidadãos de outra pátria (SILVA, 1998).

Outra experiência significativa desse protestantismo de imigração foi a presença de imigrantes alemães no sul do Brasil, especialmente a colônia alemã de São Leopoldo. A partir de 1824, os luteranos que eram a religião do Estado na Alemanha, se viram despossuídos de direitos sociais, como votar e eleger na política, legitimar casamentos, batismos e funerais. Segundo Dreher (2005), o resultado desse deslocamento foi o primeiro movimento messiânico de matriz predominantemente protestante ocorrido no Brasil, conhecido como a revolta dos Mucker.

As experiências protestantes do século XIX, que diretamente se relacionam com a discussão deste capítulo, foram protagonizadas pelo protestantismo de missão, ocorre a partir dos anos de 1850. Este, por meio de práticas proselitistas e não mais de manutenção dos seus irmãos que se encontravam em outras pátrias, começa a alcançar por meio da pregação do evangelho os povos dos trópicos. Começa, portanto, o grande ideal do protestantismo de missões. Para isto, necessário seria não apenas investir nos missionários e na construção de templos, algo que já acontecia devido a financiamentos que vinham da Junta de Missões de Richmond para missionários batistas. Os protestantismos de missões, sobretudo os batistas, viam a educação como mecanismo ideológico e estratégico para o crescimento denominacional e a firmação das igrejas em solo brasileiro. Como se pode ver na fala de um grande pastor e missionário batista, William B. Bagby: “Tais colégios prepararão o caminho para a marcha das igrejas [...]”. (CRABTREE, 1962, p. 69).

O ensino religioso das igrejas protestantes foi estrategicamente pensado, uma vez que o mesmo serviria como instrumento de proselitismo da fé protestante em um país que

tinha como religião oficial o catolicismo. Segundo Mendonça (2008), os missionários norte-americanos nunca abriram mão da educação enquanto estratégia missionária, pois “estes desempenhavam sempre o duplo papel de evangelistas e professores, não se esquecendo as empresas missionárias de incluir no seu pessoal especialistas em educação, principalmente as mulheres.” (MENDONÇA, 2008, p. 141-142)

A estratégia de usar o ensino como veículo de expansão do protestantismo no Brasil era o plano piloto desses missionários, tanto é que o missionário batista William B. Bagby, que era uma espécie de professor-pregador, ao tomar conhecimento das condições do Brasil sob o ponto de vista de seus objetivos religiosos, estabeleceu seu plano de ação, pois dizia ele:

Tais colégios prepararão o caminho para a marcha das igrejas [...] Colégios fundados nestes princípios triunfarão sobre todo o inimigo e conquistarão a boa vontade até dos nossos adversários. Mandai missionários que estabeleçam colégios evangélicos, e o poder irresistível do evangelho irá avante na América do Sul, e a terra do Cruzeiro do Sul brilhará com a luz resplandecente do Reino de Cristo. (CRABTREE, 1962, p. 65)

Essa visão do protestantismo de missão de, por meio da educação, evangelizar, foi ganhando amplitude, a ponto de chegar à educação teológica. Se, por um lado, investia-se na educação primária e secundária, houve também a necessidade de se preparar pastores brasileiros para estarem na liderança destas igrejas brasileiras. Com isso, iniciam-se os cursos teológicos no Brasil, pensados exclusivamente para homens.

a) Os Luteranos

O ensino teológico no Brasil foi imposto como uma necessidade, sobretudo nas chamadas igrejas de missão, oriundas do trabalho missionário estrangeiro, principalmente norte-americano, como os batistas, presbiterianos, metodistas, embora houvesse grupos, como no caso dos luteranos, que ficaram por algum tempo dependentes da formação em universidades ou centros de estudos estrangeiros.

Os candidatos ao ministério na diáspora, ou vinham diretamente da Alemanha ou saíam do Brasil para realizar os estudos teológicos em universidades alemãs. Somente com o isolamento das comunidades da diáspora provocado pela Segunda Guerra Mundial, surge a necessidade de um curso teológico para suprir tal carência. Por esta razão, criou-se em 1946, a partir do Instituto Pré-Teológico (1927), a Escola de Teologia, embora

apenas em 1958 esta Escola de Teologia passe a fazer parte da Federação Sinodal e, logo em seguida, da IECLB⁵.

A formação teológica na EST (Escola Superior de Teologia)⁶, ainda nos anos 1960 e 1970, continuava refletindo a fortíssima dependência externa da teologia européia, permanece no doutorado no exterior e só se rompe quando o pastor, passa a aproximar-se das novas correntes teológicas que procuram refletir sobre a crise social latino-americana, resultando, por fim, numa aproximação dos luteranos da Teologia da Libertação, respaldados no ministério e na práxis pastoral da IECLB, tanto para buscar um novo referencial teológico como para atender as novas dinâmicas da pastoral do seu tempo.

b) Os presbiterianos

Os presbiterianos, desde o início de sua obra ministerial no Brasil, se preocuparam com a educação teológica dos ministros a serem formados no país. Essa preocupação decorria do fato de que, enquanto na Igreja Luterana a ênfase foi dada exclusivamente às comunidades da diáspora, entre os missionários presbiterianos a preocupação voltava-se para o atendimento aos nacionais em suas necessidades espirituais, como ainda para a formação do quadro de obreiros para a continuidade do ministério.

O relatório do Reverendo Ashbel Green Simonton, de que havia muitas pessoas se convertendo ao cristianismo de vertente protestante, deixava clara a necessidade de haver uma preparação seminarial dos futuros aspirantes ao ministério. Mas esse desejo só se efetiva em 1867, com a formação de quatro seminaristas, entre os quais Antonio Trajano⁷.

Com a criação do sínodo no Brasil em 1888, a preocupação com a criação de um Seminário volta como temática principal, resultando na formação de uma comissão e a designação de professores para a tarefa, que se efetivava na instalação do Seminário Presbiteriano do Sul, em Nova Friburgo (RJ), no ano de 1892, de onde se transfere para

⁵ A sigla IECLB significa Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

⁶ Em 1984, a Faculdade de Teologia passou a constituir a Escola Superior de Teologia (EST). A EST surgiu abrigoando cinco institutos: Faculdade de Teologia, Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa (o atual IEPG), Instituto de Educação Cristã, Instituto de Capacitação Teológica Especial e Instituto de Pastoral. Posteriormente foram criados o Instituto de Música e o Instituto de Formação Diaconal, a Escola Sinodal de Educação Profissional (Esep) e o Instituto Superior de Música de São Leopoldo (ISMSL).

⁷ Almanaque Evangélico Brasileiro para o ano de 1922, p. 59.

São Paulo em 1895 e, para Campinas, onde está até os dias de hoje⁸. Quatro anos depois, isto é, em 1899, seria criado o Seminário Presbiteriano do Norte do Brasil, em Garanhuns (PE), transferido mais tarde, ou seja, em 1921, para o Recife. Eram Seminários que tinham como modelo a Academia de Genebra, com toda a sua ênfase seminarial prática, voltada exclusivamente para a preparação do obreiro. Isso fica evidente no regimento interno do Seminário Presbiteriano do Norte. Os Seminários Teológicos Presbiterianos são instituições de Ensino Superior, com duração indeterminada. Têm como entidade mantenedora a Igreja Presbiteriana do Brasil, e seu objetivo principal é a formação de ministros para a Igreja, bem como desenvolver a pesquisa e os conhecimentos no campo da Teologia. São, portanto, seminários denominacionais. Isso fica claro no artigo segundo do Regimento Interno do Seminário Presbiteriano do Norte,

Artigo 2º. No desenvolvimento de suas atividades, os Seminários procurarão cumprir a sua finalidade, observando os seguintes princípios básicos:

Fidelidade às Escrituras Sagradas, como única regra de fé e prática; Lealdade à Confissão de Fé e aos Catecismos Maior e Breve, como fiel sistema expositivo de doutrina; Obediência à Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil; Igualdade de condições para o acesso e permanência nos cursos; Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, a arte, o pensamento e o saber teológico; Garantia de elevados padrões de espiritualidade e qualidade de ensino; Valorização das experiências pastoral e missionária; Vinculação entre educação teológica, a obra missionária e a vida nas igrejas presbiterianas em todo o território nacional; Oferta de ensino, diurno e/ou noturno, adequado às condições do educando, observadas as necessidades e disponibilidades das igrejas e seminários; Oferta de ensino dentro dos princípios da fé reformada, admitindo que a exposição e análise crítica da pluralidade de idéias e concepções teológicas, filosóficas e pedagógicas, enriquecem e nos levam a firmar ainda mais os nossos posicionamentos bíblico-teológicos⁹.

Fica evidente que a ênfase é dada ao preparo ministerial, em estabelecer e preservar a ortodoxia como regra de fé e vida cristã no âmbito das instâncias eclesiais, com a finalidade de disseminar as primícias do cristianismo reformado.

⁸ Ibidem, p.86-87

⁹ Disponível em: <http://www.spn.br/index.php/o-seminario/politica>, acesso em: 8 de novembro de 2011.

c) Os Metodistas

O metodismo, a princípio não foi pensado e organizado como igreja, denominação ou mesmo seita, o metodismo foi um movimento que, surgiu no interior da Igreja Anglicana, na Inglaterra, isto em 1729. Em seus primeiros sessenta anos, foi chamado de movimento:

É um movimento que se iniciou dentro da Igreja Anglicana, tornando-se, muitos anos depois a Igreja Metodista, primeiro nos Estados Unidos, depois na Inglaterra. Da Igreja Metodista foram formadas outras, com formas de governo, culto e compreensões doutrinárias diferentes. (ALMEIDA, 2011, p. 225)

Para Almeida, a separação da Igreja oficial não estava nos planos de seus principais líderes, os irmãos John e Charles Wesley. Enquanto os dois viveram, o metodismo permaneceu ligado ao anglicanismo, mesmo convivendo numa relação conflitante em decorrência das crenças fundamentais de John e Charles Wesley,

em muito influenciados pela religiosidade medieval dos monges moravianos, pelo livre arbítrio arminiano e pelo pietismo inglês. Os arminianos eram partidários das idéias do teólogo holandês Jacob Arminius (1560-1609) e admitiam que as ações do ser humano o auxiliavam na busca de sua salvação. Os moravianos eram formados por grupos semimonásticos e partidários do pietismo. Remanescente dos seguidores de John Huss, emigraram para a Alemanha e, em 1727, foram organizados por Conde Zinzerdorf. Para os moravianos, a salvação seria obra exclusiva da graça divina, sendo a vida em santidade um sinal de seu alcance. (ALMEIDA, 2011, p. 226)

Para distinguir o movimento metodista dos arminianos, John Wesley esforçou-se em construir uma idéia que estivesse em paralelo com as suas práticas e uma escola de médicos gregos do século I, que buscavam manter a boa saúde por meio de dietas e exercícios físicos. Todo cuidado era tomado para manter a distância das doutrinas de Jacob Arminius, uma vez que o grupo de John Wesley estava sendo identificado com os arminianos dos séculos XVI, por isso que este grupo foi chamado pelos calvinistas da época de metodista, “aqueles que usavam novos métodos de interpretação bíblica” (HEITZENRATER, 1996, p. 18).

Para Heitzenrater (1996), o movimento iniciado pelos irmãos Wesley se transformou numa intrincada rede de Sociedades, Classes e Circuitos. Sociedades designavam, segundo Heitzenrater, de modo geral, os metodistas de uma determinada paróquia.

Quando se reuniam, evitavam utilizar o termo igreja, para evitar qualquer revelia com a paróquia anglicana da localidade.

Segundo Mendonça (1984), é na metade do século XVIII que os metodistas chegam aos Estados Unidos, com as atividades religiosas, naquele país, sendo desenvolvidas por assistentes nomeados por John Wesley. “Os metodistas norte-americanos adotaram a forma de governo eclesiástico centralizado, com a instituição de um bispado para fiscalização dos leigos, dos pastores e das atividades religiosas e educacionais” (ALMEIDA, 2011, p.234).

No século XIX, os Metodistas, Presbiterianos, Batistas e Congregacionais, no bojo do Destino Manifesto, afinaram seus discursos, com a intenção de espalharem os princípios cristãos protestantes no mundo, principalmente nos países pobres, formando populações letradas, laboriosas e obedientes às leis (MENDONÇA, 2008, p. 85). O Destino Manifesto, segundo Vasni Almeida, trata-se de uma doutrina política de fundo teológico:

Traduzia-se na convicção das grandes igrejas protestantes dos Estados Unidos de que esse país tinha sido escolhido por Deus para dirigir as demais nações. As motivações para tal convicção estavam imbricadas na ideologia do desenvolvimento e expansionismo norte-americano e no próprio cristianismo protestante daquele país. O protestantismo norte-americano, alicerçado na desinstitucionalização eclesiástica e no tripé religião-moralidade-educação, com papel normativo e civilizador, traduzia-se na possibilidade de progresso social e religioso ao mesmo tempo. (ALMEIDA, 2011, p. 235)

Assim sendo, os protestantes norte-americanos que vieram para o Brasil, na metade do século XIX, estavam convictos de que na sua missão religiosa estava contemplado o binômio religião-educação, pois acreditavam ser essa a maneira correta de expansão de sua fé.

Missionários metodistas norte-americanos que chegaram ao Brasil a partir do final do século XIX foram portadores de um arrojado projeto de expansão religiosa, que incluía, de um lado, o trabalho de catequese e de implantação da nova denominação, e do outro, a ênfase na educação que, além de servir como estratégia para facilitar sua inserção, também representava um conteúdo considerado altamente modernizador. (BOAVENTURA, 1978, p. 88)

Imbuídos da ideologia missionária de que seria necessário propagar para o mundo a fé protestante, os primeiros metodistas chegam ao Brasil em 1835, no Rio de Janeiro. Nessa época, suas ações religiosas se circunscreveram ao acompanhamento das poucas

famílias inglesas e norte-americanas e dos marinheiros que se encontravam de passagem pela cidade. A partir dos municípios de Piracicaba-SP, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Juiz de Fora, os metodistas criaram várias igrejas e escolas.

Os engajamentos sociais, políticos e pedagógicos dos educadores metodistas, na região de Piracicaba [...] orientavam-se por princípios, cujo modelo era a filosofia liberal norte-americana: “democracia, liberdade individual, liberdade de expressão e religiosa, livre exame da Bíblia, apologia do trabalho, da honestidade e da eficiência. (ALMEIDA, 2011, p. 268)

Para Novaes Neto (1997), o ensino confessional metodista calcado nestes ideais norte-americanos continha a proposta de implantação de uma nova visão cultural, estabelecendo, os “fins e objetivos” do Instituto Granbery, de Juiz de Fora-MG. O Instituto recebe este nome em homenagem ao bispo eleito para comandar a Conferência que se dedicaria à criação de um Seminário para a preparação do ministério, o que se daria dois anos após a instalação da Conferência, isto é, em 1888.

Novaes Neto abordou o ensino do Granbery como sendo irradiador de uma “visão de mundo, uma perspectiva moderna de ensinar o aluno a pensar livremente, a construir um caráter bem formado e a reconhecer os reais valores da vida” (1997, p. 42). Diferente dos seminários presbiterianos, o Granbery torna-se uma instituição de ensino convencional, incorporando cursos como de Farmácia, Odontologia e Contabilidade, conquanto esses cursos se enquadrassem na categoria de cursos técnicos.

A educação escolar metodista foi concebida como meio de transplantar uma nova cultura, propagada como uma real possibilidade de modificar a vivência nas sociedades onde se instalavam igrejas e escolas. Essa mudança cultural se consubstanciou na missão educacional que desenvolveram missionários e missionárias. (ALMEIDA, 2011, p. 269)

Embora havendo a incorporação de novos cursos, Reilly (1980) comenta que o Granbery permaneceu como Seminário único da Igreja Metodista até a década de 1930, quando é inaugurada a Escola Bíblica em Porto Alegre, de onde é transferida para Passo Fundo (RS) em 1937. O Terceiro Concílio da Igreja Metodista Brasileira, que acontece em 1938, não só aprovou como também sancionou a fusão dos dois Seminários em uma única Faculdade, instalada em São Paulo no ano de 1940, de onde foi transferida para São Bernardo do Campo, tornando-se o núcleo da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Segundo Reilly (1980), enquanto os presbiterianos, por conta da abrangência do seu trabalho missionário decidiram pela construção de dois seminários para atender a formação de ministros em todo território nacional, a Igreja Metodista, na maior parte de sua história, concentrou seu raio de ação ministerial no Centro Sul do país, até a década de 1940, quando o curso teológico é transferido da zona da mata mineira para o ABC paulista com a instalação da Faculdade de Teologia, fruto da UMESP.

Reilly (1980) deixa claro a inversão na metodologia teológica desta Faculdade, tendo em vista que os Seminários presbiterianos, batistas e pentecostais seguiam uma premissa de formação seminarial apologética e denominacional, enquanto que os metodistas, como os luteranos, não levavam isso muito a sério. As diretrizes que regem o ensino teológico metodista afirmam que serão estabelecidos currículos fundamentais nas bases teológicas reconhecidas pela Igreja Metodista, com vista a:

- Mudanças da prática pastoral, na ação do laicato e da igreja local;
- Mudanças na metodologia do trabalho teológico a partir do povo;
- Mudanças no programa de educação teológica destinado a leigos e pastores por meios formais, não formais e informais;
- Dever-se-à oferecer aos professores oportunidades de permanente atualização e aperfeiçoamento.

No que tange às dimensões sociais de relacionamento, tanto no contexto institucional como no contexto de igreja e social, o documento rege o seguinte:

A metodologia do trabalho, em todos os níveis, terá relação direta com a realidade dos menos favorecidos da sociedade brasileira, visando ao processo de libertação; O trabalho teológico se fará numa dimensão profética e, para isto, deverá manter a necessária autonomia em relação aos órgãos superiores da Igreja; O trabalho teológico deverá estar preferencialmente integrado à vida universitária mais ampla; A educação teológica será enriquecida pelo contato com outras igrejas, inclusive em outros países, sem que isso prejudique aspectos confessionais metodistas. (REILY, 1980, p. 355).

A formação seminarial metodista contempla não apenas uma aproximação com a universidade, como também uma dinâmica pastoral voltada para a Teologia da Libertação.

d) Os Batistas

Segundo Elizete da Silva (1998), há três correntes principais de interpretação das origens batistas:

Antipedobatista	Sucessão Apostólica	Separatistas
Os batistas descenderiam dos grupos que, ao longo da história do Cristianismo, anteriores ao surgimento da denominação, lutaram contra o batismo infantil. Os principais defensores da tese foram os ingleses Thomas Crosby em <i>The History English Baptists</i> de 1740, e Joseph Ivimey em <i>History of the English Baptists</i> de 1830.	Os batistas descenderiam dos grupos que, desde os tempos apostólicos, dos ministérios de João Batista, de Jesus Cristo ou das comunidades cristãs primitivas, preservaram as sãs doutrinas em meio aos desvios históricos que aconteceram na história do cristianismo. E, com isso, rejeitavam qualquer filiação à Reforma Protestante. O principal defensor desta tese foi J. M. Carrol em seu livro <i>Rastros de Sangue</i> , muito difundido entre os batistas no Brasil desde o século XIX.	A Denominação Batista originou-se no contexto do movimento separatista na Inglaterra. O puritanismo e a Guerra Civil Inglesa do século XVII fizeram surgir muitos grupos dissidentes da Igreja Anglicana, defensores da separação entre Igreja e Estado, e do batismo por imersão de fieis adultos. Os movimentos mais radicais teriam sido influenciados pelos anabatistas do século XVI. O principal defensor da tese foi Guilherme Whitst em <i>A Question in Baptist History. Whether the Anapabtists in England Practiced Immersion Before the Year 1641.</i>

FONTE: Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia (SILVA, 1998).

Para Elizete da Silva, devido à intensa disseminação do livro *Rastros de Sangue*, a interpretação mais difundida entre os batistas brasileiros sobre as origens da Denominação Batista foi a da Sucessão Apostólica, embora para a autora a interpretação que defende a influência das idéias anabatistas do século XVI possua mais respaldo histórico:

É mais coerente, historicamente, admitir que, concomitantemente à reforma luterana, calvinista e inglesa, desenvolveu-se no século XVI uma tendência reformista mais radical que as anteriores, seguida por populações de baixa renda, a qual ficou conhecida pela designação geral de anabatistas ou rebatizadores. As convicções e as práticas anabatistas têm uma estreita relação com o corpo doutrinário e alguns aspectos da ética batista, a saber, batismo por imersão de adultos, Igreja constituída de elementos que são batizados como convertidos; eleição dos pastores e oficiais pela própria comunidade local; governo congregacional, onde cada congregação delibera e toma suas decisões; e separação do Estado. (SILVA, 1998, p 30-31)

Os batistas aportaram no Brasil em 1881, primeiramente como mais uma denominação a servir aos imigrantes norte-americanos de Santa Bárbara D'Oeste, em São Paulo. Neste momento, os batistas da colônia norte-americana estavam mais preocupados em atender a demanda religiosa dos imigrantes que buscavam reconstruir suas vidas no Brasil após a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, do que em lançarem-se à evangelização dos brasileiros. A atividade missionária entre os brasileiros ocorreria de fato na Bahia, com a criação da Primeira Igreja Batista do Brasil, pelo casal William Bagby e Anne Bagby, juntamente com o casal Zacarias Taylor e Katarine Taylor, que haviam estudado o português ainda na colônia de Santa Bárbara D'Oeste, num colégio presbiteriano.

Os anos entre 1907 a 1930 foram periodizados por A.N.Mesquita, autor do segundo volume da História dos Batistas no Brasil, em três momentos: organização (1907-1909), expansão (1910-1925) e consolidação (1926-1935). Esses três estágios foram apresentados como etapas a serem percorridas a cada nova missão batista a ser implantada. A trajetória da denominação assim periodizada visava definir identidades e orientar práticas.

O conceito de campo missionário articulou as fases de organização, expansão e consolidação, como etapas para a abertura constante de novas frentes missionárias. Segundo Marli Geralda Texeira (1983), duas interpretações do conceito de campo missionário se fizeram presentes na literatura e publicações oficiais batistas: primeiro, o campo enquanto sinônimo de missão; e segundo o campo enquanto locus de atuação de uma Junta Missionária. O primeiro sentido de campo, como sinônimo de missão, ocorria quando a denominação sentia a necessidade de atingir estrategicamente uma região onde ainda não se fazia presente. O segundo, sentido como locus de atuação de uma Junta Missionária, era definido quando havia uma mobilização de recursos físicos e religiosos para o campo já consolidado. (TEIXEIRA, 1983)

Como os demais grupos protestantes no Brasil, os batistas também criaram escolas anexas aos templos para educarem os filhos dos fiéis e investiram também em colégios para a educação da elite brasileira.

Missionários e missionárias, sobretudo essas últimas, traziam para a educação brasileira uma pedagogia mais avançada em relação ao que era feito na época, com classes mistas, como por exemplo, educação musical, mulheres no ensino, e com a educação de todos os alunos e em todos os cursos direcionados para o trabalho nos moldes do pragmatismo americano. (ALMEIDA, 2006, p. 54)

Importante destacar a criação do Colégio Taylor Egídio, em Salvador, no ano de 1898, graças aos esforços de um Capitão da Guarda Nacional convertido às doutrinas batistas, chamado Egídio Pereira, em colaboração com o missionário responsável pelo campo baiano no período, Zacarias Taylor. Colégio que mais tarde seria transferido para Jaguaquara (CRABTRE, 1962).

“Os batistas pretendiam evangelizar também indiretamente através dos educandários que formariam a consciência de futuras gerações e inculcariam princípios evangélicos nos filhos das melhores famílias baianas e brasileiras” (TRABUCO, 2009, p. 41). Para Crabtre o investimento nos educandários era uma questão civilizatória:

É simplesmente impossível que a religião evangélica concorra com o catolicismo sem se munir do poder e da influência da educação. Cada sistema tem a sua ideologia e as suas vantagens. Nós evangélicos, estamos plenamente convencidos da superioridade dos nossos ideais, mas como o povo culto em geral não aceita o Evangelho, antes de ficar convencido da superioridade da cultura evangélica.

Afinal de contas a evangelização do Brasil implica no conflito dos dois sistemas e o resultado dependerá da possibilidade de demonstrar a superioridade do cristianismo evangélico. Não será fácil no Brasil onde a vantagem do treinamento de séculos está com os católicos. Os ideais, o modo de pensar, as instituições políticas e domésticas, os costumes e hábitos sociais do povo, o coletivismo social, são influenciados e formados pela religião católica, e naturalmente existem entre os próprios evangélicos os princípios de democracia e individualismo. É justamente no campo da educação que o Evangelho produz os seus frutos seletos e superiores, homens preparados para falar com o poder à consciência nacional. (CRABTREE, 1962, p. 139-140)

Entre os próprios missionários norte-americanos, havia discordâncias sobre se a maioria dos recursos e esforços deveria se concentrar no campo da educação institucional ou na evangelização das massas. Apesar dos batistas serem mais proselitistas que as demais denominações do protestantismo de missão e concentrarem muitos esforços na evangelização, para Elizete da Silva “os missionários da Junta de Missões Estrangeiras de Richmond foram gradativamente fazendo a opção pela educação, enquanto o corpo de obreiros e fieis nacionais que ia se formando pretendia expandir a obra batista entre os brasileiros e assim tornar os batistas uma denominação nacional”. (SILVA, 1982)

Diferentemente do metodismo, a obra evangélica dos batistas atravessou o país do Sul para o Norte, mas, mantendo a dinâmica verificada no metodismo e no presbiterianismo, de associar a educação e o projeto educacional à formação seminarial.

A própria fundação do Seminário Batista do Norte do Brasil (STBNB), no Recife (1902), obedece a essa dinâmica, pois, é uma escola de formação pastoral instalada num edifício que também funciona como colégio. Assim, o Colégio Americano Batista funcionou também como formação seminarial. Os missionários canadenses dedicados ao colégio (H.H Murihead) trabalhavam com os norte-americanos que administravam o Seminário (Jefte Hamilton). Contudo, o Seminário do Recife teve desenvolvimento insipiente, diferentemente do que aconteceu no Rio, onde a CBB teve desde o início a preocupação de erigir um Seminário e colégio anexo de dimensões realmente modelares. (CRABTREE, 1960, p. 137)

A décima terceira (13ª) Convenção Batista Brasileira, que ocorreu no Rio de Janeiro, em 1922, tinha em pauta a descentralização seminarial da denominação. O fato é que o Seminário do Rio se transformou na principal porta de entrada para o ministério. E essa centralização oficiosa dessa formação seminarial no Centro-Sul ficou ainda mais patente quando da fundação da Faculdade Batista de Teologia em São Paulo (1957), que, embora não tendo as características de internato, como suas congêneres do Recife e do Rio, atendia muito bem à necessidade de formar, sobretudo, pastores que se habilitassem ao ministério e que não podiam ingressar nos seminários regulares, por já estarem casados ou por razões profissionais. Logo depois, isto é, em 1963, ocorre a fundação do Seminário Teológico Batista Fluminense, que, por sua vez, fica subordinado, com o passar do tempo, à Convenção Batista Fluminense.

Três anos depois da fundação do Seminário Fluminense, é criado o Instituto Teológico Batista Equatorial, em Belém. Já que ao Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil somam-se uma Faculdade e um Seminário para formação especificamente local, o Norte-Nordeste permanece na dependência do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, até a fundação do Instituto Teológico do Pará.

Uma peculiaridade da formação teológica batista é que todos têm a convicção de terem sido comissionados por Cristo para serem missionários e missionárias, aonde quer que estejam, e aonde quer que vão. Mas algumas pessoas acreditavam ser portadoras de “um chamado especial”. Isso quer dizer que homens e mulheres seriam preparados nos seminários batistas para dedicarem sua vida, em tempo integral, ao exercício missionário. Após o término do curso teológico ou de educação religiosa, poderiam obter oficialmente o título de missionária, missionário ou pastor. Contudo, as mulheres não poderiam ser pastoras, apenas missionárias, enquanto os homens poderiam sê-lo

assim que desejassem. A princípio, não existia uma hierarquia entre os cargos de missionário e pastor. Mas, no que diz respeito à missionária, o pastor sempre representava uma instância superior.

As mulheres que se dirigiam ao Seminário, via de regra, não faziam o curso de teologia, que era um curso de “perfil masculino”, uma vez que só homens se tornavam pastores, enquanto as mulheres que adentram às casas de formação batista normalmente fazem o curso de educação religiosa ou o curso de música sacra.

Se o curso de teologia era eminentemente masculino, o curso de educação religiosa era predominantemente feminino. As alunas cumpriam um currículo básico de teologia, composto, em sua maior parte, por disciplinas de introdução bíblica, como introdução ao Antigo Testamento e introdução ao Novo Testamento. A outra parte do currículo era composta por disciplinas pedagógicas, além de outras que ensinavam noções de música e técnicas de enfermagem.

e) Os Assembleianos

Parece existir uma semelhança entre o progresso da obra evangélica assembleiana e a luterana, obviamente no que diz respeito ao espaço de tempo que separa a abertura dos primeiros trabalhos e a fundação dos educandários destinados ao provimento de ministros devidamente formados para o atendimento das comunidades. Já foi dito, mas apenas com um propósito de apresentar essa semelhança é que falaremos novamente que, só depois de quase um século, desde o surgimento dos primeiros núcleos de colonização no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, é que os luteranos da diáspora passaram a contar com um seminário regular (Ilseburg) para formação de pastores para as comunidades da América do Sul. No caso da Assembléia de Deus (AD), entre a instituição da denominação como pessoa jurídica (1911) até a abertura do primeiro Instituto Bíblico em 1958, já a regularização deste seminário e dos demais cursos só aconteceu na XX Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB), em 1968, ou seja, uma duração de quase meio século.

O Instituto Bíblico da Assembléia de Deus (IBDA), assim como o Instituto Bíblico Pentecostal (IBP), se estruturaram como institutos altamente confessionais, ou seja, verdadeiros porta-vozes da visão teológica assembleiana.

O desenvolvimento do sistema seminarial assembleiano segue um caminho radicalmente diverso de todas as suas congêneres protestantes. O sistema seminarial assembleiano se desenvolveu, segundo Araujo (2007), à revelia da própria CGADB e até com certa oposição da mesma, já que, desde a X Convenção, realizada em Natal (1948) a denominação, se posicionou totalmente contrária à educação teológica. Havia uma total hostilidade entre os assembleianos em relação aos institutos bíblicos, como pode-se ver na fala de Isael de Araujo: “o IBAD não foi uma iniciativa institucional e oficial das Assembléias de Deus” (2007, p. 387). Gedeon Alencar é mais enfático, ao dizer: “nos primeiros anos, muitos alunos, ao se inscreverem nesse curso e outros que surgiram a partir de então, foram ‘disciplinados’ por suas igrejas e, em geral, os formandos em teologia tinham muita dificuldade de se inserirem no ministério pastoral” (2010, p. 92). Essa postura, não tem conexão com as ADs dos EUA, onde sempre houve preocupação com a formação teológica de suas lideranças. Para Gedeon, Alencar essa postura reflete os preconceitos e hesitações antinomistas que sempre existiram da parte dos missionários suecos, mais avessos ao ensino teológico formal, do que os norte-americanos que vinham para o Brasil depois de terem passado pelo crivo dos institutos bíblicos estadunidenses.

Outra questão surgida nessa acalorada discussão teológica, diz respeito a que tipo de formação esses ministros receberiam. Mesmo nas fases mais intensas do debate teológico, a posição da CGADB nunca foi, muito clara quanto ao tipo de formação que seria oferecido aos seus ministros, pois oscilava entre a seminarial, que era de orientação norte-americana, ou das escolas bíblicas de curta duração, que era de orientação sueca, isso em virtude das influências de ambos os grupos. Essa dificuldade permeia vários documentos congregacionais assembleianos, especialmente no período que vai de 1930 até a convenção de Natal, período no qual a influência da Missão Sueca é mais forte. Para Silas Daniel (2004), a IV CGADB, realizada em João Pessoa em 1935, fala da criação de três escolas bíblicas no Norte, Nordeste e Sudeste; a VI CGADB, realizada em São Paulo em 1937, retoma a discussão da criação dessas três escolas informais de teologia e propõem que a igreja local custeie parte das despesas dos participantes.

O terceiro aspecto diz respeito à elaboração dos currículos. Como o IBAD e o IBP somente foram reconhecidos a posteriori pela própria CGADB, essa discussão sobre o que ensinar e a formação de quadro docente também se daria muito tardiamente. Na

XXI CGADB, em Niteroi, em 1971, foi criada a “Comissão de Educação Religiosa que deveria elaborar o esquema de um currículo que, seria adotado pelas escolas bíblicas permanentes e institutos congêneres” (DANIEL, 2004, p.409). Segundo Silas Daniel, a CGADB reconhecia meio século depois, oficialmente, os institutos bíblicos e, no caso das escolas bíblicas, mostrava-se pela primeira vez preocupação com a fundamentação teológica e organicidade curricular das mesmas. Contudo, segundo o autor, apenas na XXIV CGADB, que ocorreu em Recife no ano de 1977, é que finalmente a Convenção Assembleiana elaboraria uma proposta para os currículos dos estabelecimentos de ensino da denominação, como fica claro nestas duas resoluções:

A primeira Resolução, que é a de número três (3), de 20 de janeiro de 1977, “dá nova denominação à Comissão de Educação e Ensino sobre assuntos religiosos”, tendo como proponente o pastor Manoel Ferreira. A convenção resolve: “Passa a denominar-se Comissão de Educação e Cultura Religiosa a Comissão de Educação e Ensino sobre Assuntos Religiosos.” (DANIEL, 2004, p. 454)

Na segunda Resolução, a de número quatro (4), que é de janeiro de 1977, amplia-se a competência da Comissão de Educação e Cultura Religiosa. Seu proponente na época foi o pastor Joanyr de Oliveira. Após a discussão, a Convenção Geral resolve ampliar, conforme se segue, a competência da Comissão de Educação e Cultura Religiosa:

Examinar os currículos a serem adotados pelos educandários vinculados às igrejas ou convenções, especialmente as Escolas Bíblicas permanentes e congêneres, como também as alterações introduzidas nesses currículos. Fiscalizar rigorosamente, nas secretarias dos referidos educandários, os planos e conteúdos dos cursos que se atenham aos princípios fundamentais da Palavra de Deus, segundo a orientação mantida pelas Assembléias de Deus no Brasil. Reconhecer cursos teológicos, desde que atendam as exigências da letra. Expandir certificado de reconhecimento a educandários e instituições culturais vinculadas a igrejas ou convenções, bem como cassar esses certificados por motivo justo, sendo assegurado o amplo direito de defesa, e ainda, declarar o não reconhecimento das instituições. Expandir certificado de ministro evangélico – mediante a apresentação, pelo interessado, de documentação hábil – que será assinado pelo presidente da Convenção Geral, pelo 1º secretário, pelo secretário geral e pelo presidente da comissão. Expandir certificados sobre o bom nível dos programas radiofônicos ou outros quaisquer veículos de divulgação, mantidos pelas igrejas e opinar sobre eles. (DANIEL, 2004, p. 454-455)

As duas resoluções aprovadas no Recife resolveram, dois problemas que afetavam diretamente a denominação assembleiana. Por um lado, ao se reservar o direito de formular e sancionar os currículos escolares dos institutos bíblicos, a CGADB deu a

estes uma característica ao mesmo tempo denominacional e pastoral, ou seja, os institutos bíblicos saíam da condição de meras ampliações das escolas bíblicas para serem efetivamente centros de formação ministerial, com todo o aparelhamento acadêmico voltado para educação teológica prática. A outra questão, ao subtrair das igrejas locais o direito de emitirem certificados de ministro, a Convenção rompeu com uma prática que remontava aos tempos da Missão Sueca, de consagrações aleatórias e não poucas vezes inconsequentes, fato ainda mais agravado por se tratar da falta de qualquer cultura teológica. Com isso, superava-se definitivamente um período da história das AD, bem como do movimento pentecostal brasileiro, que o pastor Walter Brunneli, da AD Bereana e que durante anos dirigiu o Instituto Bíblico de Santos, comentou com bastante propriedade:

A Assembléia de Deus no Brasil é sem dúvida, a maior denominação evangélica. Mas, como todo crescimento tem um preço a pagar, a nossa igreja sofreu algumas consequências desse crescimento, por não ter dado ênfase a um aspecto de fundamental importância. Sofremos hoje problemas de infra-estrutura, por não ter havido no passado uma preocupação maior com a educação teológica. A ênfase demasiada na obra do Espírito Santo talvez tenha originado o conceito de que era desnecessária qualquer preocupação nesse sentido. Eu creio que nós caímos num tipo de pietismo que levava as pessoas a dizerem coisas exageradas e a quererem que o Espírito Santo as endossassem. Deveria haver um equilíbrio, e só mesmo um conhecimento aprofundado da palavra de Deus poderia levar os nossos obreiros a esse estado de equilíbrio. (DANIEL, 2004, p. 480)

Essa não preocupação com uma educação religiosa e a ênfase demasiada no Espírito Santo, presente na fala do pastor Brunneli, revela o que Siewierski (2003) chama de mudança no eixo hermenêutico pentecostal, pois, para o autor, a saída dos pentecostais da crença demasiada na corrente pré-milenarista¹⁰ para a crença no pós-milenarismo¹¹, favoreceu a abertura dos pentecostais, sobretudo os assembleianos, em relação à

¹⁰ O pré-milenarismo advoga que, após seu retorno, Cristo estabelecerá seu reino na terra por um período antes da consumação final da história humana. Esse período pode ou não ser literalmente mil anos. Será um período de paz, justiça e prosperidade só possível porque, em seu início, Satanás será acorrentado, permanecendo assim até o fim do período, quando será libertado por um breve momento e, então, lançado no lago de fogo, onde permanecerá eternamente (SIEPIERSKI, 2003, p. 79). Assim sendo, o pré-milenarismo é responsável pela separação do mundo característica do pentecostalismo. Essa separação revela-se, no desprezo ao prazer, no isolamento cultural, na passividade sociopolítica e no pessimismo em relação a qualquer esforço para transformação da sociedade.

¹¹ O pós-milenarismo defende que o reino messiânico já foi inaugurado por Cristo na terra em sua primeira vinda. Esse reino exerce uma influência sociocultural na civilização, expandindo-se gradualmente no decorrer da história humana. Eventualmente, tal influência será tamanha que a humanidade alcançará um período de paz, justiça e prosperidade, ou seja, o milênio. O clímax desse milênio será o retorno de Cristo (SIEPIERSKI, 2003, p. 80).

formação acadêmica e em relação ao mundo, seja ele sócio-político como também sociocultural.

Ao contrário do pré-milenarismo, que aguardava o iminente retorno de Cristo, o pós-milenarismo afirma que o retorno de Cristo será em um futuro distante e imprevisível. De fato, a negação do retorno iminente de Cristo é um dos principais traços do pós-milenarismo. Isso elimina o sentimento de separação do mundo, característica do pré-milenarismo. Como Cristo não retornará imediatamente, e como a melhora da sociedade é pré-condição para seu retorno, os pós-milenaristas são convocados a efetuarem transformações sociais. (SIEPIERSKI, 2003, p. 84)

Daí o interesse dos assembleianos na política, a saída de muitos para o mercado de trabalho, a penetração de muitos nas universidades, a qualificação dos obreiros, o anseio dos mesmos em relação a uma formação teológica de qualidade.

Tratando-se do ministério feminino na Igreja Assembléia de Deus, consta que, na primeira Convenção Geral das Assembléias de Deus (CGADB), realizada de 5 a 10 de setembro de 1930, foi feita uma solicitação por Gunnar Adolf Vingren para ordenar as mulheres:

Vingren era fervoroso defensor do ministério das mulheres na Igreja, chegando a separar uma diaconisa no Brasil, o que na época criou certa polêmica entre os líderes assembleianos. A primeira diaconisa das Assembléias de Deus no Brasil foi a irmã Emília Costa, consagrada por Vingren no Rio de Janeiro em 1926. (CONDE, 2001. p. 34)

As mulheres da Assembléia de Deus podem assumir cargos no Círculo de Oração, também podem ser consagradas ao Diaconato e assim receber autorização para organizar o culto e atuar na área social. Há algumas que atuam como missionárias. Mas, para o exercício do ministério pastoral há muitas dificuldades. Por exemplo, na Convenção Geral de 2001, realizada de 15 a 19 de janeiro de 2001, consta que:

A sessão plenária da manhã de 17 tratou inicialmente de assuntos relacionados ao batismo nas águas e sua aplicação conforme a Bíblia. Um dos temas mais esperados foi o que tratou da aceitação do pastorado para as mulheres. A votação foi rápida e fulminante, sendo rejeitada por maioria esmagadora de votos. Dos cerca de 2,5 mil ministros presentes à sessão, apenas três foram favoráveis à ordenação de pastoras. (DANIEL, 2004, p. 555)

CAPÍTULO II

O MOVIMENTO FEMINISTA ENQUANTO PROJETO DE EMANCIPAÇÃO PARA O PASTORADO FEMININO

A discussão de gênero sempre foi conceito central das ciências humanas, uma vez que o papel social sempre foi definido com base em padrões e/ou normas de comportamento que se esperavam daquele que ocupa determinada posição na estrutura social, que, neste caso em particular, sempre foi o homem visto como protagonista principal da história, enquanto a mulher sempre teve seu papel silenciado por essa historiografia unilateral que privilegiou tanto a ação como o desempenho masculino. Não havia como esperar senão uma postura como esta, em uma sociedade regida pelo patriarcalismo, na qual homens e mulheres não são iguais. São fisicamente diferentes, comprovado “cientificamente” pela Biologia e, tratando-se do aspecto social, ainda não possuem os mesmos direitos.

Para Heleieth Saffioti (1997), desde o momento em que os homens criaram as normas e que, diferentemente das mulheres, nem sempre estiveram obrigados a cumpri-las, estas já se manifestavam transgressoras. Estavam sempre transgredindo leis e normas impostas a elas. Esses diversos anos de luta tiveram seu auge entre as décadas de 1920 e de 1930, nos Estados Unidos, sendo a principal reivindicação deste período o direito ao voto. Momento sufragista, que, por sua vez, já era um movimento contestatório contra a idéia de que a diferença biológica interferiria na capacidade de votar em pleitos eleitorais e na escolha de líderes governamentais. Essas primeiras conquistas feministas se limitavam ao direito, a uma participação igualitária no processo eleitoral.

Até a década de 1960, o movimento manteve-se nos bastidores, reacendendo com toda força nos movimentos de massa dos anos 1970. (LOURO, 1999, PIERUCCI, 1999, STREY, 2000, NICHOLSON, 2000). Mesmo que o Movimento Feminista tenha se organizado como tal somente no século XX, sempre houve mulheres com uma visão aguçada e pormenorizada do princípio de igualdade entre os sexos:

Entre as precursoras do feminismo estão Olympe de Gouges, com a Declaração dos Direitos da Mulher, de 1791, e Mary Wollstonecraft, com seu livro Reivindicação dos Direitos da Mulher, de 1792. Em suas obras, ambas questionavam a falta de acesso das mulheres à educação e a impossibilidade do exercício pleno da cidadania. (DEIFELT, 2003, p. 171)

O Feminismo, ser um movimento social e político que buscava a equiparação de direitos e deveres entre homens e mulheres, passa a trabalhar a construção de análises no campo teórico, relacionadas ao conceito de gênero. Para Louro, “o conceito de gênero tem um apelo muito forte que é o de relacionai” (1999, p. 37). Logo, entende-se que é no campo das relações sociais que se constroem os gêneros. Assim sendo, gênero refere-se ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas, ou então como são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico.

Categoria gênero: uma experiência socialmente construída

Diante de tantas mudanças, é na década de 1970 que o movimento toma novas direções, a busca por igualdade, mesmos direitos, não só políticos, mas também trabalhistas, e até mesmo por liberdade sexual, respeitando, as diferenças existentes entre, não só os sexos, mas também os gêneros. Gênero, como categoria analítica, surge neste momento como uma tentativa de compreender a subordinação imposta às mulheres no decorrer da história.

Parece consenso entre as autoras feministas, que gênero surge como categoria para dar um caráter mais teórico aos estudos feministas. Surge para mostrar que entre homens e mulheres não há uma diferenciação apenas sexual, mas, para mostrar que a diferenciação é também social e se baseia numa construção histórica de dominação masculina. Logo, gênero passa a ser constituinte do movimento feminista (BARBIERI, 1993; SAFFIOTI, 1997; HEILBORN, 1999; NICHOLSON, 2000).

Para Maduro (1997), a discussão de gênero dentro do movimento feminista tem a tarefa de negar que a construção hierárquica das relações entre mulheres e homens seja uma derivação natural das diferenças biológicas. Com isto, não se nega a diferenciação natural e biológica entre ambos, mas contesta-se que esta diferença seja motivo para oprimir, e percebe-se que esta diferenciação se faz sob a forma ideológica dominante. É notório perceber o uso da Bíblia, como instrumento ideológico, para enfatizar que a mulher é o sexo mais frágil e, com essa justificativa, vetava-se a possibilidade de se ter a mulher no ministério pastoral. Contudo, gênero torna-se, deste modo, um instrumental importante para entender não só o lugar secundário das mulheres na igreja e na sociedade, mas também em seu potencial transformador da realidade.

Para a pesquisadora Sampaio (2005), as contribuições das teorias de gênero precisam ser analisadas como

Referencial de análise que se baseia nas concretas relações sociais de poder e que se estrutura na realidade relacional dos seres humanos, resultando em processos de superação da concepção que isola a mulher ou o homem como categoria específica e exige que a relação mesma entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, homens e homens seja foco da análise, bem como a identificação da diversidade inerente a esses grupos sociais. (SAMPAIO, 2005, p. 47-48)

A categoria de gênero, ao mesmo tempo em que prioriza o específico das situações concretas de cada pessoa, o faz de maneira que todos os âmbitos relacionados a esta especificidade sejam incluídos.

Segundo Freitas, “gênero é uma construção social e cultural, um modo de ser no mundo. Com isto, não exclui outras dimensões do social, pelo contrário, exige uma abordagem ampla e multidisciplinar”. (FREITAS, 2003, p. 17). Joan Scott vai mais fundo ao colocar seu posicionamento quanto à discussão da polaridade e da oposição binária: “Temos a necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual”. (SCOTT, 1995, p. 84). Sendo assim, os condicionamentos de gênero não são vistos de forma isolada, mas como um elemento dentre uma multiplicidade de diferenças que se entrecruzam. Logo, a categoria de gênero traz à luz, “todo um sistema de relações de poderes baseado no papel social, político e religioso de nossa realidade de seres sexuados”. (GEBARA, 2000, p. 105)

Fica evidente que, dentre as práticas do movimento feminista, existe a preocupação de dar a devida importância à experiência em sua análise das situações e contextos. A experiência de vida, o contexto e a cultura, lugar de concreticidade da vida das mulheres e dos homens, tornam esclarecedor, compreensivo, ao mesmo tempo em que transformam e modificam as relações das pessoas com as outras e consigo mesmas. Ressaltar esta experiência é resgatar e considerar os acontecimentos nos contextos e culturas onde se centram.

São exatamente estas experiências que este trabalho busca conhecer, uma vez que são as experiências que mapeiam as posições políticas, as percepções perante a vida, que modificam rumos traçados. Para Deifelt, “a noção de experiência inclui várias facetas da vida humana, juntando todos os diferentes eventos que formam, informam, deformam e conformam a vida da mulher” (DEIFELT, 2003, p.173). Neste sentido, a mediação de

gênero é uma ferramenta para compreender esta complexidade, além de ser também um instrumento a serviço da autoconstrução feminina e da construção de relações mais fundadas na justiça e na igualdade a partir do respeito pela diferença. Assim sendo, a partir das discussões sobre gêneros, várias instâncias divulgaram suas idéias, como revistas, universidades e Seminários Teológicos, que, aos poucos, possibilitam uma nova leitura a partir de uma nova hermenêutica teológica, que permitisse a presença feminina em locais que majoritariamente foram ocupadas por homens, como o pastorado.

O lugar da mulher na igreja: uma leitura a partir da teologia feminista

Pensar a história da mulher na igreja é um processo que evoca e provoca sentimentos extremamente contraditórios. De um lado, brota uma dor profunda em virtude de uma longa história de exclusão e silenciamento das mulheres nas igrejas, que, por sua vez, era justificada biblicamente, por ter sido criada a partir da costela de Adão e ter pecado primeiro – carregando o estigma de ser a criadora do pecado original (Gênese, capítulos 2 e 3). Depois, a interpretação paulina de que a mulher deve permanecer calada na Igreja (I Coríntios cap. 14.34). Outra interpretação paulina, agora a de aprender em silêncio, com toda a sujeição (I Timóteo 2.9-15), são palavras que produzem e legitimam a subordinação da mulher ao homem no casamento, a exclusão das mulheres dos cargos diretivos na igreja e na sociedade. Com esses referenciais bíblicos, afirmam-se a “inferioridade tanto ôntica como ética da mulher” (GIBELLINE, 2002, p.428). Esses referenciais estão na base do processo de hierarquização, clericalização e exclusão do ministério das mulheres na igreja, nos séculos III e IV. Nessa época, a exclusão foi justificada teologicamente por Tertuliano, que, em seus escritos, defendia que as “mulheres deveriam zelar pela sua honra, recato e pudor, não assumindo cargos públicos” (DEIFELT, 2001, p.358).

Por outro lado, por intermédio da teologia feminista aflora uma nova história, que desvela o protagonismo de mulheres nos tempos bíblicos e também ao longo da história da igreja cristã. Destacam-se mulheres como “Priscila (I Coríntios 16.19; Romanos 16.3; Atos 18.1-2), Nínia (Colossenses 4.15), Lídia (Atos 16.15,40), Júnica (Romanos 16.7) e Febe pela função de liderança que exerciam nas primeiras comunidades cristãs” (DEIFELT, 2001, p.360).

Na Idade Média, muitas mulheres extrapolaram esses espaços, a saber, Heloisa (Século XII), Hildegard de Bingen (século XII). No movimento dos Valdenses, iniciado em 1173, havia mulheres pregadoras e, no grupo de Cátaro (descoberto no século XII), havia mulheres sacerdotisas.

Essas leituras vão ser realizadas por teólogos (as) a partir da década de 1970, sendo este, o momento em que o feminismo vai influenciar a teologia e questionar o lugar da mulher nos próprios textos bíblicos e o seu lugar dentro da igreja.

As mulheres argumentam que qualquer interpretação que sustentasse a não ordenação de mulheres para o ministério pastoral, estaria sendo retirada de seu contexto, pois, segundo elas, esses textos só se justificam dentro da época em que foram produzidos, posto que refletem aspectos sócio-culturais (de uma “cultura patriarcal”), não podendo ser utilizados nos dias de hoje, quando é esperado o rompimento com tais estruturas e não a sua perpetuação. (MIRANDA, 2009, p 58-59)

Fabíola Rohden (1995) comenta que, no Brasil, muitas feministas não concebiam a convivência entre feminismo e religião, por considerarem a impossibilidade de conviver com uma “religião patriarcal”, identificada como o principal suporte ideológico da dominação masculina. Mas é justamente neste momento, nas décadas de 1960 e 1970, que, na América Latina, “nasce uma série de movimentos populares, que seriam mais tarde responsáveis por uma forma de articulação entre pertencimento religioso e consciência de uma identidade política feminina.” (ROHDEN, 1995, p.12)

Na Igreja Católica, são as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e sua opção preferencial pelos pobres que irão proporcionar uma maior participação e envolvimento popular. Na década de 1980, as mulheres já estão mobilizadas e a incorporação da Teologia da Libertação vai proporcionar a elas uma entrada efetiva na Teologia, enquanto “sujeito” e “objeto” teológico. Isto é, as mulheres teólogas começam a, fundamentalmente, escrever artigos teológicos e se propõem a dar maior visibilidade às mulheres na Igreja. Faz-se importante nomear o que está exposto e o que não está exposto, como ressalta Elizabeth Fiorenza, ao retratar os textos bíblicos narradores das histórias de Jesus:

Se o silêncio sobre a experiência e contribuição históricas e teológicas de mulheres no movimento cristão primitivo é gerado por textos históricos e redações teológicas, devemos encontrar caminhos para romper com o silêncio do texto e derivar significado de uma historiografia e teologia androcêntricas. Ao invés de entender o texto como adequada reflexão da realidade sobre o que o texto fala,

devemos buscar chaves e alusões que indiquem a realidade sobre o que os textos calam. (FIORENZA, 1992, p. 65)

Nas igrejas protestantes, já em 1970, nos Estados Unidos, começa a decisão de ordenar mulheres e elas buscarão, através da produção teológica, um respaldo bíblico-teológico para sua reivindicação ao ministério pastoral.

Rohden (1995) afirma que a aproximação das teólogas protestantes com o movimento feminista se dá em um grau de intensidade muito maior e aparentemente menos conflituoso do que a das católicas. Isso acontece por vários fatores, e um deles é a relação do protestantismo com os movimentos liberais, principalmente o pentecostalismo, identificado com os movimentos mais modernos, de origem norte-americana ou européia. Outro fator é o próprio pastorado. Isto só foi possível devido às teólogas protestantes terem mais possibilidades de dirigir uma comunidade, tanto em termos administrativos, quanto em termos “espirituais”. Já as católicas, não teriam acesso ao “sagrado” como as protestantes.

Várias reflexões de teólogas brasileiras e estrangeiras insistem que um fator preponderante nas desigualdades, principalmente em termos de poder de decisão na igreja, é a história da negação do acesso da mulher ao “sagrado” em toda a tradição cristã oficial. Portanto, a ordenação é um salto qualitativo sem precedentes. (ROHDEN, 1995, p.29)

A atenção de Rohden concentra-se nas teólogas feministas católicas e protestantes, na tentativa de perceber como os dois grupos lidam com a questão da igualdade e diferença entre homens e mulheres. A partir daí, é possível perceber algumas diferenciações entre as reivindicações de católicas e protestantes, que são importantes por mostrar que a participação destas mulheres em seus grupos religiosos, possui interpretações e mesmo motivações diferentes para buscar maior autonomia em suas atividades. Segundo Rohden (1995, p. 7): “A Bíblia não pode ser vista como um todo, além de ter sido escrita e compilada em um longo período histórico, há dentro deste livro diversas tendências e correntes de idéias”.

É importante notar que Rohden está trabalhando com teólogas feministas de orientação católica e que, portanto, se diferenciam das teólogas protestantes, uma vez que as teólogas católicas feministas propõem o rompimento radical com o patriarcalismo, que, segundo elas, domina o cristianismo.

Uma primeira diferenciação entre católicas e protestantes é quanto ao sacerdócio feminino. A ordenação feminina é a principal reivindicação das teólogas protestantes, enquanto que não o é para as católicas, ainda que a luta por igualdade esteja dentro de um movimento que reúne tanto católicas como protestantes. Outra diferenciação é a autonomia e liberdade que possuem as teólogas. Tanto católicas quanto protestantes recebem um chamado para exercerem seu ministério, no entanto, para as teólogas protestantes, a autonomia de decidir o que querem ser é algo imprescindível na vida destas mulheres; elas decidem quando se sentem chamadas por Deus. Exemplo disso podemos encontrar no depoimento da pastora Célia:

Onde eu congreguei, primeiro fui membro, depois fui apresentada como obreira, depois de obreira fui consagrada a missionária, fiquei um tempão tomando conta do ministério, foi quando o Senhor (Deus) me ordenou, conversei com o meu pastor, fui ungida e consagrada a pastora. Depois eu abri o ministério. (2011)

Essas pastoras não precisam que alguém lhes diga acerca do seu chamado, pois, segundo elas, o Espírito Santo lhes confere tal autoridade.

Gênero e o pastorado feminino: propostas e práticas na re-construção da identidade a partir do “lugar”

“Como em todas as congregações dos santos, permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas, pois não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão, como diz a lei. Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem a seus maridos em casa, pois é vergonhoso uma mulher falar na igreja.”

(BÍBLIA SAGRADA, Primeira Carta aos Coríntios - capítulo 14, versículo 34)

Pensar para além das relações de desigualdade entre os sexos, constituída pela subordinação do feminino ao masculino, requer a compreensão do movimento histórico e cultural que acompanha, desde a antiguidade, a estruturação da sociedade patriarcal.

Neste sentido, gênero aparece como um critério de todas as relações sociais e simbólicas, que perpassa o ordenamento da hierarquia social e subjaz à relação dos indivíduos entre si, uma vez que, no início do milênio, as imagens vinculadas ao feminino, seja através das artes ou das brincadeiras, foram responsáveis pela inculcação dos preconceitos em relação à mulher, passando pela associação ao ornamento, ao cosmético, até ao seu lugar no lar, na família e no casamento.

A construção do modelo de mulher, sobretudo religiosa, acontece porque parte do pressuposto de que a mulher nasceu para cuidar apenas do marido e dos filhos, esquecendo-se, de cuidar de si mesma. Para Bourdieu (1995), esta visão estereotipada contribui para a perpetuação do “capital simbólico detido pelos homens” (BOURDIEU, 1995, p.10). Por vezes, tais desigualdades são de caráter econômico, ideológico e, em certos casos, torna-se difícil perceber as causas, já que

Nossa cultura nos ensinou, por exemplo, que a maternidade (como função biológica) é que distingue as mulheres dos homens. Por mais que a gente até possa optar por não ser mãe, desvincular nossa identidade de “mulher” deste corpo biológico é muito difícil. (GROSSO, 1996, p.256)

Nesse sentido, a mulher sempre foi vista como aquela cujo dever era cuidar dos filhos e submeter-se inteiramente ao marido, pois

nascer mulher, quando a família [...] esperava um menino, um homem, foi muitas vezes um sofrimento. A expressão do desejo frustrado de meus pais sempre me acompanhou e foi para mim como uma ferida. Não sou, por meu sexo, o que eles queriam que eu fosse. Jamais poderia realizar seus desejos, seus sonhos, seu orgulho. Não sou mais que uma mulher e, na cultura deles, isto queria dizer dependente, submissa. (GEBARA, 2000, p. 86)

Essa condição projetada no feminino implica o recato e o pudor, uma perfeição moral que está vinculada à submissão, ao lar, à aceitação de sacrifícios, à ação educadora de filhos e filhas, uma vez que ao pai compete o ofício do trabalho, da rua, da luta pela vida, do trabalho suado, conforme noticiava o Jornal Batista Baiano:

É a mãe que tem a responsabilidade da educação doméstica e religiosa da família, pois o pai, quase nada pode fazer nesse sentido, devido às suas ocupações o chamarem quase sempre para longe do lar. Chegando do labor diário, onde muitas vezes tem que resistir a várias tentações e fatigado pelo trabalho na luta pela vida, encontre nessa esposa a companheira amorosa, que ajuda, com carinho e verdadeira afeição, a levar a carga que se tornará mais leve com seu auxílio. (O BATISTA BAHIANO, 1927, nº 3, p. 3)

Essa mulher pensada e idealizada no início do século XX, começa a desaparecer, no momento em que estas mulheres, envolvidas na realização dos seus ideais e imbuídas de uma nova leitura hermenêutica, começam a conquistar espaços, outrora tidos como masculinos, sobretudo tratando-se da vida de algumas mulheres que, na sua caminhada de ser mãe, mulher, esposa, vê-se ocupando um lugar que, por muito tempo, foi

demarcado e legitimado como lugar masculino, como é o caso do pastorado. Isto revela um grande avanço, e Elizabete Fiorenza (1992) assim o explica:

A nova chave hermenêutica pode ser assim sumariada: essa recuperação da história de mulheres no cristianismo primitivo, deve não só restituir as mulheres à história, mas também restituir a história das origens cristãs às mulheres. Ela reivindica o passado cristão como passado de varões do qual as mulheres participaram apenas à margem e no qual não eram ativas absolutamente... A tarefa implica, pois, não só na redescoberta de novas fontes, mas também na releitura das fontes disponíveis em chave diferente. (FIORENZA, 1992, p. 17)

Esta nova chave hermenêutica não está preocupada em negar a história bíblica, mas tece críticas contundentes a essa ótica patriarcal, androcêntrica, que silenciou o papel da mulher a ponto de apagá-la das origens cristãs.

Duncan A. Reily, em seu livro “Ministérios Femininos em Perspectiva Histórica”, no capítulo em que trata dos Ministérios Femininos na Igreja Moderna, comenta que a Idade Média foi um tempo de pouca abertura aos ministérios femininos. Diz também que o mundo da Reforma e o da Contra Reforma tampouco ofereceriam muitas novas oportunidades a fim de que as mulheres cristãs praticassem seus ministérios. Contudo, explica que a relativa esterilidade da Reforma no que tange aos ministérios da mulher não se deve à teologia em que o movimento se alicerçava. Fazendo uso de uma hermenêutica crítica feminista, Reily faz sua análise dos princípios da Reforma:

Só a graça (*sola gratia*) que Deus oferece livremente a todo ser pecaminoso, a qual é apropriada por mulheres e homens, por meio de sua confiança no Cristo de Deus (*sola fide*) – eis uma firme base para uma compreensão não sexista da redenção! Só a escritura (*sola scriptura*), por sua vez, é um chamado para redescobrir e reapropriar a revelação de Deus na sua plenitude e abrangência, inclusive a sexualidade e a igualdade entre mulher e homem como intentos de Deus, a maternidade de Deus e a riqueza dos ministérios da mulher cristã que a Bíblia registra. (...) finalmente não deve ser esquecido o princípio do sacerdócio universal de toda pessoa que crê em Cristo, base firme para a plenitude do ministério feminino. (REILY, 1997, p. 156-157)

Para Rosemary Reuther (1993), a Reforma Protestante trouxe algumas modificações que abrem espaço para uma leitura equânime, na qual homem e mulher estão colocados em pé de igualdade diante de Deus. Trata-se do “sacerdócio universal dos crentes”.

Seguindo a tradição protestante do sacerdócio universal e a inspiração da leitura bíblica pelo Espírito Santo, essas mulheres capacitaram-se para contestar a visão submissa feminina, vigorosa no imaginário ocidental, pois fora forjada tendo como respaldo o mito fundante da

responsabilidade de Eva na queda do ser humano. Usando o veterotestamentário e o discurso de Jesus, aceitos como autoridade máxima da teologia protestante, as feministas do século XIX passaram a lutar com as mesmas armas contra o andocentrismo vigente no pensamento reformado. (SILVA, ALMEIDA, 2011, p. 343)

Como resultado dessa intensa movimentação por igualdade de direitos é que, no final do século, isto é, em 1895 e, posteriormente, em 1898, um grupo de mulheres biblistas e exegetas, publicaria o livro *The Woman's Bible*, contendo uma releitura do texto bíblico referente à mulher, “calcada numa rigorosa exegese que colocava por terra a secular teologia protestante que ensinava que a mulher trouxe o pecado e morte para o mundo, que ela precipitou a queda da raça e ela por tudo isso será julgada nos céus, condenada e sentenciada” (ALMEIDA, 2006, p. 147). A Eva representada pela Bíblia da Mulher não era uma criatura culpada e maldita, sofredora e carregando nos ombros as dores do pecado, pelo contrário, trata-se de um ser humano de elevado caráter e dignas ambições. Stanton, acreditando na existência de um tentador, deu seu parecer:

Ele não procurou tentá-la do caminho do dever com jóias brilhantes, vestidos ricos, luxo ou prazer terrenos, mas com a promessa de conhecimento, com sabedoria dos Deuses. Como Sócrates e Platão, seus poderes de dialogar e fazer questões enigmáticas, eram sem dúvida maravilhosos, e ele despertou na mulher aquela sede intensa por conhecimento, que os simples prazeres de colher flores e falar com Adão não satisfaziam. (STANTON, 1993, p.25)

Estas mulheres, que outrora tinham que manter-se na igreja em silêncio, sendo a elas vedada a possibilidade de ordenação ao ministério pastoral, discordavam, dizendo que as instituições tinham parado no tempo, e que mantinham as mesmas atitudes do apóstolo Paulo, no primeiro século do cristianismo. Stanton argumenta: “até que o feminino seja reconhecido no Ser Divino e a justiça seja estabelecida na Igreja pela completa igualdade da mulher e do homem, a Igreja não pode ser completamente cristã” (1993, p. 173). Para a pastora Selma, essa desigualdade imposta pela lei (veterotestamentária) foi abolida mediante a morte de Cristo:

Deus opera através das mulheres. Se Deus não fosse de acordo não estaria operando. Essas leis que proibiam a mulher de falar, de ensinar, essas leis foram abolidas por Jesus, quando ele morreu na cruz, nisso foi rasgado o véu que separava homens e mulheres de Deus. (2011)

Hoje, a condição que agora ocupam é de líder, formadora de opinião; e o seu lugar não é mais o banco e sim, o púlpito, como veremos agora.

A nova identidade feminina pentecostal: “de submissa ao pastorado, do banco ao púlpito¹²”

Essa discussão foi motivada pelas observações realizadas em campo, mas, sobretudo, a partir de uma indagação feita ao pastor Nilton. Se na sua igreja tem obreira, qual a dificuldade de se ter uma pastora? A resposta veio de imediato:

O púlpito não foi feito para mulheres, e sim para homens. Eu tolero, quando se trata de missionárias, mas afirmo que o púlpito foi projetado por Deus para o homem ocupar aquele espaço. Tenho visto atualmente, muitas mulheres que são pastoras assumindo o lugar que Deus destinou ao homem, né? Isso é, na minha visão, não é de Deus. (Nilton, 2012)

Elizete Passos (1999), em seu livro *Palcos e Platéias*, afirma que a platéia tem sido destinada ao sexo feminino, ou seja, o recinto do espectador, de quem assiste, ouve, silencia e passa sem marcar presença. Para o pastor Nilton, essa deve ser a condição da mulher, como se pode ver neste depoimento:

A Bíblia está aí para quem quiser consultar. O silêncio da mulher na igreja não é algo que eu estou falando, né, mas é bíblico. A mulher precisa entender que quando a Bíblia fala do silêncio, não está dizendo que é para não fazer nada na casa de Deus. Elas podem até mesmo pregar, enquanto missionária. Mas ser pastora não, por isso que o apóstolo Paulo recomenda o silêncio da mulher na igreja do Senhor, né. (2012)

Em se tratando do púlpito enquanto “lugar do homem” ocupado historicamente, na convenção dos Direitos da Mulher de Seneca Falls, em 1848, a ministra Quaker Lucretia Mott lavrou o seu protesto,

o rápido sucesso de nossa causa depende dos esforços zelosos e incansáveis, tanto de homens quanto de mulheres para derrubar o monopólio de púlpito e para assegurar às mulheres participação igual aos homens nas várias ocupações, profissões e comércio. (REUTHER, 1993, p. 166)

Como resultado dessa intensa movimentação por igualdade de direitos, em 1853, Antoinette Brow foi ordenada como a primeira mulher para o exercício do ministério congregacional nos Estados Unidos, quebrando assim uma tradição androcêntrica vigente desde o século XVI.

¹² Entende-se por púlpito nas igrejas pesquisadas, o conjunto de objetos e adereços que compõem a plataforma superior da igreja, por isso o fiel não se refere ao termo plataforma, mas entende que aquele espaço chama-se de púlpito.

A organização, hoje, de novas igrejas com lideranças femininas faz com que este momento torne-se importante para estas pastoras, pois se abre a possibilidade de reconstruir uma nova identidade. Agora não mais do banco, como fiel submissa, mas do púlpito. Percebe-se a significação de que se revestem certos lugares na igreja, como é o caso do púlpito, que não é o espaço ocupado pelo homem, mas é também o espaço que demanda reverência, que pede uma postura “santa”, é um espaço ao qual é vedada a subida de estranhos, ou mesmo dos mais novos na igreja, como é o caso dos novos convertidos em Cristo. O fiel precisa estar com uma indumentária bem “composta” para ir ao púlpito da igreja, realizar uma saudação, oração, ou mesmo cantar e pregar.

A terceira vez em que visitei a Igreja Assembléia de Deus Missionária, da pastora Aidil, ao entrar no santuário sentei-me no banco que fica próximo à porta de entrada, logo depois o diácono desceu do púlpito, e veio em minha direção, aproximando-se baixou próximo ao meu ouvido disse-me:

A pastora quer que o senhor dê uma saudação à igreja, mas ela pediu que o senhor desenrolasse a manga da camisa para falar no púlpito. Como eu estava com a camisa por fora fui vedado de falar no púlpito, sendo assim, falei no microfone que ficava na parte abaixo do púlpito. (SANTOS, 2011)

É do púlpito onde se transmitem os ensinamentos que os fiéis devem seguir. É o lugar onde se fala em nome de Deus. A pessoa precisa estar com a “vida no altar”¹³, segundo muitos fiéis, para pronunciar qualquer palavra do púlpito.

A pastora Célia, na viagem missionária que faria ao Rio de Janeiro, reuniu a igreja para realizar uma reunião administrativa, para delegar algumas funções ao pastor Adilson e aos outros líderes, enquanto estivesse fora. O teor da reunião foi o seguinte:

A igreja vai ficar na responsabilidade do pastor Adilson. É ele quem vai convidar as pessoas para pregar, e não admito que ninguém suba no púlpito para ensinar a igreja sem que não esteja com a vida no altar. Vocês sabem o que acontece com os desobedientes, não é? Deus castiga. Para ir ao púlpito entregar o rolo precisa estar com a vida reta. Pastor Adilson, o senhor está responsável por isso. (2011)

O pastor Diego¹⁴ (2012), do Ministério Semeando a Palavra, afirmou no seu site que o púlpito não deveria ser ocupado por pessoas que não são dignas de fazer uso.

¹³ São falas nativas que expressam o quanto a pessoa tem intimidade com Deus. Estar com a vida no altar, segundo eles, denota o quanto a pessoa está na presença de Deus.

Todas as grandes organizações do mundo moderno têm o seu ponto alto, o qual só pode ser ocupado por alguém que seja capaz, e que tenha sido preparado especialmente para ocupá-lo. O templo evangélico tem o seu ponto alto, o seu lugar sagrado, que é o Púlpito. Todo púlpito é a coluna sobre a qual, se posta a atalaia, que Deus constituiu vigia da sua lavoura, o púlpito é lugar e o caminho pelo qual as almas são conduzidas a Deus e ao céu. O púlpito não deve ser ocupado por pessoas que não são dignas de fazer uso, pois estaríamos profanando a sua santidade.

O púlpito é este lugar que confere também a estas mulheres autoridade sobre todos na congregação, lugar que, até então, era ocupado por uma hierarquia marcadamente masculina. Através da fundação de pequenas igrejas pentecostais, mulheres até então submissas, que não iam além do banco da igreja, passam a viver sua experiência pentecostal de outra maneira. Nestas igrejas criadas por mulheres, as mesmas ocupam o papel de destaque, exercendo plenamente a função de comando frente a um grupo, muitas vezes, majoritariamente feminino. Como pode-se constatar no depoimento desta pastora:

Muitas mulheres já tomaram condição de barro de Deus (servo de Deus) e, já tocou a obra de Deus para frente. E o que depender de mim, e se todas passassem e, se conseguir chegar até a mim, eu vou incentivar, até porque o número maior aqui (igreja) são de mulheres. E todas elas têm desempenhado um papel importante na obra de Deus. (SELMA, 2011)

Nas novas igrejas pentecostais autônomas¹⁵ organizadas por mulheres, o poder para a tomada de todas as decisões concentra-se nas mãos das líderes. Esse é um aspecto importante a ser considerado, uma vez que este fenômeno se tornou uma condição indispensável para viabilização do pastorado feminino. Dentro do processo de ocupação do cargo mais relevante dentro da igreja, a identidade feminina no meio pentecostal ganha novas nuances, contrastando com a tradicional imagem de mulher absolutamente submissa à autoridade religiosa representada pela figura masculina. Quando a estas é perguntado acerca do status que o ministério pastoral lhes trouxe, a resposta é clara e objetiva:

O que eu vejo de vantagem no ministério é reconhecimento, eu vejo o reconhecimento das pessoas, você ser respeitada aonde você chega. Essa aqui é a missionária Aidil. Minha mãe disse, quando ela esá em

¹⁴ Disponível: <http://pbdiego.webnode.com.br/products/quando-pulpito-perde-o-poder/>, Acesso em 04/10/2012.

¹⁵ É usado o termo autônomo para referir-se a igrejas que não têm vínculo com nenhuma outra igreja ou igreja sede.

algum lugar e tratam ela normal, mas quando ela diz que é mãe da missionária, misericórdia, muda logo, aceita logo ela no lugar. Aí ela faz questão em dizer que é mãe da pastora Aidil, minhas irmãs também. (AIDIL, 2011)

Os benefícios são muitos. A honra, a reputação, o respeito, a autoridade. São muitas vantagens, são muitos benefícios. A intimidade com Deus, o conhecimento da palavra, como o próprio Deus nos disse através do profeta Oseías: "conheçamos e prossigamos em conhecer a Deus". Então são muitos benefícios, tanto espiritual como material. (SELMA, 2011)

As posições de destaque, ocupadas pelas novas líderes, ficam ainda mais evidentes quando observam-se as funções exercidas por seus esposos, sendo que muitos destes são membros e outros acabam por ocupar cargos na vice-presidência da igreja, como no caso do esposo da pastora Aidil:

Quando o ministério (igreja) foi aberto em Góes Calmon, que ele (marido) falou que não ia, eu me lembrei da revelação, aí disse: você lembra que Deus falou que tinha algo na minha vida que eu ia entender, que se você não me ajudasse que ia morrer? Naquela hora ele pegou a gravatinha vestiu e até hoje está do meu lado, ajudando, apoiando, porque ele entendeu que realmente Deus estava no negócio. (2011)

O ponto marcante nestas novas igrejas pentecostais, de liderança feminina é a ênfase dada ao poder religioso feminino. Pode-se dizer que a constituição destas novas igrejas pentecostais comandadas por mulheres altera significativamente a identidade feminina no âmbito pentecostal. A mudança de mulheres outrora submissas em lideranças fortes, rompe com o estereótipo sustentado por um amplo conjunto de igrejas evangélicas, nas quais as mulheres não podem ir além do comando de escolas bíblicas e círculos de oração, obreiras, missionárias etc. Como se vê, por exemplo, no depoimento do pastor Nilton:

Quando a Bíblia fala do "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo. O texto abre margem para que as mulheres pensem que elas são chamadas a ser pastora e pregar o evangelho do Senhor Jesus. Mas o texto não fala de pastora e sim de Missionárias, Missionários e evangelistas que são justificáveis biblicamente, porém pastoras, não. (2012)

Estas mulheres, auto-proclamadas bispas e pastoras, revelam que, mesmo sem encontrar justificativa bíblica para o pastorado feminino, é possível a re-configuração da identidade feminina pentecostal do ponto de vista do exercício do pastorado, uma vez

que quem confere esse chamado é Deus, por meio da revelação¹⁶, como é possível ver na fala da pastora Ana:

Eu sou missionária e sou pastora. Não fui consagrada por homem. Eu fui consagrada por Deus. Eu cresci ouvindo a revelação de Deus. Eu sou conhecida por Jesus. Não importa se sou mulher, não importa. A autoridade de Deus está na minha vida, Ele me entregou o cajado. (2011)

Com essa discussão procuramos identificar como a feminilidade e a masculinidade na igreja são construídas e justificadas a partir da leitura bíblica. Além também de perceber como os papéis na igreja são definidos por meio dos espaços, ou seja, o púlpito é coisa de homem, de pastor, enquanto os outros setores podem ser ocupados pelas mulheres. No entanto, a conclusão deste capítulo não é a finalização do tema nem o fechamento do assunto, ao contrário, consiste em reflexões e projeções, dentro do “espírito” com que “assistimos” e pensamos alguns “atos”, mas a trama continua e merece ser acompanhada.

¹⁶ Revelação, para o fiel pentecostal, é quando Deus envia um recado, por intermédio de uma outra pessoa.

CAPÍTULO III

O ADVENTO DO PASTORADO FEMININO

“O Poder Simbólico é, com efeito, um poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”

(BOURDIEU, O Poder Simbólico, 2004, p.8)

Corre uma anedota no meio evangélico que diz que, quando Jesus ressuscitou, apareceu primeiro às mulheres para que a notícia se espalhasse mais rápido. Se a piada parece machista, para as mulheres que se tornaram pastoras, este relato bíblico, Jesus aparecendo primeiramente às duas Marias, revela o fato de que foi dado às mulheres o privilégio de primeiro compartilhar a volta de Jesus e assim anunciar o evangelho.

Para pastora Célia, quem chama e capacita o pastor ou a pastora é Deus. Sendo assim, todo argumento contra o ministério pastoral de mulher, segundo Célia é temeridade e pura ignorância:

Então, como tem na passagem dos versículos como Áquila, Priscila, as duas fizeram ministérios na sua casa, tem várias passagens na Bíblia de mulheres que foram profetas, então eu acho ignorância, temeridade muitos (homens pastores) não admitir que a mulher tem capacidade, [...] eu acho ignorância espiritual, porque o homem, apesar de muitas vezes dizer eu sou o homem, porque Deus formou primeiro, eu acho ignorância, machismo do homem. O importante é que Deus não está condenando. (CÉLIA, 2011)

Para a pastora Célia, Deus não condena o ministério feminino, quem se posiciona contra é o homem. São várias as posições daqueles que dizem não haver discriminação de sexo nas Escrituras, fundamentalmente no Novo Testamento. No entanto, o que se percebe é uma verdadeira oposição entre aqueles que são favoráveis e entre os que não são a um pastorado feminino. Segundo o pastor e escritor presbiteriano Augustus Lopes,

[...] em poucas palavras, não vejo evidências suficientes no Novo Testamento de que mulheres devam (ou possam) ser ordenadas como pastoras ou presbíteras (bispas) para cumprir plenamente seu ministério nas igrejas locais. Por outro lado, as evidências em favor do ministério feminino restrito são fortes, e, ao meu ver, decisivas. (LOPES, 1997, p.19)

Para o pastor presbiteriano, não há nenhum problema enquanto a mulher exercer outros papéis de liderança, o problema aparece quando ela quer exercer o pastorado. Segundo a pastora Célia, o único que poderia impedir a ordenação feminina seria Deus:

Agora se Deus condenasse aí é outra coisa, mas Deus, eu creio, quer que todos venham buscá-lo, independente de homem ou mulher. Hoje o ministério que está crescendo mais é o da mulher. (CÉLIA, 2011)

As primeiras igrejas abertas às lideranças femininas

Para iniciar esta discussão, tem-se uma cena significativa de iniciação ao sacerdócio feminino no pentecostalismo:

... Dirijo (culto) quando tenho oportunidade, quem nos escolhe é o dirigente, é o nosso pastor. Também às vezes ele bota na escala, e aí a gente procura sempre andar em família, em concordância, se uma não pode a outra assume a responsabilidade daquela que estava na escala e a gente vai sempre uma ajudando a outra, e assim sucessivamente, né, nos cultos de adolescente, mocidade até mesmo durante a semana, sempre que tem a oportunidade... Por exemplo, eu vou pregar amanhã aí, eu chego em casa, né, aí vou ver a mensagem, escolho os hinos que eu vou cantar, preparar as oportunidades das pessoas, e aí eu vou procurando sempre, né, fazer tudo de véspera, porque às vezes a gente deixa pra fazer na hora e aí atrapalha tudo. Aí quando eu chego em casa eu copio e deixo já tudo preparado. (DIVA)

Essa iniciação não é passagem de uma vida “mundana” para uma vida religiosa, mas é a iniciação de alguém que recebe o chamado para o ministério pastoral, alguém que deixa a condição de ser apenas mãe, de ser apenas mulher, de apenas dirigente e de ser, sobretudo submissa para se torna pastora. Essa conversão é semelhante a uma cirurgia sem anestesia, segundo a pastora Aidil:

[...] foi Deus que me arrancou, e como se fosse feito uma cirurgia em mim sem anestesia, foi uma dor muito grande, mesmo, ter saído da Assembléia de Deus, e até hoje eu sinto, tô sendo sincera. Porque quando eu estava na Assembléia de Deus na época estava me preparando para ser coordenadora geral, meu sonho era coordenar mulheres. (AIDIL, 2011)

As igrejas históricas, tais como Anglicana, Luterana e Metodista, foram fundadas por homens, mesmo que, com o tempo, se tornassem mais abertas às lideranças femininas. Desde a sua fundação tiveram exemplos de mulheres que, junto a seus maridos missionários, exerceram grande influência nos trabalhos evangelísticos. Seus primeiros

trabalhos eram como missionárias, e exerciam atividades principalmente na área da educação.

No que diz respeito às igrejas pentecostais, estas sempre tiveram na sua composição hierárquica figuras de homens letrados e bem sucedidos em suas caminhadas evangelísticas, o que os colocava como os pioneiros, desbravadores no ministério da evangelização. Normalmente, são dados como exemplos de fé e ousadia, transformando, assim, a proclamação do evangelho em trabalho marcadamente masculino. Com funções administrativas, de liderança e com o domínio da oratória, ocuparam os púlpitos das pequenas e até das grandes igrejas. Para as mulheres, restavam apenas funções que comumente exerciam enquanto mulheres do lar: educadoras religiosas, enfermeiras, assistentes sociais, professoras primárias, eram, portanto, os papéis permitidos a elas enquanto evangelizadoras.

A primeira igreja a ter uma liderança efetivamente feminina foi o Exército da Salvação. Desde a sua fundação, em 1865, em Londres, Catherine Booth já era uma pregadora de sucesso. Em seguida, vem a Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada em 1922, em Oakland, Califórnia, EUA, por Aimée Semple McPherson. Mas é na década de 1970, no século XX, que as mulheres religiosas vão reivindicar uma participação mais igualitária em suas igrejas.

Em se tratando de solo brasileiro, as primeiras igrejas evangélicas a permitirem efetivamente a pregação feminina no Brasil são Exército da Salvação (1922) e a Igreja do Evangelho Quadrangular (1953), sendo que a primeira é de corrente histórica (Reino Unido) e a segunda pentecostal (USA) (FERNANDES, 1996). Em 1971, a Igreja Metodista ordena a sua primeira pastora, seguida da Igreja Evangélica da Confissão Luterana do Brasil da Igreja Episcopal e da Igreja Presbiteriana Unida (ROHDEN, 1995)

Exército da Salvação

O Exército da Salvação “seria mais verídico encará-lo como uma obra familiar, com efetiva participação feminina desde o início” (REILY 1997, p. 178). Booth foi ministro da Nova Conexão Metodista por nove anos. No seu último círculo metodista, Gateshead, sua esposa Catarina começou a sua pregação (1860) e, quando o casal deixou os metodistas para iniciar sua obra evangelístico-social, Catarina participou

plenamente, no emergente Exército da Salvação (1878), ao qual, mulheres eram sempre admitidas a todas as patentes. Catherine Booth, juntamente com o seu marido William Booth, foram os fundadores do Exército da Salvação em 1865, em Londres. Já em 1859, em resposta a um ministro independente congregacional, que acusava de antibíblica a pregação feminina, Catherine escreveu um tratado de 32 páginas, considerada uma apologia clássica na defesa do direito da mulher ao púlpito. Em um pequeno trecho do tratado, escreve:

É apenas uma questão de tempo a igreja permitir que as mulheres falem nas assembléias. O bom senso, a opinião pública e os resultados abençoados do concurso feminino forçá-lo-ão a interpretar honesta e imparcialmente o único texto em que fundamenta as suas proibições. Então, quando a verdadeira luz brilhar e as obras de Deus substituírem as tradições dos homens, o doutor em teologia que ensina que Paulo manda que a mulher fique quieta quando o Espírito de Deus a incita a falar será encarado como seria encarado um astrônomo que ensinasse que o sol é o satélite da terra. (REILY, 2003, p.385)

Para Catherine, as mulheres seriam tão qualificadas quanto os homens para anunciar o Evangelho. No ano seguinte, foi encorajada pelo marido para pregar. Sua pregação inicial ocorreu no primeiro domingo de junho de 1860. O casal mudou-se para Londres e fundou a “Missão Cristã” (1865), núcleo do Exército da Salvação. Catherine já era pregadora e evangelista experiente (REILY, 2003). As três filhas do casal William e Catarina sobressaíram-se no movimento, como registra Reily:

Catarina Booth-Clibborn liderou a organização do Exército na França e Suíça. Emma Moss Booth-Tucker trabalhou ao lado do seu marido na missão do Exército na Índia, e juntos comandaram o trabalho nos Estados Unidos de 1896 a 1903, quando Emma morreu num acidente de trem. A mais famosa das filhas, Evangeline Cory Booth, ganhou reconhecimento como musicista, compositora e oradora; foi dirigente do Exército em Londres de 1890 a 1895 e depois comandante de todo o Exército no Canadá, onde organizou inclusive o trabalho entre os garimpeiros da corrida de ouro no Klondike (1898). Foi depois comandante nacional para os Estados Unidos (1904-1934) e finalmente, general e comandante geral da organização mundial, de 1934 a 1939. (REILY, 1997, p. 178-179)

Esse relato histórico do Exército da Salvação é talvez o exemplo mais marcante, dentro do protestantismo na primeira parte do período moderno, de abertura ao ministério pleno da mulher.

Em se tratando dos fundadores do “Exército da Salvação” no Brasil, chegaram em maio de 1922 no Rio de Janeiro, sendo Stella a primeira oficial, logo ministra, do Exército da

Salvação no país. Dos contingentes do Exército enviados ao Brasil, aproximadamente metade era formada por mulheres¹⁷.

Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular

A Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular¹⁸ (IEQ) é uma das igrejas mais abertas ao ministério feminino no Brasil. Recebeu este nome em 1922, em Oakland, Califórnia, EUA, a partir de uma visão de Aimée Semple McPherson, única mulher missionária a criar uma grande denominação.

Aimée nasceu no Canadá em uma família metodista. Aos 17 anos, teve uma experiência pentecostal, casando logo em seguida com um pregador local. Esteve na China como missionária por pouco tempo, onde perdeu o marido. Casando-se novamente, separou-se do marido para lançar-se como pregadora. Com uma tenda de lona, atravessou os EUA de carro e, por onde passava, lotava auditórios com sessões de cura divina. Estabeleceu-se próximo a Hollywood em 1922, e dirigiu a denominação até a sua morte, em 1940 (FRESTON, 1994).

A IEQ chegou ao Brasil em novembro de 1951, em São João da Boa Vista, São Paulo, fundada pelo Pastor Harold Edwin Williams, auxiliado pelo pastor Jesus Hermínio Vasquez Ramos; o primeiro, natural de Los Angeles, EUA e o segundo, natural do Peru. Segundo Paul Freston (1994), a Igreja do Evangelho Quadrangular “pertence à segunda onda do pentecostalismo que chega ao Brasil”. Esta começou na década de 1950 e 1960, com forte ênfase na cura.

É a primeira igreja aberta às mudanças na sociedade e a fazer concessões, inovando com uma mensagem apresentada às massas fora dos templos, usando uma nova comunicação e deixando de fora o que denominava de preconceitos tolos e regulamentações absurdas. (REILY, 2003, p. 30)

A história da Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil é marcada por fortes lideranças femininas. As primeiras ordenações de ministras ocorreram em 1958, e sete (7) ministras foram ordenadas (REILY, 1997), tendo como um de seus exemplos o ministério pastoral de Odá de Castro Pessanha (1965/1966). Odá, primeiramente,

¹⁷ Algumas destas fontes históricas foram de sites das próprias igrejas, que mantêm uma página contando sua história de fundação.

¹⁸ O nome Igreja do Evangelho Quadrangular refere-se aos quatro principais benefícios da morte de Cristo na cruz: salvação, batismo com o Espírito Santo, cura divina e volta de Cristo. (Leite F, 1994; Freston, 1996)

tornou-se co-pastora da terceira igreja fundada em Curitiba pelo seu pai, o reverendo Mariano de Castro. Mais tarde, tornou-se a titular. Em 1965, construiu um templo para acomodar em torno de 650 pessoas, mas o espaço tornou-se exíguo e, em 1979, iniciou a construção de um novo templo, com a capacidade para cerca de 1300 pessoas. Em 1970, foi nomeada para Coordenadora Nacional do Grupo Missionário de Senhoras.

Pioneira no Brasil no ministério feminino, a IEQ conta na composição do seu ministério um total de 35% de mulheres, o que representa a força da liderança feminina nesta igreja. Segundo Freston:

A igreja Internacional do Evangelho Quadrangular (IEQ), tinha mais de 3.000 igrejas e 4.000 congregações em 1991, servida pelo número alto de mais de 10.000 pastores. Uma característica notável dessa igreja fundada por uma mulher é que 35% dos pastores são mulheres, inclusive 22% dos titulares. Há vários casos em que a pastora titular é a esposa e o pastor auxiliar é o seu marido. Por quase toda sua história, o Instituto Bíblico Quadrangular em São Paulo teve uma diretora. Nenhuma igreja histórica, por mais avançado que seja o seu discurso, chega perto dessas cifras. Enquanto o sacerdócio feminino na Igreja Católica fica cada vez mais distante e algumas igrejas protestantes históricas dão passos tímidos que não parecem encaixar efetivamente com a demanda feminina, o fato de que uma igreja pentecostal desenvolve, sem alarde externo nem crise interna, um modelo surpreendentemente igualitário, deve fazer-nos desconfiar de certos estereótipos do campo religioso. (FRESTON, 1994, p. 114)

Para Souza (2012), a aparência jovem, bonita e longe da imagem tradicional da mulher pentecostal modela até hoje a Igreja do Evangelho Quadrangular, tornando-a menos rígida no tocante à roupa, aparência e à inserção da mulher no ministério pastoral.

Igreja Metodista

Os primeiros metodistas missionários chegaram em solo brasileiro no ano de 1835, neste mesmo ano, embora existisse um considerável número de pregadoras, a “Conferência condenou fortemente a pregação feminina”, levando à quase inexistência destas pregadoras durante um longo período.

Muito diferente foi o caso de alguns grupos metodistas que, por motivos diversos, deixaram o metodismo wesleyano. Desde o início, os metodistas “primitivos”, organizados em 1811, entendiam que não deveria haver limitação por causa do sexo no trabalho da igreja, daí havia não apenas pregadoras locais, como também itinerantes e missionárias, destacando-se pregadoras como Mary Porteus e Elizabeth Smith. Para

Duncan, esse fato fica em parte escondido, pois, nas Minutes of the Conference (Atas), os pregadores e pregadoras são indicados pelo sobrenome e iniciais, o que torna difícil de serem identificados pelos sexos.

Um pesquisador descobriu, nas atas de 1832, treze pregadoras nomeadas a paróquias (stantons); o mesmo admite que, em outros anos, o número poderia ser maior. Sem dúvida, o extensivo emprego de mulheres no labor evangelístico foi uma das mais notáveis características. (REILY, 1997, p. 176)

O que chama atenção é que o resultado de ter mulheres, ainda que como pregadoras (locais e itinerantes), pois eram assim identificadas, trouxe para a denominação metodista um efeito positivo, tanto foi que Duncan relata:

Só quatro anos após sua organização, a denominação possuía 30 itinerantes, dos quais, 14 mulheres (quase a metade!), e em 1823, esse novo ramo do metodismo já contava com 100 pregadoras, entre locais e itinerantes. Pregadoras como Johana Brooks Neale, exímia evangelista, Mary Ann Werry, missionária às Ilhas Scilly, Guernsey e Jersey, Mary O'Bryan, filha do fundador dos "Cristãos da Bíblia" e conhecida como Maiden Preacher (a Pregadora Donzela), povoam as páginas da história da denominação. (REILY, 1997, p. 176-177)

Com este perfil de protestantismo de fronteiras, e a inclusão de pregadoras itinerantes e locais, é que o metodismo desembarca no Brasil.

No Brasil, em geral a trajetória da chegada do metodismo é descrita a partir do protagonismo dos missionários. Mas os caminhos foram trilhados inicialmente pelas mulheres visitadoras. Os jornais Expositor Cristão e O Testemunho contêm alguns rastros da trajetória dessas mulheres. Além disso, há referências nas atas das primeiras conferências realizadas na Igreja Metodista do Brasil, ainda em processo de formação e pesquisas realizadas pelo historiador Duncan Alexander Reily. (RIBEIRO, 2011, p. 33)

A Igreja Metodista, historicamente marcada por seu compromisso social e a única a estabelecer um Credo Social, constitui um espaço privilegiado para essas mulheres pastoras refletirem teologicamente e agirem pastoralmente diante da realidade brasileira.

Com a autonomia da Igreja Metodista no Brasil, em 1930, foi apresentada a proposta de inclusão da ordenação ao presbiterado, sem distinção de sexo, nas leis da igreja. A proposição não foi aprovada naquele momento. Até que fosse novamente apresentada e aceita, e os Cânones da Igreja Metodista fossem alterados, passaram-se quarenta anos. A Igreja Metodista foi uma das primeiras no Brasil a eliminar a distinção de sexos no ministério ordenado. Este fato se deu em 1971, na segunda fase do X Concílio Geral desta igreja. No item a seguir,

serão tratados aspectos do processo político e o contexto social em que se dá a abertura oficial para a ordenação feminina na Igreja Metodista. (SILVA, 2011, p. 42-43)

Apesar desses avanços, houve paralelamente movimentos de silenciamento da importância da mulher metodista (RIBEIRO, 2009), ou seja, apesar do fato da existência do ministério pastoral feminino na Igreja Metodista desde 1970, precisa-se continuamente lembrar da sua história¹⁹, explicar suas bases bíblico-teológicas²⁰ e refletir sobre as suas contribuições pastorais²¹.

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Igrejas luteranas, segundo o professor Arnaldo Érico Huff (2011, p. 77), “são aquelas que, de alguma maneira, representam a continuidade do movimento da reforma eclesial que teve como personagem central o monge agostiniano Martinho Lutero, no século XVI”. Portanto, tais igrejas fazem parte daquela porção da religião cristã que professa a fé luterana e constituem a face institucional do luteranismo e uma das expressões do protestantismo.

É possível identificar-se, pelo menos, quatro tendências na reforma: uma começada na Alemanha com Lutero e que se difundiu posteriormente na Escandinávia; a liderada por Calvino e Zwinglio que se desenvolveu na Suíça, França e Escócia; a terceira tendência, denominada foi a anglicana, ocorrida basicamente na Inglaterra e que recebeu a influência dos ideais reformistas do continente. (SILVA, 2011, p. 26)

Já no Brasil, a fé luterana segundo Huff se fez presente principalmente a partir de 1824, quando começaram a desembarcar no país as primeiras levadas de imigrantes alemães:

Conjuntamente àqueles imigrantes, vieram também os fiéis e os pastores que cultivaram o luteranismo em terras brasileiras, e fundaram as igrejas e comunidades luteranas hoje existentes no país: a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), a Igreja Luterana do Brasil (IELB), a Associação de Comunidades Luteranas Livres e a Igreja Evangélica Congregacional do Brasil (IECB), além de comunidades luteranas independentes ou livres, e de comunidades luteranas renovadas ou carismáticas. (HUFF, 2011, p. 77)

¹⁹ Perspectiva histórica, veja Reily (1989; 2ª edição 1997), Mesquita (2001; p. 99- 105), Soares (2005, p. 35-50), Silva (2008, p. 25-37) e Ribeiro (2009).

²⁰ Perspectiva teológica, veja Perreira (2003, p. 188-200), Boelher (2008, p. 107-122) e Renders (2010b, p. 91-106; 2011, p. 100-115).

²¹ Perspectiva pastoral, veja Coutinho (2005, p. 137-150), Paula (2005, p. 121-136); Renders (2010a, p. 296-301), Ribeiro (2005, p. 151-160).

O Sul do Brasil e a bacia do Prata tornaram-se, para a Alemanha, uma nova Alemanha no além-mar. Estes imigrantes, por sua vez, se estabeleceram no Estado do Rio de Janeiro (Nova Friburgo/RJ), e no sul (São Leopoldo/RS e Blumenau/SC).

Segundo Huff (2011, p. 87), “nas regiões em que foram assentados, providenciaram sua subsistência, construíram suas escolas, seus templos e congregações, e elegeram os pastores e professores que consideravam dignos para as tarefas religiosas e educacionais”.

A base da Igreja Luterana é a comunidade local. As comunidades se organizam administrativamente em paróquias e sínodos. Isto contribuiu no crescimento e fortalecimento, como registra Huff:

Instituições de ensino, foram parte constitutiva de todo esse processo, desde o início das primeiras comunidades, até o florescimento da atual IECLB, passando pelo período do germanismo. Hoje, a IECLB comporta uma série de instituições educacionais comunitárias em todos os níveis, reunidas na Rede Sinodal de Educação, composta de 60 instituições que agregam ao todo 36.000 alunos. (HUFF, 2011, p. 96)

A presença feminina nesse processo merece destaque, pois desde a passagem do século XIX para o XX, as mulheres se organizaram na Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE), que posteriormente juntou força, com a Irmandade das Diaconisas, formada por mulheres de vida religiosa consagrada que trabalhavam como parteiras ou em jardins de infância. A partir dos anos 1980, passou-se a discutir, a participação de mulheres nos concílios gerais da Igreja Luterana e nos conselhos diretores, o que colaborou para o aumento do papel feminino na liderança institucional. Outra questão que favoreceu o aparecimento destas discussões, foi o surgimento de uma Teologia Feminista,

que por sua vez trouxe o assunto das relações de gênero à baila na IECLB, e que portanto o tema da inclusividade alastrou-se para formação ao ministério pastoral. Decorrencia dessas dinâmicas, Rita Marth Panke, formada pela EST em 1976, foi a primeira pastora a assumir uma congregação na IECLB. Na década de 1990 a cátedra de Teologia Feminista já estava estabelecida na Escola Superior de Teologia, a segunda em nível mundial, posterior apenas à existente em Amsterdã, Holanda. (DREHER, 2005, p. 68)

Convém ressaltar que Rita Marta Panke, foi apresentada ao cargo em 1976, mas somente em 1982 o pastorado feminino foi aceito com a consagração de cinco pastoras

ao ministério, entre elas Rita Marta Panke. Destas cinco pastoras, duas atuam ao lado do marido. (REILY, 2003, p 393)

A IECLB tem 577 pastores e pastoras no serviço ativo. Somam-se a estes 34 diaconisas, 98 obreiros, obreiras e diaconais, e 135 catequistas. Na Igreja Luterana, há igualdade entre homem e mulher. A mulher pode ocupar qualquer cargo de coordenação e autoridade na igreja, inclusive ser ordenada pastora²².

Igreja Anglicana

Para a professora Elizete da Silva desde o século XVI já era possível perceber, a presença de protestantes nos trópicos, como foi o caso dos calvinistas no Nordeste. Estes permaneceram até o século XVII, ou seja, o tempo que durou a ocupação francesa e holandesa neste território. Trata-se de um protestantismo de imigração, tanto que fundaram comunidades evangélicas provisórias e logo após a expulsão destes grupos, as suas comunidades também desapareceram. Apenas no século XIX, com a chegada da corte real e o tratado de comércio com os ingleses, é que os protestantes de origem anglicana começam efetivamente a desembarcar no Brasil.

A presença sistemática do protestantismo, no Brasil, ocorreria na primeira metade do século XIX, em decorrência de uma conjunção de fatores de ordem econômica e política, destacando-se a abertura dos portos às nações amigas, em 1808, e a imigração européia, a partir do período Joanino. Os anglicanos adentraram o país como comerciantes, nas grandes cidades [...] fundaram suas igrejas para propiciarem assistência espiritual aos fiéis de origem inglesa. (SILVA, 2011, p.25)

Para Elizete da Silva, estavam em jogo vários interesses dos britânicos, na transferência da corte de D. João ao Brasil. Interesses estes que acabaram culminando na assinatura de dois Tratados em 1810, ou seja, o Tratado de Aliança e Amizade e o Tratado de Comércio e Navegação. Outros tratados ficaram apenas na assinatura, mas não no seu cumprimento, como nos revela Cavalcante:

Outro tratado importante para o processo abolicional, foi o de Viena em 22 de janeiro de 1815, ratificado pelo Brasil em 13 de março de 1827 que previa a abolição dos escravos em três anos. Para atender essa petição, foi assinada a lei jamais cumprida, e por isso denominada segundo Moura “para inglês ver”, em sete de novembro de 1831. (CAVALCANTE, 2004, p. 240-241)

²² Disponível em: http://www.ieclb.org.br/mensagem_conciliogeral.htm. Acesso em: 20/08/2012

Ainda se tratando de jogo de interesse, a transferência da família real portuguesa para o Brasil afetou profundamente o quadro religioso brasileiro. Uma vez que o Brasil era um país eminentemente católico até a chegada dos ingleses, mas como nação oficialmente protestante, a Inglaterra garantiu para os seus súditos privilégios de caráter religioso. Evidente que tais privilégios, que se opunham ao monopólio da Igreja Católica, só foram concedidos em virtude do poder econômico que a Inglaterra tinha sobre Portugal. Segundo Elizete da Silva, “foram os colonos britânicos, que trouxeram o anglicanismo para o Brasil, usufruindo todas as garantias e privilégios concedidos pelo governo luso-brasileiro” (SILVA, 2011, p. 31). Isto só foi possível por força do Tratado estabelecido com a corte real de D. João em 1810, quando a Igreja Anglicana lança a pedra fundamental do seu templo, no Estado do Rio de Janeiro, que, segundo Walsh (1982, p. 143), ocorreu no dia “12 de agosto de 1819, a rua dos Borbonos. A igreja foi dedicada a São Jorge, padroeiro da Inglaterra e a São João Batista em homenagem a D. João VI”. Segundo Elizete da Silva, estando o anglicanismo dividido em duas alas, a católica e a protestante, foi esta última que se estabeleceu no Brasil. Foi também a linha protestante da igreja anglicana que se instalou em Salvador.

Os anglicanos e alemães foram sempre nesse período comunidades fechadas que não tiveram origem missionária, mas se constituíram em capelanias de assistência religiosa aos imigrantes. A partir de 1810 surgiram as igrejas anglicanas com seus capelães. (MENDONÇA, 2008, p. 45)

Segundo a documentação levantada e pesquisada pela professora Elizete da Silva, a Igreja Anglicana estabelecida no Brasil e na Bahia identificava-se completamente com o protestantismo de imigração, afirma-se isto porque:

Os serviços religiosos eram feitos em inglês para a colônia britânica; a Igreja de São George foi estabelecida para atender as necessidades espirituais dos ingleses e seus descendentes, sem nenhuma preocupação proselitista. Estabelecida por força de um tratado, moveu-se sempre dentro dos limites das concessões, evitando confrontos, pois estava vedado pregar ou declamar publicamente contra a religião Católica ou procurar fazer prosélitos ou conversões. (SILVA, 2011, p. 38)

Para a autora, esta postura da Igreja Anglicana de respeitar a Igreja Católica só foi possível em virtude dos anglicanos não se identificarem com os protestantes de origem missionária e, talvez por isso, estes anglicanos reconheciam a Igreja católica como

cristã, por isso mesmo não se dispuseram a fazer nenhum tipo de proselitismo em meio à população católica.

A originalidade da reforma inglesa, as especificidades encontradas na Igreja Anglicana e sua atitude inclusiva diante de outros grupos religiosos permitiram a elaboração de uma concepção, corrente entre os teólogos anglicanos da atualidade, chamada de ethos anglicano. Decorrente dessa postura inclusiva encontra-se hoje, coexistindo no seio da comunhão anglicana, uma tendência católica e outra protestante. (SILVA, 2011, p. 29)

Somente na segunda metade do século XX, a igreja Anglicana seria reconhecida como uma igreja Episcopal de origem norte americana no Brasil. Antes, ocorre um sério problema interno à Comunhão Anglicana no Brasil de dupla jurisdição. Ou seja, com a instalação da Igreja Episcopal Americana no Rio Grande do Sul, em 1890, pelos missionários norte-americanos, aconteceu a superposição de duas igrejas da mesma comunhão no mesmo país. Essa tensão só foi resolvida em 1955 por meio de um acordo firmado pelos dois bispos e o Arcebispo de Cantuária, em Londres, passando as duas igrejas fundidas a se designarem como igreja Episcopal Anglicana do Brasil. A expressão episcopal indica que é governada por bispos e a palavra anglicana, antes de significar inglês, aponta para a grande família cristã internacional.

Hoje, a Igreja Episcopal tem templos, missões e instituições educacionais e assistenciais em 150 diferentes localidades do país, concentrando-se a maior parte no Rio Grande do Sul. Em 1976, nos Estados Unidos consagrou-se a primeira pastora episcopal neste país²³, porque registros apontem para presença de pastorado feminino na Igreja Anglicana desde 1921 na Catedral de São Paul. Não foi possível precisar o ano de consagração da primeira pastora no Brasil. No entanto, no Rio de Janeiro, somente em 2000 a Igreja Anglicana possui uma pastora.

A presença de mulheres no ministério pastoral cresce significativamente com o surgimento de igrejas recentes no Brasil, categorizadas por Ricardo Mariano (2004) de neopentecostais, sobretudo, aquelas que têm uma representatividade nacional, como é caso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Cristo Vive e Igreja Renascer em Cristo. Essa facilidade de ter uma liderança feminina nestas igrejas faz com que o pentecostalismo torne-se uma alternativa para o ministério pastoral de mulheres.

²³ Disponível em: <http://www.ieab.org.br/site/pt/historia/>. Acesso em: 05/09/2012

Pentecostalismo, uma alternativa à liderança de mulheres no ministério pastoral

Para Souza (2012), o termo “pentecostalismo” é derivado da palavra “pentecostes”, referência ao último dia dos cinquenta dias da festa da colheita. Logo, o pentecostalismo tem sido considerado um movimento religioso com características oriundas do cristianismo e vem apresentando expressivo crescimento.

Movimento formado no início do século XX nos Estados Unidos, o pentecostalismo distingue-se do protestantismo histórico, por pregar e enfatizar a crença nos dons do Espírito Santo, entre os quais se destacam os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos, e por retomar as crenças e práticas do cristianismo primitivo, como a cura de enfermos, a expulsão de demônios, a concessão divina de bênçãos e a realização de milagres. Este vem crescendo em vários países, sobretudo da América Latina, onde o Brasil se destaca, abrigando cerca de trinta milhões de evangélicos²⁴.

De acordo com os dados apresentados pelos recenseamentos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os evangélicos têm sido protagonistas de um vertiginoso crescimento em solo brasileiro. Na década de 1940, constituíam apenas cerca de 2,6% da população brasileira, mas, desde então, este grupo religioso revelou-se como um dos que mais crescem no Brasil: progrediu para 3,4% da população total em 1950, para 4% em 1960, para 5,2% em 1970, para 6,6% em 1980, para 9% em 1991, e, finalmente, atingiu a marca de 15,4% no ano 2000. Mariano (2005), analisando a expansão evangélica, destaca o papel importantíssimo exercido pelos pentecostais e neopentecostais, visto que eles cresceram 8,9% anualmente, enquanto os protestantes históricos não superaram os 5,2% de crescimento anual. Dentre os resultados do avanço evangélico no Brasil, podemos apontar a retração numérica daqueles que se declaram católicos²⁵ e a expansão internacional de igrejas pentecostais brasileiras²⁶.

Como já fora apontado por diversos pesquisadores, as igrejas pentecostais conquistam cada vez mais fiéis nas camadas médias e altas, mas a base do avanço pentecostal está

²⁴ Na América Latina, o termo “evangélico” é usado para designar o grupo formado pelas igrejas protestantes históricas, pentecostais e neopentecostais.

²⁵ Segundo os dados dos Censos demográficos, no período que vai de 1940 a 2000 os católicos do Brasil regrediram de 95,2% para 73,8% da população total. Para mais informações sobre as mudanças demográficas no campo religioso brasileiro, ver Antônio Flávio PIERUCCI, 2004.

²⁶ Caso, por exemplo, da Igreja Universal do Reino de Deus, apontada como uma das maiores responsáveis pela presença religiosa brasileira no exterior. Sobre a expansão internacional da Igreja Universal, ver Ari Pedro ORO, 2004.

na classe popular. A tese originalmente proposta por Fry e Howe (1975), indica que o pentecostalismo, é uma religião que congrega aflitos, mulheres, negros, pobres, entre outros. Jacob (2006), por exemplo, concluiu que o progressivo aumento de fiéis pentecostais é um fenômeno mais acentuado entre as classes médias baixa e pobres dos grandes centros urbanos. Atualmente, fala-se também em “anéis evangélicos” (JACOB *et alii*2006), nome dado à concentração da população pentecostal nas periferias das principais capitais brasileiras.

O último censo realizado no Brasil aponta que 56% dos seguidores de igrejas evangélicas são mulheres. Esse fato cria uma desproporção que, no conjunto das igrejas pentecostais, mostra-se com ainda mais relevo, “o que acaba por dar um rosto feminino ao pentecostalismo” (MACHADO, 2005, p.388).

Dentre os fatores que influenciam a maior receptividade das mulheres em relação ao pentecostalismo, estão os espaços criados pelas igrejas pentecostais para a discussão dos problemas familiares (relação conjugal, problemas com drogas etc) (MACHADO & MARIZ, 1997). Podemos ver esta cena na fala da pastora Selma:

Foi uma experiência de vida muito boa, muito trabalho, muita oração, muita campanha, muito conselho, muita oração, mas conseguimos, hoje podemos dizer: conseguimos, no nome de Jesus, restaurar um lar uma família, impedir que Satanás destrísse essas vidas. Um dia o pai e o filho serviram ao Senhor, pois ainda não serve, mas a mãe continua servindo ao Senhor. Nós sabemos que o lar dela será restaurado. Um dia ela vai dizer: Eu e a minha casa servimos ao Senhor. (2011)

Em relação a esta experiência relatada pela pastora Selma, a pesquisadora Patrícia Birman (1996) indica que as igrejas pentecostais tratam fundamentalmente das aflições humanas, e tais assuntos, geralmente, estão vinculados à esfera doméstica e familiar. Em função disso, cria-se uma situação onde a mulher passa a exercer o importante papel de mediadora na relação com o sagrado dentro de suas famílias. Logo, uma das principais características das mulheres pentecostais é que elas constituem a maioria da membresia das igrejas locais, especialmente nas atividades relacionadas com o crescimento quantitativo da comunidade cristã (SANCHEZ, 1996). No entanto, ainda que as mulheres constituam a maioria no meio evangélico, uma pequena parcela ainda das igrejas pentecostais não permite que a mulher pratique o pastorado.

Somente as igrejas históricas (metodistas, luteranas e anglicana), duas igrejas pentecostais (Exército da Salvação e Igreja do Evangelho Quadrangular) e, posteriormente, a Presbiteriana Unida, aceitavam

mulheres como pastoras em seus púlpitos. Apenas na década de 1980, simultaneamente ao crescimento das denominações neopentecostais, inicia-se um movimento de abertura no que diz respeito ao pastorado feminino. (SANTOS, 2002, p. 16)

Contudo, isso não significa que, até então, as mulheres evangélicas estivessem totalmente à parte do exercício de importantes funções em suas igrejas. Cargos de liderança com menores amplitudes são comumente atribuídos às mulheres. Contudo, as restrições impostas pela igreja às mulheres evangélicas encontram-se especificamente vinculadas ao exercício do pastorado. Este traz consigo a exigência de maior autoridade eclesiástica e cria um ponto de discussão bastante acalorada entre líderes das mais variadas denominações, que encontram na Bíblia legitimações para que a mulher não exerça o ministério pastoral. O que se pode constatar, por exemplo, na fala do pastor Nilton da Igreja Pentecostal Pronto Socorro de Jesus:

A Bíblia é a palavra de Deus. É ela que devemos obedecer e seguir para termos uma vida abençoada. Quando desobedecemos o ensinamento de Deus acarretamos maldição sobre a nossa vida. Se a Bíblia diz que a mulher deve ficar em silêncio, porque deve ser este o seu papel. A mulher não foi criada para ser pastora. Não encontramos em nenhum lugar da Bíblia a mulher como pastora, né. Volto a dizer, missionária, diaconisa sim, mas pastora não. (2012)

O lugar da mulher na hierarquia das igrejas protestantes e pentecostais

Na maioria das igrejas evangélicas, a hierarquização evidencia sempre a pessoa do pastor, que também é o responsável pelas fiéis de sua igreja. É quem também aconselha, batiza, casa, faz culto fúnebre e toma as decisões mais importantes dentro da igreja.

Nas igrejas de origem histórica, a exigência de uma formação acadêmica em Teologia faz com que o candidato a pastor curse quatro anos de Teologia em uma instituição teológica reconhecida e de confissão de fé daquela igreja, e mais tarde passe por um concílio. Neste concílio, são avaliados conhecimentos eclesiásticos e teológicos, além da capacidade do candidato para exercer o ministério. Na maioria das vezes, é feito um levantamento rigoroso da sua vida pessoal, para que não haja nenhum impedimento moral ou legal para que ele exerça o cargo a que está aspirando.

Já nas igrejas pentecostais, a exigência por um preparo teológico é bem menor. Há uma exigência maior sobre a vida pessoal do (a) candidato (a) que aspira pelo ministério pastoral. Uma vida regrada, uma postura que testifique uma mudança de vida, e uma dedicação exclusiva à igreja são atributos importantes na seleção para exercer o

pastorado. Embora, no caso das pastoras pesquisadas, haja duas que, além de estarem no ministério, ainda exercem trabalhos seculares, o grande desejo é poder ter uma dedicação exclusiva ao ministério.

Em grande parte, o (a) candidato (a) que recebe um chamado especial do Espírito Santo, para exercer ministério pastoral, é treinada (o) pelo seu pastor, que o coloca em cargos de liderança na igreja para desenvolver o seu chamado ministerial, como se pode ver na experiência destas pastoras:

Há oito anos sou pastora. Mas, antes fui obreira, fui tesoureira, quando minha pastora, anterior, me colocou no círculo de oração para liderar. Lá eu já fazia um pouco de cada coisa. Lá eu já me sentia uma pastora. Foi quando fiz o curso de teologia, e me consagrei pastora. (SELMA, 2011)

Comecei trabalhar como obreira, depois fui ser diaconisa. Eu preparava a Santa Ceia, levava para as pessoas que estavam doentes. Eu fazia parte da visitação, gostava de visitar e orar, e sempre andava com uma pastora amiga. E ela sempre me ensinava, estava sempre junto com ela, visitando e orando pelas pessoas. (ROSA, 2012)

Onde eu congreguei, primeiro fui membro, depois fui apresentada como obreira, depois de obreira fui consagrada a missionária. Fiquei um tempão tomando conta do ministério, depois foi quando o Senhor me ordenou, conversei com o meu pastor, e fui ungida e consagrada a pastora depois que eu abri o ministério. (NIUZA, 2012)

O pastor local quase sempre tem o dom de discernir quem foi escolhido para ocupar o cargo de pastor. Sem necessariamente possuir a escolaridade máxima ou mesmo a conclusão de um ensino médio, o candidato fará uma pequena capacitação em um instituto bíblico, pertencente à própria denominação. A maioria das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais possui seus próprios seminários teológicos, como são comumente chamados, onde cada curso leva, no máximo, dois anos.

Nestes institutos, espera-se do candidato a revelação do carisma, a conduta irrepreensível e o “amor pelas almas”, muito mais do que a formação teológica. Há uma maior flexibilidade na formação do pastorado, uma vez que uma formação acadêmica superior não é exigida, logo são abertas maiores possibilidades para que qualquer membro tenha a oportunidade de assumir uma liderança pastoral.

A hierarquização da liderança na maioria das igrejas evangélicas ainda perpassa pelo crivo masculino, embora se perceba nas igrejas pentecostais da segunda onda e nos

neopentecostais uma flexibilidade que não está presente nas igrejas históricas, uma vez que, nessas igrejas, a figura do pastor aparece como alguém que domina a Palavra e que, por isso, está apto a ser um líder. É ele quem detém os ditames da conduta na sua igreja. Quase sempre possui o domínio na interpretação da Bíblia. Pode repreender e mesmo excluir algum membro por alguma falta que fira os princípios religiosos da denominação.

Já o (a) pastor (a) das igrejas pentecostais e neopentecostais está mais próximo (a) do fiel. Falando a mesma língua deste, o pastor não é visto como um líder muito distante. Quase sempre este pastor veio da mesma condição do fiel que ele lidera. O que o faz diferente do fiel é que ele recebeu um chamado de Deus para tornar-se um pastor, e nesse caso qualquer um pode estar apto a assumir essa função.

Nas igrejas históricas e pentecostais mais tradicionais, há sempre uma convenção ou colegiado ao qual estão ligados os pastores e presbíteros. Como uma ordem superior, essas convenções controlam as ações de suas igrejas filiadas.

Nas igrejas pentecostais mais recentes, não há um colegiado ou convenção, embora a hierarquização siga um modelo tradicional, onde o pastor (a) é o presidente da igreja, vindo logo em seguida os pastores auxiliares. Logo após vêm os diáconos, os missionários ou evangelistas e, os obreiros. Diácono - É alguém que usa seus dons espirituais para fazer os serviços que Deus designou que ele faça, na vida diária da igreja ou nas reuniões; no ministério da Palavra ou na pregação do Evangelho; em serviços materiais ou em serviços espirituais. O termo “diácono” vem da palavra grega *diakonos*, que significa servo²⁷. Para Martins (2002), o diácono é uma grande alavanca na vida da igreja, uma esperança e um estímulo para todos.

Missionário ou evangelista é aquele que está apto a anunciar e a levar a mensagem do Evangelho aos “necessitados”.

Obreiro - Segundo a enciclopédia de Orlando Boyer (2006), a palavra, “obreiro” significa aquele que coopera no desenvolvimento de uma empresa ou de uma idéia. Ou seja, obreiro é aquele que trabalha na “obra”, que corresponde ao trabalho, ao resultado de um trabalho ou àquilo que um artifício produz.

A terminologia “pastora”, “presbítera” e mesmo “bispa” começa a fazer parte do discurso das igrejas há bem pouco tempo e, muitas vezes, é duvidosa quanto à sua

²⁷ Disponível em: <http://www.sadotrina.com/meditai/103-ministerio.html>. Acesso em: 05 de agosto de 2012.

legitimidade²⁸. Já a terminologia “diácono”, “missionário” e “evangelista”, ao contrário, tem os seus opostos no feminino. Estes são historicamente os primeiros cargos permitidos às mulheres, e estão subordinados ao líder máximo, e aqueles que os exercem não precisam de um conhecimento teológico reconhecido institucionalmente.

Na medida em que as mulheres buscam o pastorado feminino, principalmente as igrejas de origem histórica e pentecostais mais tradicionais, elas precisam se adaptar ou transformar um contexto em que as igrejas cristãs são instituições sumamente patriarcais e que, portanto, sua doutrina, estrutura e liturgia colocam sempre os pastores como superiores. Assim, precisam buscar no conhecimento a legitimação para exercer os papéis que são conferidos pelo cargo.

No entanto, nos pentecostalismos recentes não existe esse rigor para se tornar pastora, uma vez que as igrejas lideradas por mulheres, geralmente são aquelas fundadas por elas mesmas.

Como eu comecei este ponto na minha casa, há cinco anos atrás, não era igreja ainda, apenas um ponto de pregação. A gente convidava as pessoas para orar aos domingos. Sempre convidando pessoas não crentes. Porque Deus falou que nós teríamos o nosso próprio ministério (igreja), e hoje temos a nossa igreja Evangélica Pentecostal Príncipe da Paz. Hoje nós estamos ali rebanhando as almas, ganhando almas e fazendo obreiros. Tá sendo uma benção, não é fácil a obra de Deus. (ROSA, 2012)

Devido a uma flexibilidade institucional, é possível às pastoras justificarem o seu ministério como um chamado específico de Deus, apelando para o Espírito Santo, pois acreditam que somente Ele é quem as capacita para o cargo.

Não tem impedimento nenhum para ser pastora, nunca teve. Sabe por quê? Porque quando Deus chama alguém para o ministério pastoral, ele prepara tudo. E, não só prepara, como também capacita. O homem e a mulher ele capacita. (ANA, 2011)

Esta capacidade de discernimento concedida pelo Espírito, “contribui para que os fiéis possam compreender melhor e não absolutizar qualquer texto bíblico ou tradição, a fim de estarem livres para responder mais fielmente à vontade de Deus”. (CÉSAR E SHAULL, 1999, p. 249).

O grande número de igrejas fundadas por mulheres, demonstra algumas variações de ordem eclesiástica que as diferem das igrejas neopentecostais ou de terceira onda, pois

²⁸ Um pastor batista contrário ao pastorado feminino escreve: “Nenhum apóstolo escreveu um bilhete sequer a uma mulher, chamando-a de pastora!” (O Jornal Batista, 29/11 a 5/12/99, ano XCIX – 48).

não têm uma linha genealógica como as demais, pois surgem quase sempre de uma revelação dada pelo Espírito Santo, quando não surgem de necessidades de se adaptar às novas exigências dos fiéis, como a não rigidez de antigos costumes, dos valores morais, os serviços de cura e de revelação. Nessas igrejas, supõe-se que o Espírito Santo é quem monitora o comportamento dos fiéis. O poder do Espírito nas vidas das pessoas as orienta para o que é considerado correto frente aos preceitos bíblicos, e mesmo ao chamado pastoral.

Para César e Shaul (1999), essas igrejas estão caracterizadas não por dar ênfase aos pecados ou à redenção dos fiéis, mas pelo experimento de modo íntimo e intenso, dos fiéis com Deus. A mensagem não é transmitida por uma palavra racional, moralista e doutrinária, mas é a emoção que, estimulada através dos rituais de muitos louvores, profecias, orações sobre a cabaça e mensagens motivacionais, toca o coração de forma direta. Logo, em um espaço em que todos (as) podem “experimentar” o poder do Espírito Santo, não é possível negar às mulheres o direito de pregar. Este pentecostalismo aparece então como um lugar mais democrático e menos preconceituoso com relação às mulheres.

Pentecostalismo de bairro: igrejas de pastorado feminino

A partir dos anos 1970, as igrejas pentecostais se multiplicaram e outras se tornaram independentes. Segundo Bittencourt (1994), este pentecostalismo independente é formado por igrejas dissidentes do pentecostalismo tradicional. Para Ari Pedro Oro (1992), o pentecostalismo independente formou igrejas que se multiplicaram e adquiriram características próprias, como é o caso da organização da Igreja da pastora Rosa:

Não trabalhamos com crentes, pois estes já conhecem a palavra. Eu corro atrás de pessoas não crentes, desviadas, pessoas que não conhecem a Jesus. Porque crente já está na sua igreja. Eu trabalho com prostituta, lésbicas, homossexuais, e traficante bandido. Se você entrar na igreja, vai achar só isso, então é um ministério muito forte. Não é fácil, é tanto que quando estão assistindo o culto, ligam o celular, as presas ficam assistindo o nosso culto. Pessoas que se convertem e daqui a pouco está indo lá. Nosso trabalho é assim. (ROSA, 2012)

No levantamento de igrejas que aceitam o pastorado feminino, é nas igrejas denominadas “neopentecostais” que, encontra-se o maior número de mulheres

consagradas ao ministério pastoral. Com exceção da Igreja do Evangelho Quadrangular, pentecostal, que desde a sua origem no Brasil aceita o pastorado feminino, as demais pertencem à terceira onda do pentecostalismo. São definidoras deste momento, principalmente, a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), fundada pelo Bispo Edir Macedo; a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), do fundador R. R. Soares; a Igreja Cristo Vive (1986), do fundador Apóstolo Miguel Ângelo; e ainda a Igreja Renascer em Cristo (1986), do casal Sônia e Estevam Hernandes. Todas estas igrejas já possuem pastoras em seus quadros eclesiásticos, embora a maioria das pastoras exerça um ministério auxiliar.

Várias igrejas começam a surgir a partir da década de 1990, proliferando nos espaços urbanos pequenas igrejas, que surgem, a partir de um sentimento de inspiração divina de algum fiel mais dedicado ou que recebe algum chamado especial (Mafra, 2001), e é nestas igrejas que se encontra um grupo maior de pastoras que as lideram, como é o caso da pastora Ana:

Quando este ministério foi fundado, tudo foi revelado por Deus, nada foi do homem, é por isso que nós temos que buscar o conhecimento de Deus. Não foi de mim, foi tudo de Deus. Como te falei, eu cresci ouvindo revelação de Deus. Deus usava os vasos, os profetas para dizer: que eu seria uma missionária e que eu tinha algo muito grande e profundo nesta terra, eu tinha uma missão com Deus, uma caminhada muito longa e o tempo se passou, as profecias começaram a se cumprir na minha vida, né. Então veja bem, Deus até o nome do ministério Deus revelou: Igreja Apostólica de Jesus: o toque das mãos de Deus. Revelado por Deus. Até a logomarca Deus me mostrou em sonho. (2011)

Clara Mafra (1996) aponta três igrejas neste período com expressão midiática, fundadas por pastoras, a Igreja do Evangelho Quadrangular (1953), a Igreja Aliança com Deus, da bispa Regina, e o Ministério Cristo é Vida, hoje conhecida como Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, da pastora Valnice Milhomes, ex-missionária da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira (CBBa).

Ainda não há um censo em que se possa ver os números reais das pastoras consagradas. Este crescimento é possível devido à herança do princípio do “sacerdócio universal”, segundo Novaes (2001). Para Almeida, o “sacerdócio universal” dos crentes não trouxe, entre as igrejas protestantes que no Brasil chegaram no início do século XIX, uma mudança significativa.

O problema é que esse princípio não se converteu numa mudança essencial na linha da Antropologia patriarcal. Talvez

por isso, o “sacerdócio universal dos crentes” não trouxe, na prática, a igualdade de condições entre homens e mulheres, proposta em sua teoria. (ALMEIDA, 2006, p. 52)

Para Novaes (2001), este princípio do sacerdócio universal dos crentes abriu precedentes para que hoje, no Brasil, muitas denominações produzam e reproduzam líderes homens e mulheres, fazendo com que nasçam, igrejas que sejam efetivamente brasileiras, nos seus recursos tanto materiais como simbólicos. Este cenário descrito por Novais é significativamente evidenciado por meio desta iniciação ao mistério pastoral.

Eu estava no culto de libertação na congregação da Assembléia de Deus, ali no Retiro, quando um irmão olhou para mim e disse: que eu seria missionária, pastora, credenciada pelo Espírito Santo. Aos olhos humanos achei impossível, pois eu não pregava, era simplesmente um membro de banco, mas aí eu segurei aquela palavra. Passado alguns meses depois, não sei como, Deus começou me usar no ministério da palavra. (AIDIL, 2011)

No entanto, os evangélicos estão distribuídos desigualmente pelas regiões brasileiras²⁹. O Nordeste, continua sendo o principal reduto católico e, por isso, a região de mais difícil penetração protestante, enquanto o Norte e o Centro-Oeste, constituem as regiões em que esses religiosos mais se expandem. Apesar de reproduzir a média brasileira, o Sul, tem apresentado os mais baixos índices de crescimento evangélico, sendo que, em alguns Estados, ocorre perda relativa de crentes na população. O Sudeste, mantém-se como um dos mais importantes pólos da expansão evangélica.

Os principais responsáveis por tal sucesso foram os pentecostais, que cresceram 8,9% anualmente, enquanto os protestantes históricos atingiram a cifra de 5,2%. Com isso, os pentecostais, perfazem dois terços dos evangélicos, saltaram de 8.768.929 para 17.617.307 de adeptos (ou seja, de 5,6% para 10,4% da população) de 1991 a 2000, ao passo que os protestantes históricos passaram de 4.388.310 para 6.939.765 (de 3% para 4,1%). Embora as taxas de crescimento do protestantismo histórico sejam inferiores às do pentecostalismo, são muito elevadas, sobretudo tendo em vista que na década anterior, o protestantismo apresentou taxa de crescimento anual negativa (-0,4). “Isto provavelmente derivou de falhas do Censo de 1991, já que não ocorreram mudanças

²⁹ Segundo os Censos Demográficos, os evangélicos apresentaram as seguintes taxas de crescimento médio anual entre 1940 e 1991: 4,9% nos anos de 1940, 4,7% nos de 1950, 5,3% nos de 1960, 4,9% nos de 1970 e 4,8% nos de 1980.

significativas nas igrejas protestantes de uma década para outra que permitam explicar e justificar tamanha disparidade dos dados” (MARIANO, 2004, p.122).

As cifras mencionadas indicam que as igrejas pentecostais souberam aproveitar e explorar eficientemente, em benefício próprio, o contexto cultural, político e religioso do último quarto de século no Brasil. Isso faz com que leituras e re-leituras sejam realizadas a favor do pastorado feminino, uma vez que, nos últimos dez anos, ocorreu um crescimento significativo do pastorado feminino. Sendo assim, o pentecostalismo de bairro seria uma re-leitura que este seguimento faz da visão do mundo pentecostal.

Na hora dele (Deus) vai me entregar o ministério, se for nesta cidade, Deus vai dizer. O próprio Deus vai abrir esta porta, não é a pastora Ana. E chegou um tempo em que Deus usou um profeta que estava fazendo uma campanha, sete semanas no ministério Deus é Amor, e disse: mulher tu falaste que é no meu tempo, e o meu tempo chegou naquele lugar, é lá a porta que eu vou abrir. (ANA, 2011)

Por meio de profecias, novas igrejas vão sendo abertas em bairros periféricos, como é o caso do ministério das pastoras pesquisadas. A missão deste pentecostalismo de bairro é clara, “*estourar os cativeiros, libertar os cativos, libertar as almas, curar, e o nome de Deus ser glorificado*”. (ANA, 2011)

Pentecostalismo de bairro: uma via para produção de dignidade

No Censo de 2000, cerca de 1.627.870 evangélicos foram classificados pelo IBGE como “sem vínculo institucional”, característica básica deste pentecostalismo de bairro. São, na sua maioria, igrejas fundadas e/ou organizadas por meio de uma “revelação de Deus”, ou mesmo por brigas internas com outras lideranças.

A autonomia institucional dos novos movimentos pentecostais, a liturgia própria e com os recursos financeiros autônomos, as igrejas neopentecostais superam as categorias clássicas do protestantismo, que se caracterizam por uma estrutura rígida, códigos de disciplina tradicionais e exigência de uma formação teológica. As igrejas históricas estiveram sempre presas aos ditames de suas fundações de origem sejam norte-americanas ou britânicas. (CÉSAR E SHAULL, 1999, p. 118)

César e Shaull colocam ainda que: “A genealogia dos pentecostalismos mostra uma árvore cujos galhos se multiplicam para todos os lados, embora nada tenham a ver, institucionalmente, com o tronco original” (CÉSAR E SHAULL, 1999, p. 119). Isto

pode explicar o número dessas igrejas que são fundadas por aqueles que são impulsionados por alguma “revelação” para iniciar uma obra particular como, por exemplo, abrir uma nova igreja em qualquer lugar (FERNANDES, 1999). Além da expansão desse pentecostalismo, são muitas e contraditórias as imagens produzidas acerca deste. Por um lado, o barulho dos templos incomodando os vizinhos. Outra questão é a exigência de contribuição financeira, que acaba tornando-se o alvo de muitas críticas. No dia-a-dia, todos se sentem sujeitos à invasão de privacidade provocada pelos crentes pentecostais, que sempre buscam a quem evangelizar. Ninguém está livre de se encontrar com motoristas de táxi tentando evangelizar passageiros ou de ser abordado em uma praça da cidade. Seja na feira livre como no centro, eles estão lá. “Aos pastores geralmente sem formação escolar e teológica, reserva-se a desconfiança de charlatanismo e de manipuladores da boa fé popular”. (NOVAES, 2001, p.68)

No entanto, por outro lado e ao mesmo tempo, este pentecostalismo é elogiado, pela sua função de agenciamento. Isto é, desempregados em geral se valem de sua filiação religiosa nestas igrejas como um atributo positivo a mais na disputa por postos de trabalho. Sabe-se também de jovens convertidos que deixaram de beber, de se drogar ou de comercializar drogas e atribuem esta “mudança de vida” à conversão, ao “aceitar Jesus” (MARIZ, 1994, p. 16). Este depoimento da pastora Selma expressa bem, o que Mariz afirma com tanta propriedade:

Já fomos fazer campanhas em diversos lugares, casas residenciais a pedido da família, onde os filhos eram viciados, onde praticamente os vizinhos tinham medo de cumprimentar, de falar e até de olhar para eles. Eu e mais um grupo fomos a essa casa fazer campanhas de sete dias, de catorze dias e de vinte um dias para Deus restaurar a família. E vidas já foram restauradas, inclusive fizemos uma campanha no lar onde um irmão assassinou e colocou os documentos de outro irmão no lugar e o irmão, e este irmão ficou prejudicado diante da sociedade em arrumar emprego, e depois desta campanha que fizemos de sete dias foi esclarecido, este rapaz foi e se entregou e hoje está empregado na sociedade como cidadão, o que matou assumiu, mas já está em liberdade, a mãe é evangélica há muito tempo, o pai tinha revolta dos filhos por causa daquela situação, mas aceitou o Senhor, reatou o casamento, pois o pai tinha abandonado o lar por causa dos filhos, então Deus agiu nesta família. (SELMA, 2011)

Várias pesquisas já demonstraram que são os pentecostais os que mais chegam nas “margens” da sociedade, e a lugares onde nenhuma outra instituição civil ou religiosa ousa se aproximar, por se tratar de locais de difícil acesso, de invasão, como pode se constatar, por exemplo, no depoimento da pastora Ana:

Eu comprei um terreno na invasão para construir a igreja [...] e todo povo ali foi abençoado através da minha oração. Naquele lugar ninguém conseguia colocar um bloco, quando eu comprei aquele terreno ali Jesus revelou pra mim, mandou eu estender as mãos em toda direção daquela quadra seis, que Deus ia quebrar as maldições, ali muitos pratos do diabo naquele lugar era despojo, de maldição e Deus me levou pra quebrar aquelas maldições. E Deus disse: minha serva a partir de hoje todo esse povo eu vou abençoar, e todo povo Deus abençoou. (ANA, 2011)

Para Mariz (1994), não é de se estranhar que a conversão ao pentecostalismo possa ter se tornado um expediente cultural para se “deixar de beber”, de roubar e para recobrar a auto-estima, representando uma espécie de recurso de recomposição familiar.

Aqui tinha três tráficos, tinha um candomblé, então com a vinda deste ministério estas famílias hoje são evangélicas, alguns congregam conosco, outros congregam em outros lugares, mas são evangélicos, a maioria estão conosco e hoje há uma transformação no bairro, não há mais o tráfico. O trafico antes era em residência familiar, mas hoje não há mais esta violência. (SELMA, 2011)

Nestes espaços, em que existe problema de alcoolismo, adultério, criminalidade etc, é necessário, as “quebras de maldições. Por isso estas igrejas travam guerras contra o “mal”. Logo, é preciso a quebra de “maldições”, como pode ser observado, por exemplo, na fala destas duas pastoras:

O candomblé foi fechado. No momento em que eles estavam fazendo o culto deles, nós estávamos em oração e muitos deles não suportaram a oração, a unção. Então eles fecharam, alguns aceitaram a Jesus e são evangélicos, e outros mudaram. Então com este ministério aqui mudou muita coisa. (SELMA, 2011)

O Senhor revelou-se para mim também, dizendo que o propósito de Deus na minha vida era estourar os cativeiros, libertar os cativos. Esta acontecendo no meu ministério. Primeiro é Deus, porque o que prevalece é Deus. O homem fica pro lado. O propósito de Deus é o que? Libertar as almas, curar, libertar e o nome de Deus ser glorificado. (ANA, 2011)

Essas pastoras estão o tempo inteiro travando guerras contra as religiões de matriz africana. Assim como a pastora Ana, elas acreditam que foram chamadas por Deus para “libertar” essas pessoas que frequentam os terreiros de candomblé, a umbanda. Não só contra religiões de matriz africana, mas também contra a bebida, as drogas, a prostituição, o adultério. São coisas que, para elas, precisam ser exorcizadas da vida destas pessoas.

Em um artigo publicado em 1985 sobre “a carreira dos bandidos”, no bairro periférico do Rio de Janeiro chamado Cidade de Deus, Alba Zaluar escreveu:

As poucas histórias de regeneração que ouvi contar passavam por sessões de cura em igrejas pentecostais ou uma conversão radical e dramática à igreja dos crentes o que implicava o abandono das coisas do diabo (as festas, a bebida, o samba, a umbanda, os amigos assaltantes, a arma de fogo, etc. (ZALUAR, 1994, p. 47)

De fato, esta “saída de aceitar a Jesus” para deixar o mundo do crime, da prostituição, do adultério sem medo de retaliações familiares, ampliou-se significativamente nos últimos vinte anos.

A chegada deste pentecostalismo em áreas de risco social tem gerado uma mudança importante na vida das pessoas, segundo as pastoras. É possível ver tal mudança no depoimento da pastora Aidil:

[...] depois que abriu aquele ministério (Igreja Missionária Assembléia de Deus) já tiveram uns oito a nove casamentos, que ali era uma maldição de pessoas amigadas, tinha um casal que tinha mais de trinta anos, nunca ia casar e depois da obra (igreja), o rapaz ele não é crente mas eu fui lá conversei com ele, Deus tocou no coração e agora todo mundo é casado, batizado para glória de Deus. Sabe, tinha uma irmã lá (bairro) nunca namorou rapaz solteiro só vivia com o marido dos outros, tem até um sinal na barriga de uma queimadura de uma mulher de um homem, ela não sabia o que era homem solteiro, só homem casado, aí quando ela me conheceu eu levei para igreja, aceitou Jesus como Salvador, e nisso tinha um rapaz quando ela aceitou Jesus era amante, morava em São Paulo, e já ia largar a mulher dele para ficar com ela, e quando ela conheceu a Jesus ela ligou para ele e disse: “Se você voltar, volte para sua esposa porque agora eu sou crente”. Deus abençoou, ela casou, tem a família dela, tem o esposo dela, o filho dela e Deus abençoou poderosamente. Traficante, viciado que Deus libertou, Deus salvou o homem que vivia na droga bebendo e Deus fez um reboliço naquele Góes Calmon, pra glória de Deus. (AIDIL, 2011)

De certa forma, o alcoolismo, as drogas, os conflitos familiares atingem a dignidade de todo um segmento social e estigmatiza – por extensão – os pobres em geral, segundo Novaes (2001). Logo, este pentecostalismo presente nas igrejas de bairros tem contribuído para produção de uma nova recomposição na vida destas “vítimas”, o que se pode constatar, por exemplo, na fala desta pastora:

Nós fomos os primeiros moradores deste bairro, e o Senhor disse que ia fazer uma transformação, ia povoar, ia dar casas boas, ia melhorar a vida de muita gente e tudo isso o Senhor cumpriu. Povoou, e hoje muita gente construiu, se beneficiaram, hoje é um bairro especial, é um bairro familiar, outrora era um bairro violento, praticamente às

dezoito horas ninguém saía mais de dentro de suas casas, andávamos medrosos, éramos ameaçados, mas hoje não, graças a Deus, o Senhor tem feito uma obra muito boa e todos viram realmente que Deus está neste lugar. (SELMA, 2011)

Vários estudos observam que os sistemas religiosos de cura oferecem uma interpretação à doença que a insere no contexto sócio-cultural mais amplo do sofredor (COMAROFF, 1980). Trata-se de uma interpretação que organiza os estados confusos e desordenados que caracterizam a experiência da aflição em um todo ordenado e coerente e que, faz mais que simplesmente ligar tais estados a uma causa exterior (LEVI- STRAUSS, 1967). Diferente da abordagem biomédica, que tende a despersonalizar o doente (TAUSSIG, 1980), o tratamento religioso é descrito como ação sobre o indivíduo social, biológico e psicológico, visando reinseri-lo, como sujeito, em um novo contexto de relacionamentos. Essa mudança pode ser visto no depoimento da pastora Célia, acerca de um jovem usuário de drogas:

Graças a Deus ele hoje esta bem, profetizei na vida dele emprego e hoje ela tem cheque esta trabalha na natura. A natura reconheceu o trabalho dele, já pediu que ele voltasse à escola, para ele mudar de cargo, deixou de beber, deixou de usar drogas, e hoje esta estudando para exercer um cargo maior na empresa. Fez as pazes com o pai, porque o pai também não queria saber dele, e hoje vive com a sua família em união. (SELMA, 2011)

CAPÍTULO IV

IGREJAS DE BAIROS - ORGANIZADAS NA PERIFERIA DE SIMÕES FILHOS

Em se tratando de um estudo que envolve igreja, não adotaremos o conceito clássico assumida por Niebuhr (1992), ao fazer a distinção da igreja em relação à seita, a partir de Max Weber (1992). De acordo com o autor, uma primeira concepção de igreja é o fato desta contar com membros que nascem nela e não porque aderiram a ela por meio da conversão, sendo, portanto a condição de membros obrigatórios. Essa adesão natural é própria das igrejas Nacionais. Assim sendo, não seria correto utilizar o termo igreja, para falar das igrejas pesquisadas, segundo Max Weber, uma vez que estas não são igrejas nacionais e, para um fiel se tornar membro, é necessário o rito de iniciação que se dá por meio da conversão, não sendo, portanto, uma adesão natural. No entanto, insisto em manter o termo e chamá-las de igrejas, mesmo contrariando o conceito clássico de igreja, uma vez que os fiéis nativos, e as próprias pastoras as compreendem desta forma.

Portanto, neste capítulo, irei traçar o perfil destas igrejas e comentar sobre esse pentecostalismo que surgem e se organizam na periferia de Simões Filho

A influência do pentecostalismo clássico no modelo ritual e organizacional das igrejas de bairros

Referindo-se à história do protestantismo, Davi Martin (1990) reconhece três ondas: a puritana, a metodista e a pentecostal. A façanha desta última, para o autor, foi ter atravessado as fronteiras do mundo anglo e hispânico em larga escala. O uso desta metáfora marinha para classificar distintos movimentos de linha pentecostal é comum nos Estados Unidos. Para Burgess e McGee (1989, p.828-829), a primeira onda é a pentecostal propriamente dita, pois abrange as mais antigas denominações, nomeadas de clássicas, criadas nas primeiras décadas do século.

No Brasil, Freston (1993) foi o primeiro a dividir o movimento pentecostal em ondas a partir de uma análise da dinâmica interna do pentecostalismo brasileiro: “A primeira onda é na década de 1910, com a Congregação Cristã, e da Assembléia de Deus em 1911”. Cabe dizer algo sobre importante acerca do pentecostalismo clássico. Ele reina

absolutamente de 1910 a 1950, (SOUZA, 2012, p. 27), período que vai da implantação desta igreja no país até sua difusão para todo território nacional. Como se observa na pesquisa realizada por Rolim:

A rápida expansão desta igreja pentecostal trouxe considerável incremento ao crescimento do pentecostalismo. Fundada em 1910, assinalava sua presença, já nos anos 1940, em todos os Estados e Territórios nacionais, nuns mais noutros menos. (ROLIM, 1985, p. 49)

Entretanto, o modelo da Assembléia de Deus tem dado origem a uma grande quantidade e diversidade de igrejas pentecostais, a partir de seus próprios elementos rituais - a unção com óleo, revelações, falar em línguas estranhas - e, organizacionais - consagração de líderes leigos, expansão de igrejas em locais de risco sociais, permitindo assim, o surgimento de líderes religiosos com maior facilidade. As igrejas de bairro se organizam dentro desta mesma dinâmica. Exemplo disso constata-se, na consagração ao ministério pastoral de Célia:

Foi Ele (Deus) que me chamou, [...] eu creio que Deus olhou pra mim, e me agraciou com isso (ministério pastoral), porque sempre que eu congregava já tomava conta, mesmo independente de ser pastora, obreira, missionária, eu já cuidava das almas, eu sei que Deus olhou para mim e aí só fiz tomar coragem [...] como Ele disse que era comigo aí tomei posse, tomei coragem, então não olhei pra trás. (CÉLIA, 2011)

Outro fator importante na Assembléia de Deus e nas igrejas de bairros, é que não existe aparentemente uma diferença de especialização entre as funções relativas aos cargos, a distinção entre estes se dá muito mais por critérios de tempo, de experiência na religião, do que por especialização teológica. O sociólogo Freston explicou este modelo em um interessante trabalho de reconstituição da história da igreja:

Tradicionalmente, um homem chega a ser pastor na AD, vencendo uma série de estágios de aprendizado: auxiliar, diácono, presbítero, evangelista, pastor. Embora haja elementos clericais no sistema (ritos reservados a pastores), não há um abismo entre clero e laicato. O pastor é apenas aquele que chegou ao topo da escada, mas não se distancia do membro comum por uma formação especializada. (1994, p. 87)

O chamado para o ministério pastoral é dado por Deus, e independe do fiel fazer um curso de teologia ou não. Se Ele chamou o fiel para o ministério, segundo a pastora Célia é porque vai garantir a capacitação espiritual do (da) futuro (a) pastor (a), como fica registrado neste depoimento: “*como Ele disse que era comigo, aí tomei posse, tomei*

coragem, então não olhei pra trás.” (CELIA, 2011). Outra cena que justifica a consagração e o aprendizado dos líderes nestes ministérios é o depoimento da pastora Ana:

Ah..., se eu fiz teologia? A minha teologia é de Jesus sabe por quê? Se Jesus quiser que eu e você aprendêssemos do homem, que serventia teria Jesus de morrer e ressuscitar? Ele é o sábio dos sábios, Jesus deseja ensinar a mim e a você, anseia em ensinar a todos, Deus quer nos capacitar. É Ele que deseja ser o nosso professor. (ANA, 2011)

Esta flexibilidade de consagração propicia a ascensão sacerdotal dos indivíduos e a eventual emergência de novas lideranças internas à igreja. A rigidez do modelo patriarcal de relacionamento possibilita o surgimento de conflitos internos, por espaço ou autonomia na prática ritual e litúrgica. O resultado da combinação destes elementos faz com que a possibilidade de dissidências se torne maior. Desta forma, lideranças secundárias podem captar parte da clientela da igreja de origem e fundar novas denominações. Caso semelhante é o que a irmã Algenita relata acerca do surgimento da Igreja Pentecostal Jesus é a Resposta:

Olha, “A pastora Célia era líder do círculo de oração na igreja Divina Misericórdia e Deus a usava, pela misericórdia Dele, através da revelação e da cura. Foi quando o pastor Mauro, nosso antigo pastor, começou a se levantar contra a pastora Célia, dizendo que não concordava com aquelas coisas (práticas rituais - cura e revelação), e com isso, disciplinou a pastora, tirando-a da frente do ministério de oração, e pediu para que não ficasse dando mais revelação, porque não achava que aquilo era de Deus. Foi quando ela saiu e foi congregar na igreja Deus é Amor. Um mês depois a procuramos e pedimos para abrir um ministério. Inicialmente ficamos na casa de uma irmã até conseguir alugar um local. Com um tempo, Deus nos concedeu este terreno e construímos a Igreja Pentecostal Jesus é a Resposta. (2011)

O desafeto, ciúmes e discórdias não têm sido os únicos fatores que podem propiciar a multiplicação e a variabilidade das pequenas igrejas pentecostais de bairros. Em alguns casos, ocorre a autonomização de filiais. A autonomização de uma igreja consiste em tornar uma filial mais ou menos independente em relação à sua sede; significa também torná-la livre do compromisso de realizar as mesmas campanhas que a sede, e lhe enviar parte dos dízimos conseguidos; já em outros casos, ocorre a independência total. Foi o que aconteceu com a igreja Missionária Assembléia de Deus, como relata a sua pastora:

O pastor Arisvaldo, percebendo que eu tinha chamado para o ministério, abriu um ponto de congregação em Góes Calmon, convidou para que meu esposo tomasse conta, só que ele estava com a visão em

mim, não foi no meu esposo, e eu ficava lá e cá. Só que, chegou um determinado tempo, que Deus me usando na frente da obra, eu convidava pregadores de fora, tocadores, grupos de fora. Então a igreja foi crescendo e desenvolvendo, e ele ficou preocupado em ver aquele crescimento da igreja, e achou que eu ia tomar a obra da mão dele, só que a minha intenção era de ajudar o meu esposo. Só que, Deus cria situação para nos abençoar e, nós não entendemos o trabalhar de Deus. E quando foi um dia o som queimou, da igreja, e eu fui lá pedir um som na casa dele para igreja e ele (pastor Arisvaldo) não quis liberar. Mas a igreja não é minha, a igreja é sua, eu estou lhe ajudando. Então a partir de agora, eu não vou congrega com você, eu vou congrega na minha igreja em Salvador. E aí eu fiz isso, só que quando eu abandonei a igreja e voltei para Salvador os irmãos que estavam comigo começaram a dizer: não, irmã Aidil, você tem que voltar. E não era crente, a maioria eram pessoas não evangélicas. A pedido dos irmãos, voltei e abri o ministério que esta lá até hoje, pela graça de Deus. (AIDIL, 2011)

Um dado marcante na pesquisa trata-se do grande número de igrejas pentecostais nos bairros onde se desenvolveu a pesquisa. Além das igrejas pesquisadas, foi feito um levantamento das igrejas presentes até aquele momento³⁰, de orientação pentecostal, que tinha à frente de sua liderança, mulheres. Para ser mais preciso nos dados, a apresentação será feita por meio de uma tabela:

TABELA 04 – IGREJAS PENTECOSTAIS DE LIDERANÇA FEMININA EM SIMÕES FILHO

BAIRROS	NUMEROS DE IGREJAS PENTECOSTAIS	LIDERANÇA FEMININA
GÓES CALMON	7 IGREJAS	2 LIDERANÇA
CIA II	19 IGREJAS	3 LIDERANÇAS
PAULO SOUTO	26 IGREJAS	4 LIDERANÇAS
PONTO DE PARADA	32 IGREJAS	6 LIDERANÇAS
BARREIRO	12 IGREJAS	3 LIDERANÇAS
MAJOR TAPIOCA	9 IGREJAS	2 LIDERANÇAS
CEPEL	11 IGREJAS	3 LIDERANÇAS
TOTAL	116	23

³⁰ Esse levantamento foi realizado no ano de 2011, significa, portanto, que possa terem sido alterados os dados acima informados.

Esses dados revelam o crescimento de lideranças femininas, agregadas por este pentecostalismo de bairro, dando a este um rosto feminino.

Igrejas de bairro e sua forma de organização

O pentecostalismo no Brasil tem crescido muito, não só através da difusão de Igrejas consolidadas no cenário nacional, mas também por meio de outras igrejas menores que, segundo Almeida, “são organizadas de forma independente, surgidas em diferentes pontos dos bairros populares, muitas vezes ocupando lugares, antes relacionados a bares, antigas lojas, garagens e até mesmo antigas casas de terreiros”. (2011, p. 120)

Para fazer referência às igrejas que se organizam autonomamente, e em bairros periféricos, utilizamos o termo *Igrejas de Bairros*³¹. A escolha deste termo foi motivada muito pela percepção de que essas igrejas não são parte de uma rede maior de instituições, portanto são igrejas autônomas, de liderança feminina, e que muitas vezes são organizadas a partir de uma inspiração divina, que se traduz na revelação, ou em visão, o que se pode constatar, por exemplo, na fala da pastora Selma:

O próprio Deus me deu em visão abrindo aqui (igreja). Era minha residência, e Ele me mostrou que não queria uma residência, queria um templo (igreja), e o outro motivo era a necessidade do próprio Deus em salvar vidas, uma vez que muitas pessoas neste bairro estavam envolvidas com o tráfico. (2011)

São fundadas a partir de múltiplas articulações de interesses entre lideranças e seguidores. Mantém uma estrutura ritual que apresenta particularidades. Esta particularidade fica evidente em uma situação de agenciamento que ocorreu no culto da Igreja Pentecostal Pronto Socorro de Jesus:

Certa feita, o pastor Nilton estava pregando, quando as obreiras encaminharam até o púlpito uma jovem senhora em prantos com uma criança no colo que ardia em febre. Imediatamente, o pastor parou a sua pregação, pediu à mãe para que se colocasse de joelhos. Neste momento, a igreja já se encontrava em pé com as mãos estendida em direção aquelas duas vidas ali na frente. O pastor, com a criança no colo, solicitou uma obreira a ungir a criança e a mãe na testa, erguendo a criança acima da cabeça, começou a orar juntamente com a igreja. Em torno de cinco a dez minutos após a oração, os obreiros recolheram a uma sala mãe e sua filhinha. O pastor, retornando à plataforma, voltou a pregar. (NILTON, 2012)

³¹ Trata-se de igrejas que surgem de forma independente, ou seja, não estão sujeitas a nenhuma hierarquia eclesial.

Este relato revela o modo como estas igrejas de bairros têm características bastante específicas, pois, tratam-se de igrejas que surgem de forma autônoma e independentemente de relações hierárquicas, políticas e históricas com igrejas mães historicamente constituídas. Essas igrejas são auto-referidas pelos seus frequentadores, atribuem o seu surgimento a partir da ordem divina. Elas têm templos menores e contam com um número menor de adeptos, o que permite uma interação ritual e um cotidiano de relações próximas entre seus participantes. São igrejas de base pentecostal, com amplos conjuntos de serviços e agenciamento, tais como curas e revelações.

O surgimento destas igrejas deriva de vários motivos. Há casos de desentendimento entre as lideranças. Em outras situações, acontece em decorrência da troca de líderes. Já em outras circunstâncias, a criação ocorre porque novas práticas rituais são adotadas, gerando, muitas vezes, divisões, logo aquele grupo de pessoas que saem, cria uma nova igreja, como relatado anteriormente pela irmã Algenita da Igreja pentecostal Jesus é a Resposta.

Outra cena significativa que descreve a forma como muitas vezes estas igrejas surgem nos bairros, é a fundação da Pronto Socorro de Jesus:

A nossa igreja é fruto da misericórdia do Senhor. Eu trabalhei como pastor auxiliar, na minha antiga igreja. Meu pastor sempre foi um homem muito ocupado, até porque é dono de muitas empresas. Sendo assim, era eu que pastoreava, visitava, pregava, e isto com um tempo, foi gerando ciúme, sei lá, na vida do meu pastor. Com isso ele consagrou outro pastor e aos pouco foi me tirando da frente da obra. Quando em oração Deus revelou ao meu coração que eu deveria abrir meu próprio ministério. Ao sair da igreja um pessoal que gostava muito da forma como eu pastoreava veio comigo, e hoje estamos aqui com o ministério Pronto Socorro de Jesus, pela misericórdia do Senhor. (NILTON, 2012)

O cenário descrito acima apresenta duas situações de fundação de igreja. Embora em dois contextos totalmente diferentes, o que gera essas novas igrejas é a desarmonia entre seus líderes anteriores. No caso da pastora Célia, há um dado significativo que é a mudança de ritual, uma vez que o seu pastor não concorda com o fato de Deus usá-la por meio das revelações e curas. Essa repulsa talvez se deu pelo fato de o pastor não praticar esses rituais na igreja.

A incorporação de novas práticas rituais ocorre em decorrência do trânsito religioso entre os fiéis.

O trânsito religioso pode ser visivelmente notável, em virtude do número de igrejas, muitas vezes, pequenas que se instalam nos bairros, sobretudo, bairros da periferia, como é o caso das igrejas aqui pesquisadas. Os motivos que levam esses fiéis a transitarem de uma religião, ou de uma igreja para outra, em geral são questões relacionadas à saúde, a filhos e a conflitos conjugais.

Certa feita uma irmã, justificando o “poder” de Deus que havia na sua igreja (Pentecostal Jesus é a Resposta), disse: “Quando eu cheguei aqui, eu era membro da Igreja Batista Monte Sinai, e vocês sabem, lá não tem círculo de oração, e eu vir aqui a primeira vez participar do círculo de oração, e fiz aqui, nesta igreja, um voto com Deus, que se Ele restaurasse meu casamento eu o serviria fielmente neste ministério, e graças a Deus, o meu casamento é outro. Glória Deus! Aqui há poder de Deus, creiam irmãs, nisso”. (Irmã Lídia, 2011)

Para Monteiro e Almeida (2001, p. 96), “são elas (mulheres) que mais mudam e, na maior parte das vezes, sempre direcionadas para outras religiões”. Essa mobilidade é muito freqüente, não importa se a igreja é longe, ou pequena, o que importa é o “serviço que ela presta aos seus fiéis”, como se pode observar na fala da pastora Ana:

Vinha gente de Salvador, vinha gente de tudo quanto era lugar, onde eu estava pregando, por volta e meia começou a aparecer gente desta região aqui, e o povo começou a me convidar, pastora faça uma visita na minha casa, eu comecei a visitar os lares, Deus começou a honrar, começou a abençoar o povo lá, restaurar muitos casamentos, muitas famílias, muitas vidas restauradas, muitas libertações. (2011)

O conceito weberiano de “conversão”, que explicava o complexo processo subjetivo de adesão a um novo credo, não parece mais capaz de elucidar essas rápidas idas e vindas entre religiões aparentemente tão dispares entre si. Para Monteiro e Almeida, uma das tentativas para compreender esse fenômeno do trânsito religioso está, muitas vezes, na metáfora do mercado.

Estaria subjacente a esse enquadramento do pluralismo a idéia de que a racionalização do sagrado no mundo moderno realizar-se-ia pela transformação das crenças em mercadorias a serem consumidas pelos adeptos que, volúveis, escolheriam os produtos segundo suas necessidades imediatas. (MONTEIRO e ALMEIDA, 2001, p. 92)

Outro conceito importante para compreender a experiência religiosa é a do ethos. Para Geertz, ethos é: “[...] o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete”. (2008, p. 92). Sendo assim, a experiência religiosa não é exclusiva

do lugar em que se originou, a experiência, muitas vezes de cura, de revelação, é preciso transmutá-la para outros espaços, multiplicá-la, renová-la no cotidiano. Por isso que, ao voltarem para suas casas, ou igrejas de origem, muitas dessas mulheres socializam suas experiências que tiveram com Deus em outros espaços, gerando, sentimentos totalmente contraditórios, alegria em uns e repulsa em outros. Este foi o motivo que levou a pastora Célia a ser afastada do círculo de oração, e esse afastamento resultou em uma nova igreja de bairro.

Outro termo muito utilizado é o “ritual”. Lévi-Strauss compreende por ritual: “[...] no total, a oposição entre o rito e o mito é aquela do viver e do pensar, e o ritual representa um abastardamento do pensar consentido às servitudes da vida” (STRAUSS, 1971, p. 603). Assim sendo, o ritual coloca em prática o pensar humano. Os rituais permitem descortinar um panorama muito mais amplo, que ajudam a entender melhor determinada sociedade, seus valores pensados e vividos. Esses valores pensados e vividos estão muito presentes no fazer religioso destas igrejas de bairros, a exemplo do culto das maravilhas que é uma liturgia que agrega exorcismo, revelações, curas, recebimento do Espírito, falar em línguas, mas o importante são as guerras travadas com o diabo. Isso fica evidente na experiência da pastora Ana:

Tratava-se do culto das maravilhas. Foi quando a pastora chamou à frente uma irmã da Igreja, pois ela tinha uma revelação de Deus para a irmã. Dirigindo-se à frente do púlpito, a pastora encheu um copo descartável de água que fica sob o altar e, voltando-se para a irmã, disse que o diabo tinha colocado um miolo de boi dentro de uma casca de coco e largou numa esquina debaixo do sol, e este miolo estava fervendo, e o diabo queria matá-la através da loucura, mas naquele momento Deus estava dando o livramento; e pedindo que ela bebesse a água, ungiu a testa, e começou a orar sempre com a mão na testa da mesma, e falando próximo ao ouvido, imediatamente as obreiras ficaram atrás daquela mulher como se algo fosse acontecer, e após um sopro no ouvido, a irmã caiu desfalecida por alguns minutos. Dirigindo-se para os fiéis, a pastora falou: o diabo veio para matar, mas Deus tem usado a gente para ressuscitar. (ANA, 2011)

Não apenas no culto das maravilhas, mas em todos os outros cultos na Igreja Apostólica de Jesus são usados os mesmos elementos (água e óleo), para as pessoas que vão à frente da igreja receber a revelação de Deus. Depois de dada a revelação, a pastora pede para a pessoa beber da água e unge a testa da mesma e, em seguida, ora, resultando no desfalecimento da pessoa. Naquele momento, a pessoa é curada de todo mal, quando

toma da água e a deixa colocar as mãos no local enfermo. Esta cena pode ser vista no seu depoimento:

*Um homem vomitou um gongo e ele saiu andando. Obra maligna, obra de macumbaria. Como é que Deus não vai usar mulher? Vomitou um gongo. Caiu por casta de demônio. Quando toquei no abdômen Deus começou a fazer aquele homem colocar tudo pra fora e caiu o gongo. Pessoas já vomitaram bolo de cabelo, câncer, pessoas curadas através da **minha mão**, através da **oração**, através daquela **água**. (ANA, 2011, grifos do autor)*

Esses elementos são repetidos em todas as cerimônias de culto na igreja, fazendo com que estas ações tornem-se rituais. Peirano (2003) destaca que os rituais podem ser “religiosos, profanos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados”. O importante nos rituais seria suas características de forma, convencionalidade, repetição etc. Outro aspecto ressaltado pela autora diz respeito à relação do ritual com o cotidiano. O que se vê em um está presente no outro, e vice-versa: “Consideramos o ritual um fenômeno especial da sociedade que nos aponta e revela expressões e valores de uma sociedade, mas o ritual, ilumina o que já é comum a um determinado grupo”. (PEIRANO, 2003, p. 10).

Após estas ressalvas, a autora fornece sua “definição operativa”, definição esta inicialmente formulada por outro antropólogo – Stanley Tambiah – dedicado aos estudos contemporâneos sobre rituais. Esta definição parece fundamental por sua concisão e, ao mesmo tempo, abrangência:

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipada (rigidez), condensada (fusão) e redundante (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo]. (PEIRANO, 2003, p11)

Neste sentido, a definição assim formulada é um conceito, e as situações caracterizadas podem ser consideradas rituais, de acordo com os critérios acima. Desta forma, pode-se

dizer que os rituais estão presentes na vida cotidiana do ser humano, sobretudo se observadas as performances aí executadas. Eventos como carnaval, procissões religiosas, ungiu a pessoa com óleo e a fazer tomar água ungiu antes de receber a oração da pastora, o ir à frente da igreja para receber a revelação de Deus, podem ser considerados como rituais, assim como tantos outros.

Outro dado importante a ser extraído no depoimento da pastora Ana, é que os problemas existentes na vida das pessoas que vão à igreja são sempre relacionados a obras de “macumbaria”. Por isso, em todos os cultos é sempre travada uma luta contra o mal, e este precisa ser vencido. Segundo Monteiro e Almeida, “Os afro-brasileiros estão na esfera de ação dos pentecostais por serem alvos privilegiados da evangelização e modelo simbólico religioso a ser combatido” (2001, p. 99). Para Vagner Gonçalves (2011),

esses ataques, vistos por seus agentes como uma “guerra santa”, ou “batalha espiritual” do bem contra o mal (sendo este representado pelos demônios que se travestem preferencialmente de divindades do panteão afro-brasileiro para causar malefícios), faz parte, em diferentes graus, do sistema teológico e doutrinário do pentecostalismo desde seu surgimento no Brasil no início do século XX. (2011, p. 207)

Vê-se que o combate aos “demônios” constitui uma das principais estratégias de evangelização e de santificação adotada por estas igrejas de bairros, uma vez que, para estas, a vitória sobre o demônio é conquistada com a experiência de santificação dos participantes no culto.

O ataque às religiões afro-brasileiras, mais do que uma espécie de estratégia de proselitismo junto às populações de baixo nível socioeconômico, potencialmente consumidoras dos repertórios religiosos afro-brasileiros e neopentecostais, como queira alguns estudiosos, parece ser uma espécie de estratégia “a La Cavalu de Tróia” às avessas. Combate-se essas religiões para monopolizar seu principal bem no mercado religioso, as mediações mágicas e a experiência do avivamento. (GONÇALVES, 2011, p. 208)

Nota-se nas igrejas de bairros que esta santificação, além de conceder ao fiel a vitória contra o mal, aproxima-o de Deus, e esta aproximação não se dá apenas por meio da oração e da frequência aos cultos, é também mediada pelos utensílios que são disponibilizados pela própria igreja, tais como, óleo ungiu, água ungiu, fita amarrada no braço com a expressão “eu sou de Cristo”, réplica da arca da aliança. Uma cena que expressa essa mediação ocorreu no culto da Igreja Assembléia de Deus Missionária.

Certa ocasião, participava do culto das maravilhas na Igreja Assembléia de Deus Missionária, e havia, sob a mesa coberta com um lençol branco, a Bíblia no centro, à esquerda o óleo ungido e à direita a água também ungida. Perguntando à irmã acerca do significado daqueles elementos, ela me disse: “A Bíblia é a revelação dada por Deus através de Jesus e dos apóstolos, o óleo é o Espírito Santo e a água é o que traz a purificação ao nosso corpo quando bebemos e a passamos no corpo”. E, virando-se para mim, disse: “É por isso que, quando unguimos um irmão com o óleo no culto das maravilhas, esta pessoa é logo batizada no fogo e começa a falar em línguas estranhas, e quando alguém bebe da água, é curado de qualquer enfermidade”.

Os elementos são carregados de simbolismo. Como fica evidente na fala desta irmã, a Bíblia é a revelação de Deus. O óleo é o Espírito Santo, que, ao ungir alguém, tem um poder terapêutico e curativo. A água é esse outro elemento curativo que, após ser abençoado, passa a ter um poder miraculoso. O óleo além de curar, ele media o imanente e o transcendente, e o resultado é o falar em línguas estranhas³². Para Souza, é no pentecostalismo que os fiéis, tanto do sexo masculino como feminino,

parecem encontrar alívio para suas aflições; podem participar de cultos, orações pela cura, que além de fornecerem, em certa medida, a crença na cura dos “males” tem o poder de alimentar os desejos e projetos de plena atividade. O hábito [...] de recorrerem às orações, sessões rituais de cura, parece conformar suas vidas cotidianas como uma nítida estratégia de resistência... (SOUZA, 2012, p. 171)

As igrejas de bairros e sua forma de agenciamento

Os cultos ministrados pelas líderes têm nas curas e revelações seus principais atrativos para que o fiel se firme naquela igreja. São nestas atividades que os fiéis buscam conforto e solução para seus problemas, como bem explica a pesquisadora Souza:

a doença nos moldes do pentecostalismo se torna importante porque é parte fundamental para o entendimento da trama social nesse contexto religioso. Por mais paradoxo que pareça são as aflições que, de uma certa forma, darão sentido a vida do fiel. Tanto a doença, quanto o mal parecem servir para marcar as vicissitudes, contingências e limites da vida humana. Ao que tudo indica, sem esses elementos – doença e mal – a teodicéia desse sistema religioso, certamente, não teria eficácia na vida das pessoas que freqüentam igrejas pentecostais e que acreditam na possibilidade de cura para seus males. (SOUZA, 2012, p. 179)

³² O termo “falar línguas estranhas”, segundo os pentecostais das igrejas pesquisadas, é o batismo no fogo. Ou seja, o fiel que decide viver uma vida santificada é visitado pelo Espírito Santo, e o resultado desta visita é o falar línguas estranhas.

Em geral, os cultos é dividido entre a realização de orações e a distribuição de revelações. Durante o período dedicado às orações, as pastoras estimulam os fiéis a pedirem a Deus resolução de seus problemas, que podem ser das mais diversas ordens. Nesses processos de libertação, alguns atos performáticos ocorrem, como a unção com óleo, o beber a água abençoada e a imposição de mãos. Este último chama a atenção, porque parece ser dos mais importantes para compreensão do processo terapêutico de cura e/ou libertação. Segundo Souza:

A imposição das mãos ocorre quase sempre em contexto de oração, e pode ser realizada a partir de várias técnicas tais como, imposição das duas mãos, só uma das mãos que pode ser sobre a cabeça, testa ou ombro da pessoa afligida. Pode ser realizada diretamente pelo terapeuta ou no caso de que haja uma grande audiência cada pessoa fará a imposição das mãos em suas próprias cabeças ou no caso de orações feitas pelo rádio as pessoas poderão pôr também a mão na cabeça ou na parte do corpo que esteja enferma. Esses atos são usados geralmente para introduzir o poder divino em quem precisa de libertação. (SOUZA, 2012, p. 184-185)

Questões relacionadas à saúde, às aflições são as mais presentes na pauta levantada pelas pastoras, e os fiéis também apresentam esta inclinação. É bastante comum que indivíduos com sérios problemas de saúde procurem auxílio nestas congregações, e relatos de cura são tão frequentes que terminam por atuar à maneira de um “cartão de visitas” àqueles que se encontram em situações parecidas. Uma cena que exemplifica esta experiência é a da irmã Gilda, da Igreja Pentecostal Jesus é a Resposta:

Quando marquei a primeira entrevista com a pastora Célia, resolvi chegar mais cedo à igreja. Ao chegar, encontrei a mesma fechada, quem me recebeu foi irmã Gilda dizendo que a pastora já havia ligado para ela e que estava chegando. Enquanto ela chegava a irmã me convidou para aguardá-la em sua casa. Aceitei. Ao entrar na casa da irmã, ela pediu que eu sentasse no sofá. Enquanto eu me acomodava, ela foi até a cozinha e me trouxe um café, e ali começamos a conversar, e nessa conversa a irmã Gilda relatou sobre o que Deus tinha feito em sua vida há catorze anos atrás: “quando tive o primeiro filho, sentia umas dores muito forte no abdome e não sabia o que era aquilo, por duas vezes derrubei meu filho do colo, por não conseguir segurá-lo. Na época eu frequentava a igreja Assembléia de Deus e fui convidada por uma irmã a fazer uma visita à igreja Deus é Amor, porque lá estava acontecendo uma campanha de cura e eu entrei neste propósito. E na quarta semana que eu já estava frequentando, Deus usou um missionário para dizer que eu estava podre por dentro, mas que, naquele instante, Deus estava me dando a vitória da cura. Convidando-me à frente, orou e me ungiu com óleo. Após o culto, conversei com o missionário e novamente ele relatou que me viu podre por dentro e que o meu caso era câncer, por isso eu já estava colocando um leite por baixo (vagina) e eu

imaginava que, por estar amamentando e meus peitos estarem muito cheios, o leite estava escorrendo por baixo, quando na verdade se tratava de pus, era muito pus e, naquele dia, Deus me deu a revelação do meu problema e que também me curou. Até hoje não sinto mais nada”. (2011)

Esse trânsito religioso³³ que ocorrera foi por conta do “cartão de visita” que é a cura. Outro ponto de destaque nestas igrejas são as revelações. Pode-se, definir revelação como uma mensagem enviada às pastoras e/ou pastor por Deus, para que seja repassada a determinada pessoa presente no culto, com o intuito de torná-la ciente das “verdadeiras” razões de seus problemas ou comunicar-lhe alguma bênção iminente. A mensagem a ser transmitida à pessoa é repassada ao público, e só após é que seu destinatário se identifica frente aos presentes. Logo, se espera que a mesma dirija-se até o altar e aceite a oração feita pela pastora para que o problema revelado seja totalmente neutralizado, ou para que a bênção revelada seja verdadeiramente concretizada.

Em praticamente todos os casos de revelações que apontam os verdadeiros causadores dos problemas das pessoas, a acusação ao demônio é a base da construção do discurso religioso pentecostal. Para Vagner Gonçalves, o diabo constitui o eixo central do qual a igreja pentecostal se vale para construir seu universo simbólico.

Doenças, misérias, desastres, e todos os problemas que tem afligindo o homem desde que este iniciou sua vida, tem uma origem: o diabo. O diabo não é somente a antítese (o arquiinimigo) de Deus. Ele é a encarnação do Mal; uma presença constante (e ameaçadora) na vida e no cotidiano das pessoas. Disso resulta que as representações do diabo constituem o eixo a partir do qual o universo simbólico desta igreja é construído. (GONÇALVES, 2007, p. 44)

Conseqüentemente, isso implica a implementação de rituais que visam impedir que o demônio continue atuando. Dentre estes rituais, a revelação é o mais relevante para que este mal seja repreendido. Outras ações rituais são colocadas em prática (óleo ungido, fita da vitória no braço, água abençoada, fidelidade nos dízimos e ofertas) para fortalecer o vínculo entre o fiel e Deus. Algo digno de nota é que a parcela de tempo dedicada durante os cultos a essas ações rituais é bastante inferior ao tempo destinado às revelações, orações de cura e libertação.

³³ Trânsito religioso fundamenta-se a partir de um relacionamento dinâmico, de negociação, entre fiel e agências religiosas, conferindo-lhe certa imprevisibilidade, diante da modelagem individual que ele proporciona e diante da abertura de diálogo que cada denominação pentecostal vai oferecer.

a) Igreja Assembléia de Deus Missionária

Trata-se de uma igreja pentecostal, inserida, no bairro de Góes Calmon, periferia de Simões Filho. Esta igreja se estrutura de forma que todos os fiéis e não fiéis sejam contemplados, por esta razão ela se organiza da seguinte forma:

O culto da vitória, que ocorre nas terças-feiras, é o culto que tem o maior número de frequentadores fiéis, não fiéis e fiéis de outras denominações, uma vez que o mesmo se organiza visando à bênção financeira.

Uma visitante disse à frente da congregação que aquele culto era uma bênção na vida dela, porque foi através dele que ela conseguiu comprar o guarda-roupa, a geladeira e o fogão para sua casa. Disse ela: “Eu determinei a Deus que no final da campanha eu iria conquistar a minha vitória, e na última semana uma causa que eu tinha na justiça foi liberada e eu pude tomar posse da minha vitória”. (IRMÃ GLÓRIA – IGREJA DEUS É AMOR - 2011)

São relatos recorrentes nos cultos da vitória, e todos, independentemente de serem cristãos ou não, que fazem parte da campanha, podem ir à frente da igreja relatar sua bênção. A pobreza é o grande desafio na vida destes fiéis e não-fiéis, que buscam eliminar a ação do diabo, para alcançar a sua bênção e/ou vitória financeira. Elizete da Silva acrescenta, nesta lógica, que os fiéis são levados a crer que a pobreza humana não é decorrência das disparidades ou desigualdades sociais, mas algo ocasionado pelo demônio. A autora diz ainda que os problemas sociais tais como fome, miséria e corrupção, sendo frutos da intromissão demoníaca, devem ser resolvidos através da mensagem evangélica que atinge e transforma as almas, e não com programas político-estruturais para a sociedade:

O reino do mal está sob o domínio do pecado e das forças satânicas. Sendo assim, o dever do cristão é afastar-se completamente desse mundo, renegá-lo como criação do diabo e seus agentes. A intervenção nesse mundo/sociedade perdida tem que ser espiritual, através da conversão pessoal de cada homem. Converta-se e a sociedade se transformará. (SILVA, 1996, p. 134)

O culto que tem por tema “a Família, projeto de Deus”, acontece nas quartas-feiras. As pessoas, ao entrarem na igreja, se colocam diante de uma mesa que fica no altar neste dia, e colocam fotos de parentes, carteiras de trabalho, identidade, roupas, processos judiciais, vasos com águas e óleos etc.

A pregação da pastora é voltada para a vitória no âmbito espiritual e financeiro da família. Logo falam de quebra de “maldição”, que, geralmente, está vinculada aos vícios. Após longas e fortes orações, cantam hinos e finalizam o culto chamando à frente as pessoas que querem ser ungidas. Em seguida, forma-se uma fila de pessoas que vão até o altar para receberem da pastora e dos (as) obreiros (as) a unção com óleo. Enquanto isso, outros (as) obreiros (as) ficam na retaguarda para amparar as pessoas que, após receberem a oração, umas ficam desacordadas, outras se emocionam bastante e começam a chorar. Após a unção destas pessoas, a pastora, juntamente com sua equipe de obreiros (as), fazem uma corrente frente ao altar e começam a clamar pelos objetos que estão sobre a mesa. Quando encerrada a oração, cantam mais um hino e a pastora despede todos com a “santa paz do Senhor”. Para Cecília Mariz (1996), estas igrejas fornecem elementos que ajudam os fiéis na superação das dificuldades da vida cotidiana do indivíduo e de sua família. Cecília Mariz adianta que, quando estas igrejas motivam sua membresia para uma vida em família e para abdicarem do alcoolismo ou de qualquer outro vício, estão estrategicamente combatendo a pobreza. Pois, segundo a autora, o dinheiro outrora gasto com bebida alcoólica, promiscuidade, reverter-se-á para o consumo dentro do lar.

Cecília Mariz diz ainda que, segundo esta lógica, as mulheres são levadas a crer que, quando seus maridos bebem e/ou as agredem, não o fazem de livre e espontânea vontade, mas porque foram tomados pelo demônio. Sob este ponto de vista, os opressores passam a ser vistos como oprimidos pelo demônio, possuídos.

Assim, essas mulheres passam a interpretar ou decodificar os conflitos matrimoniais como sendo oriundos ou provenientes da atuação de uma força maligna, demoníaca. E, sendo assim, o que se deve fazer é orar por eles. Deste modo, a instituição “igreja” acaba sendo a base de sustentação na recuperação tanto do homem, como do seu casamento e da instituição “família”.

Na quinta-feira, ocorre o culto de doutrina³⁴. Este, é voltado especificamente para os fiéis da igreja, é onde eles aprendem como devem se comportar como cristãos, é onde também eles começam a dar os primeiros passos para futuramente serem líderes, como deixa claro uma fiel que ensina os recém convertidos:

Aqui vocês têm a oportunidade de tirar suas dúvidas, aqui também vocês podem interpretar a Bíblia e isso os capacita para futuramente

³⁴ Trata-se de um culto, segundo as pastoras, onde se ensina a Bíblia e as práticas rituais exercidas pela igreja.

serem obreiros, evangelistas e estarem diante da obra do senhor. (IRMÃ CARMEM, 2011)

De fato, neste culto os fiéis têm a oportunidade dada pelo (a) professor (a) de ir à frente da classe explicar o texto bíblico que estudou em casa e interpretá-lo para os demais. Geralmente são textos que, segundo os fiéis, foram dados por Deus, entendendo assim que trata-se, sobretudo, de um “recado que o Senhor quer dar para a igreja”. Não são todos que vão à frente; geralmente o (a) irmão (a) que está liderando o culto de doutrina seleciona um tema, por exemplo, “revelação”, e solicita a dois ou três irmãos para que, no próximo culto, eles estejam à frente falando sobre o assunto. O (a) líder (a) se coloca como mediador, pois, a partir da abordagem dos irmãos, ele (a) levanta questionamentos e todos participam da discussão. É uma forma de ensinar, bem parecida com a proposta freiriana “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 25). Sendo assim, trata-se de um culto em que os fiéis que estão na condição de aluno, ensinam aprendendo.

Na sexta-feira ocorre, pela manhã, o círculo de oração³⁵. É um culto que tem uma presença muito grande de mulheres, estas oram em voz alta, choram, cantam hinos, falam em línguas estranhas, dançam no espírito, dão testemunhos, pregam, e passam a maior parte do culto de joelhos, com o rosto na cadeira. Para estas fiéis, a oração as fortalece, para vencer o diabo, como contou uma irmã numa certa manhã, durante o círculo de oração:

Quando saio do culto, estou preparada para lutar contra o diabo, para pisar na cabeça do cão. Este culto me fortalece espiritualmente, sinto verdadeiramente a presença do Espírito Santo na minha vida. E todas as vezes que venho ao culto de oração, o diabo se levantava em casa para me impedir, e eu descobri porque, porque Deus fala comigo e habita em mim, recebo a presença do Espírito Santo na minha vida, fico mais forte, a varoa verdadeira paga o preço, é por isso que eu fico de joelho, porque o diabo tem medo de crente que fica de joelho, que se humilha na presença de Deus, é por isso que ele se levanta para impedir-me de vir aqui. (VIRGINIA, 2012)

Testemunhos como estes são acompanhados por gritos de aleluias e glórias a Deus. A oração do fiel deve exprimir uma vontade de ser tocado pelo Espírito. Quando se dobra os joelhos, para orar, é preciso libertar-se de tudo que é do mundo, pois só desta forma se vence o diabo. Como conta esta outra irmã:

³⁵ O Círculo de Oração é onde os fiéis se reúnem, apenas com o propósito, de orar e receber oração e depois da oração recebida, testemunhar da benção alcançada naquele culto.

Quando chego à igreja para orar, deposito todas as minhas preocupações no altar do Senhor. Nesta hora, eu quero apenas abrir meu coração para Deus, para senti-lo verdadeiramente. Mas se o irmão estiver com o pensamento nas coisas do mundo, a gente não ouve e nem sente o Senhor. Porque Deus que tomar o nosso corpo por completo. É por isso que eu coloco as minhas aflições nas mãos do nosso Deus e descanso. Só assim Deus nos ouve. (MARIA DO SOCORRO, 2011)

Alguns fiéis, quando visitados pelo Espírito Santo, pulam batendo palmas, outros saltam e rodam “no espírito”:

A convidada para trazer a palavra naquela tarde de quarta feira foi uma irmã missionária da Igreja Assembléia de Deus. Esta pregou por volta de quarenta minutos, logo depois começou a falar em línguas e também cantar em línguas, quando de repente a mesma se deslocou de onde estava e foi até um banco e, estendendo a mão para a irmã que se encontrava sentada, esta imediatamente começou a dançar no Espírito e também rodar, e esta cena durou em torno de uns vinte minutos, quando a missionária, encaminhando a irmã ao banco da igreja, a mesma sentando ainda movimentando bastante o corpo, foi se acalmando até voltar ao sentido anterior. Logo depois, a missionária entregou o microfone à pastora. (EDILEUZA, 2011)

No domingo, o culto na escola dominical inicia às 9h00. É quando os irmãos se dividem em classe para estudar a Bíblia, é um culto voltado para o aprendizado do fiel. É quando o fiel estuda uma revista dominical que, geralmente, trabalha uma temática selecionada pela pastora. À noite, às 19h00, os fiéis se reúnem mais uma vez para orar, ouvir testemunhos de vida, cantar, falar em línguas estranhas, entregar revelações e ouvir a pregação da pastora.

b) Igreja Pentecostal Jesus é a Resposta

É uma igreja em que a pastora Célia trabalha com uma equipe auxiliada por obreiros (as), evangelistas, missionários (as) e um pastor, consagrado pela pastora Célia, para lhe auxiliar. Ao receberem esse título, tornam-se modelos a serem imitados pelos demais, que, muitas vezes almejam chegar à mesma condição. Para isso, devem seguir os mesmos passos, outrora trilhados por estes que já ocupam uma posição mais elevada dentro da igreja.

Bourdieu observou que a religião cumpre a função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário, o que, de certa forma, traz consigo algumas

considerações que este faz em torno do conceito de campo religioso. Neste campo, os atores sociais agem de acordo com seus interesses de grupo: “a religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades arbitrárias que se encontram objetivamente associadas a esse grupo ou classe, na medida em que ele ocupa uma posição determinada na estrutura social”. (Bourdieu, 2005, p. 46)

Não existe uma relação automática entre classe/religião, mas os demais aspectos sociais interferem na construção e mudança do fenômeno religioso. Os grupos religiosos transformam seu discurso em verdade, legitimando-o e contrapondo-se às outras formas religiosas. Esta é uma característica fundamental da religião, construir verdades, construir objetos e espaços sagrados, que, de certa forma, são elaborados em contextos específicos, atendendo a interesses de grupos determinados:

As relações de transação que se estabelecessem, com base em interesses diferentes, entre os especialistas e os leigos, e as relações de concorrência que opõem os diferentes especialistas no interior do campo religioso, constituem o princípio da dinâmica do campo religioso e também das transformações da ideologia religiosa. (BOURDIEU, 2005, p. 50)

Por isso, é necessário que estes fiéis que já são obreiros (as), evangelistas, tenham um comportamento que, para a comunidade, seja “uma verdade” a ser seguida, para que os demais, ao desejarem determinados cargos, façam o mesmo.

A estrutura organizacional desta igreja é um pouco diferente da anterior, embora realize cultos com a mesma temática, como os exemplos que seguem.

Nas segundas-feiras, o culto de doutrina, voltado para o aprendizado do fiel. Diferentemente da Assembléia Missionária, é sempre o fiel, na condição de aluno, que estuda um tema geralmente dado pela pastora uma semana antes, para que, no culto de doutrina, explique o assunto e, após a explanação, é aberto para a igreja, àqueles que têm dúvidas, fazer perguntas. Aqueles que têm algo a acrescentar assim o fazem, só que, neste momento, quem responde não é mais o aluno e, sim, a pastora - como se a palavra dela anulasse qualquer dúvida, mantendo o grupo coeso. E, desta forma, acontece todo o aprendizado, que é aberto para todos, até mesmo visitantes. Apenas uma segunda-feira do mês, a pastora fica encarregada de transmitir um tema e explicá-lo para toda igreja. Quando solicita a um fiel para ler um texto da Bíblia, o mesmo deve explicar o que entendeu, e não se importa se é novo crente ou não, como bem disse a pastora de púlpito

certa vez: “Deus mandou entregar o rolo (Bíblia) a você, agora tem que desenrolar (explicar) o texto bíblico”. Sendo que, após a explanação do fiel, a pastora dá o veredicto final do texto.

Talvez este tipo de postura tenha a ver com a sociologia weberiana do poder religioso, uma vez que a mesma enfoca a concorrência entre especialistas religiosos pelo controle e manutenção do poder. Rivera, ao analisar Weber acerca do poder e da transmissão, chega à seguinte conclusão:

Os detentores do poder religioso são os responsáveis diretos pela transmissão da verdade, forma modificada da tradição de origem. Eles sempre têm melhores condições para transmiti-la e defendê-la dos concorrentes. Essa estreita relação entre poder religioso e transmissão se explica no fato de que a religião é a luta para manter a memória autorizada ou legítima. (RIVERA, 2010, p. 54)

Logo, a liderança religiosa deve manter ao seu redor uma comunidade, pois não há poder religioso sem reconhecimento do grupo. Para Rivera, “a manutenção da comunidade implica a realização regular do trabalho litúrgico (culto), que conjuga de forma privilegiada poder e transmissão” (2010, p. 55). Isso só é possível por conta, da dominação carismática que, segundo Weber, está “fundada na revelação pessoal, na aceitação das ordens criadas ou reveladas por uma pessoa e na entrega cotidiana a sua santidade, heroísmo ou exemplaridade”. (WEBER, 2009, p.141). Por isso, após a explanação da pastora, todos dão gritos de aleluias, glória a Deus e amém, como se estivessem de acordo com tudo o que ela disse.

O Culto das Maravilhas acontece na tarde de quarta-feira e só termina à noite. É um culto onde ocorrem profecias, batismo com fogo³⁶, dança no Espírito³⁷, oração em línguas estranhas, revelações, orações para pessoas serem curadas, ao mesmo tempo em que há muitos relatos de curas, como foi o caso da irmã Sônia:

Eu estava com fortes dores abdominais, já tinha tomado vários remédios e nada da dor passar. Fui ao médico várias vezes, foi quando minha mãe me chamou para este culto das maravilhas e agora eu não sinto mais nada. (2011)

³⁶ O batismo com fogo é quando o crente é visitado pelo Espírito Santo, e o mesmo começa a falar em línguas estranhas.

³⁷ A professora Miriam Rabelo (2005), em seu texto Rodando com o Santo e Queimando no Espírito, relata a experiência de ser habitado pelo Espírito Santo, que é descrita através de uma série de imagens corporais. Entre estas está a leveza, a experiência de ser erguido do chão e flutuar.

Após os testemunhos, a pastora pega o microfone e lembra à igreja as passagens bíblicas em que pessoas são curadas. Neste dia, a passagem bíblica foi a da “mulher que tinha um fluxo de sangue”, e ela disse: “Assim como Jesus curou aquela mulher, Ele continua curando ainda hoje, basta confiarmos e crermos no seu poder”.

Os testemunhos são recebidos pelos féis como tônicos, para continuarem crendo na intervenção divina. Isso ficou muito claro na fala do irmão Raimundo, quando dando-lhe carona de volta para casa, depois do culto, ele virou-se para mim dentro do carro e disse: “depois de uma mensagem desta, saímos da casa de papai, mais forte para vencer o diabo e para crer no impossível”. Geralmente, os que ouvem estas mensagens, a ouvem glorificando a Deus, outros choram, e outros dão gargalhadas³⁸, chamadas pelos fiéis, da “unção do riso”. Pouco se lê a Bíblia, pois a mesma é substituída pela intervenção direta de Deus, isto é, as revelações e profecias. As profecias são mais esperadas, todos ficam na expectativa de que Deus falará algo à sua vida naquela tarde de maravilhas.

O círculo de oração é um culto que ocorre na quinta-feira pela manhã e vai até o meio dia, onde acontecem orações, batismo com fogo, revelações, pregações, participações musicais, trata-se de um culto muito dinâmico. Os fiéis vão à igreja em consagração³⁹ para serem visitados (a) pelo Espírito Santo.

Certa ocasião, uma irmã foi à frente da igreja e leu a epístola de São Paulo, em que diz que o corpo é o templo do Espírito Santo. Após a leitura, que de forma atentamente foi acompanhada pela igreja, a irmã disse: Cheguei aqui na consagração, pois desde ontem a partir das dez horas não coloco nada na boca e Deus se agrada quando chegamos na casa Dele vazio, para sairmos cheios do Espírito Santo. (IRMÃ FÁTIMA, 2011)

Para estes fiéis, o Espírito Santo é um poder uno que se singulariza e desdobra nos corpos para reconstituí-los enquanto sua habitação, segundo a professora Rabelo. Com isso, Rabelo descreve que o corpo, ao ser preenchido pelo Espírito Santo,

[...] é tomado por movimentos livres, [...] apontando para um poder que quebra as regras deste mundo. Trata-se também de um corpo que se purifica e disciplina para transformar-se em uma casa que o Espírito possa habitar. (2004, p.27)

³⁸ Essas gargalhadas eles chamam de unção do riso. Em 1998, a Igreja Toronto Blessing no Canadá, surgiu com a teologia do sopro e da gargalhada, e essa teologia se espalhou por vários lugares do mundo. Hoje, muitas igrejas brasileiras têm entrado pelo mesmo caminho místico.

³⁹ A consagração é o que eles chamam de jejum. Geralmente, vão à igreja com apenas alguns goles de água e nada mais, pois acreditam que, desta forma, são rapidamente visitados pelo Espírito Santo.

Nesta mesma linha de pensamento, a professora Souza agrega outro elemento importante que se destaca na experiência do recebimento do Espírito.

Uma das qualidades especiais que o ritual do “recebimento do Espírito Santo” parece proporcionar é “revestimento de poder”. Na verdade, devemos dizer que, de fato, todo pentecostal que já teve uma experiência com Espírito Santo, sente-se um indivíduo revestido de poderes especiais. (SOUZA, 2012, p. 95)

O culto de libertação, que ocorre na sexta-feira, é bastante esperado pelos fiéis, pois é onde o demônio é amarrado. Pessoas levam fotos, carteiras de trabalho, sapatos de crianças, camisas, documentos judiciais, chaves da casa, chaves de carro, e os colocam numa cesta que fica ao pé do púlpito, para que, ao final, a pastora, juntamente com a sua equipe, ore a Deus por aquelas causas que, aos olhos humanos, são impossíveis de serem resolvidas.

Em dado momento do culto, a pastora convida à frente da igreja pessoas que estão precisando de oração, formando, assim, uma fila no corredor da igreja. Logo os (as) obreiros (as) se posicionam com as mãos atrás das pessoas em que a pastora impõe as mãos na testa para orar. Algumas caem desacordadas, outras caem possessas, se contorcem e gritam muito, como se estivessem sentindo algum tipo de dor. Neste momento, a igreja fica em alerta, todos oram e clamam a Deus juntamente com a pastora, formando assim uma corrente de oração. Quando as mesmas levantam e está tudo bem, a igreja começa a glorificar o nome de Deus. Para Souza, todo não crente está sujeito a sofrer ação direta ou indireta dos demônios.

As pessoas que estão no “mundo”, ou seja, não estão participando do rol de membro ou congregados da igreja fatalmente, segundo concepção pentecostal, estão sob o domínio do mal. Segundo ainda esse sistema de pensamento, a ação do demônio pode implicar em vários tipos de aflições. As pessoas que experimentam esse tipo de processo só poderão ficar curadas quando passarem por uma “libertação”. (SOUZA, 2012, p. 184)

A pessoa abençoada está em um estado, e esse bem estar, na cosmologia pentecostal, é alcançado através da libertação.

Como ocorre naturalmente em todos os cultos, no culto do domingo os fiéis falam em línguas estranhas, oram fervorosamente, cantam hinos e ouvem a pregação da pastora que, ao mesmo tempo, fala em línguas estranhas, trazendo assim a revelação de Deus para algum fiel que se encontra naquela noite.

c) Igreja Pentecostal Apostólica de Jesus o Toque das Mãos de Deus

Esta é presidida pela pastora Ana, sendo a mesma fundadora da igreja. Conta com o auxílio de várias obreiras mulheres, não existindo nenhum homem que faça parte da liderança. As mulheres estão sempre usando jaleco, passando a idéia para os fiéis de que elas são “médicas espirituais”, usadas por Jesus para trazer “cura” e “libertação” aos fiéis. Trata-se de uma igreja que se organiza de forma muito peculiar, pois só tem dois cultos na semana.

Na quinta-feira ocorre o culto das maravilhas, que se inicia sob a direção de uma obreira que, após a oração inicial, lê o salmo 91 durante três vezes seguidas, finalizando este momento com a leitura bíblica do salmo 23. Após este momento, são cantados entre dois a três hinos. Enquanto isso, as pessoas que vão chegando se dirigem até o altar e colocam a chave da casa, do carro, celular, carteira de trabalho, processos judiciais, roupas. Quando terminam de cantar, a pastora assume o púlpito – geralmente, com um jaleco diferente de todos usados pelas obreiras, e começa a orar. Enquanto ora e gira a mão em círculo, algumas pessoas começam a movimentar o corpo de um lado para o outro, e os movimentos ficam cada vez mais intensos e rápidos, logo as obreiras se aproximam e ficam na retaguarda, apenas aguardando o momento exato em que aquela pessoa vai cair, e este momento acontece quando a pastora pára de girar o braço e se direciona para a pessoa e diz: “receba” e, como um toque de magia, a pessoa cai, já outras começam a orar em línguas estranhas. Ao sair do culto neste dia, perguntei para a irmã Neuza o que ela sentia na hora em que estava falando em línguas e se movimentando: “sinto como um poder muito grande, uma força sobrenatural, é algo muito gostoso, não dá para explicar, é algo espiritual, de Deus, só você experimentado para ver como é gostoso, como é maravilhoso”.

Terminado esse momento de oração, a pastora começa a receber de Deus revelações, que logo são transmitidas aos seus destinatários. Em seguida, a pessoa se levanta e vai à frente da igreja para ser ungida com óleo, e também é servida uma água - que fica no altar - para a pessoa beber. Após esse ritual, a oração é realizada. Antes mesmo de terminar, a pessoa cai desacordada. Este ritual é seguido por todas as pessoas que recebem a revelação.

O culto gira em torno da revelação, pois a pastora acredita que muitas pessoas chegam à igreja doentes e saem curadas. E, quando não querem aceitar a revelação, “o poder de

Deus”, em suas vidas é tão grande que o inimigo não resiste, precisa sair do corpo da pessoa, como relata, por exemplo, em uma experiência em sua igreja:

Uma vez, só em uma semana, apareceram quatro homens no ministério, todos mandados para me amedrontar, para fechar a porta do ministério. Chegou um cidadão todo limpinho, bonitinho, sentou na cadeira e ficou lá me ouvindo pregar, só que o Espírito Santo de Deus começou a me revelar: minha serva, satanás está ali, aonde Deus, ali, olhe lá, que eu vou te mostrar, o cidadão cabeça baixa, não olhava de jeito nenhum na minha direção, sempre assim. Todo mundo levantou na hora da oração e aquele cidadão não levantou, continuou sentado e eu disse: Senhor me cobre com o teu sangue. Minha serva eu que te trouxe aqui é porque garanto, não te preocupes, eu vou colocar por terra este demônio e vou te dar a vitória. Daqui a pouco eu estava clamando, e o demônio se manifestou no corpo daquele homem, quando se manifestou ele caiu por terra, e aí o diabo começou a falar que ali naquela porta tinha fogo. (ANA, 2011)

Domingo ocorre o culto com muitas revelações, existindo o momento em que a pastora prega a palavra, embora a pregação se confunda muito com as revelações, uma vez que, ao mesmo tempo em que ensina a igreja por meio da pregação, ocorre o momento em que se acredita que Deus quer “consertar vidas” no salão, por isso é comum se ouvir: “Deus agora está lhe mandando dizer”, e a pregação, que era para todos, deixa de existir, e a revelação é direcionada para alguém especificamente. Dentre os rituais, a revelação é o mais esperado pelos fiéis, pois aguardam Deus falar com suas vidas. Isso porque a revelação é uma condição *sine qua non* para o “corte do laço do mal⁴⁰”.

d) Igreja Evangélica Pentecostal Fonte da Água Viva

A pastora Selma é fundadora do ministério, uma vez que Deus havia lhe dado esta revelação em sonho. O marido é pastor também, mas as decisões quem toma é a pastora, inclusive os fiéis a preferem pregando e aconselhando. É uma igreja que tem muitas congregações⁴¹ e, por isso, conta com muitos (as) obreiros (as), diáconos (as) e evangelistas para tocar a obra. A sede fica localizada em um bairro periférico do município de Simões Filho, onde o tráfico ocorre à luz do dia, portanto, trata-se de uma igreja em que a presença de ex-traficantes, ex-prostitutas, ex-alcoólatras é muito grande. André Corten, analisando o pentecostalismo, afirma que o mesmo “desenvolve-se com o empobrecimento da população e atinge em particular as camadas mais pobres”. Além

⁴⁰ Esta é uma voz nativa que significa “cortar o mal que amarrava a pessoa”.

⁴¹ Congregações são igrejas que estão ligadas à igreja sede.

do mais, para Corten é nas “zonas periféricas das grandes cidades que o pentecostalismo mais floresce”. (1996, p. 138-139). Assim sendo, não é de se estranhar que as igrejas pesquisadas estão inseridas em bairros semelhantes ao que Corten denomina periféricos. O culto de libertação, acontece nas segundas-feiras, é sempre muito frequentado. Nesses, são travadas “batalhas espirituais”, onde os exus, são invocados para serem expulsos, ao som de muitos orações.

O ataque às religiões afro-brasileiras é, sem dúvida, uma marca do neopentecostalismo, porém já estava presente nas fases anteriores do movimento pentecostal, como elemento da teologia da cura divina. Sendo uma das partes constitutivas do ritual da benção aos doentes, a cura servia para mostrar a vitória de Deus sobre o demônio, geralmente identificado com a umbanda e o candomblé. (ROLIM, 1990, p. 59)

Na quarta feira pela tarde, tem o círculo de oração. Neste culto, muitos fiéis são batizados no Espírito Santo, outros saem mais fortalecidos para vencer o “mal”, como pode ser visto num testemunho da irmã Aritana:

Uma irmã que dirigia este culto, disse que a vida estava indo de mal a pior, o casamento estava à beira da separação, o diabo estava usando o marido para atingir a vida espiritual e até então ela encontrava-se dando lugar ao demônio. Foi quando tomou uma postura de crente vitoriosa, e começou a participar dos círculos de oração e Deus passou a usá-la poderosamente com a unção de cura, de libertação e um dia determinou que Satanás não iria mais cirandar na vida dela, e até hoje a vida estava uma benção, e terminando o testemunho dizendo: “Irmãs, quando oramos Deus age, quem ora tem poder, quem não ora não tem poder nem unção”. (2011)

Geralmente, o círculo de oração, nesta igreja, é frequentado majoritariamente por mulheres, e por meio dos seus testemunhos estas acabam introduzindo a igreja num universo de conflitos, violência, dor, desemprego e, de esperança e gozo.

Nestas igrejas as pessoas costumam encontrar, acima de tudo, estímulo (motivação, disposição) para uma iniciativa própria. O cristão deve estar por cabeça e não cauda. Você precisa virar patrão, deixar de ser empregado. A pregação encontra eco no desemprego e na informalidade e, como a única alternativa quase sempre é tentar manter-se como autônomo, a necessidade material é simbolizada em termos religiosos (como um mal a ser superado) que, por sua vez, gera a disposição para enfrentá-la. (ALMEIDA, 2011, p. 120)

A pesquisadora Maria das Dores Machado entende que o culto pentecostal acaba sendo um recurso de que essas mulheres lançam mão para superar seus conflitos e tensões vivenciados no dia-a-dia.

Diante das esparsas opções de lazer, da total carência de assistência social, psicológica ou médica, mulheres com quadros depressivos e enfrentando sérios problemas familiares encontram nos cultos pentecostais e nos “gabinetes pastorais” a possibilidade de falar de seus problemas, aprender estratégias de enfrentamento das dificuldades econômicas e afetivas, além, é claro, de usufruir o caráter terapêutico do ato de dançar, cantar, bater palmas, gritar e pular. (MACHADO, 2005, p. 81)

Já o culto de sexta-feira é o da vitória. Neste, são dados a revelação, a cura e muitos testemunhos. Há casos muito interessantes de cura, como o testemunho da pastora Selma, que recebeu de Deus uma revelação de um remédio que resultou na cura de um irmão:

Deus, em sonhos, tinha me dito que iria arrancar uma rosa do jardim. No momento, não havia compreendido o sonho, foi quando durante a semana soube que um irmão muito querido na comunidade foi diagnosticado com um câncer no esôfago, foi entendeu o sonho. “Não aceitei a morte daquele irmão e comecei a buscar em oração, foi quando Deus me deu a receita médica (mastruz e erva cidreira) para cura daquela enfermidade. Aprontei o medicamento e fiz como Deus havia me revelado, tomar três vezes ao dia, hoje este irmão está curado”. (SELMA, 2011)

As orações, revelações e pregação da palavra são os recursos de que elas (pastoras) dispõem para lidar com a aflição e, a enfermidade que atingem cotidianamente os seus fiéis. Outro caso semelhante ao do irmão que foi curado, foi de uma mulher que estava com AIDS e novamente Deus, por meio da revelação, segundo a pastora Selma, não só a usou, como receitou um sabonete para a restauração do corpo da enferma, após a oração de cura da pastora.

Ela não tinha nem mais aonde tocar, feridas que minavam, e foi quando pediram que eu fosse até sua casa. E ao ver o estado dela, eu disse: “aí só Jesus”. Mesmo assim, se você crer, eu vou orar. Aí foi quando eu pedi ao Senhor: “Senhor ungi meu dedo, que eu vou tocar nela. Vou tocá-la, no seu nome eu vou tocá-la e profetizar cura”. E ali eu usei poucas palavras, e depois comprei um sabonete, e, orei por ele, mandei para ela tomar banho com este sabonete. O resultado: está curada. (2011)

e) Igreja Pentecostal Pronto Socorro de Jesus

Esta tem uma liderança masculina, sendo o pastor Nilton o titular da igreja, que conta com uma hierarquia formada por obreiros, obreiras, diáconos e evangelistas. Esta igreja

fica localizada num bairro periférico, chamado de Cepel. Os serviços prestados pela igreja estão presentes na dinâmica dos cultos.

Na quarta-feira, tem-se o culto da vitória, que não é diferente das demais igrejas acima citadas, embora seja uma igreja conduzida pela figura masculina, mas a temática recorrente, que rege a dinâmica deste culto, é a cura e a prosperidade financeira dos fiéis. Isso fica evidente nos testemunhos e nas orações dos fiéis, e também na pregação do pastor. Como pode ser observado neste relato:

Quando escolhi o nome da igreja é porque entendo o meu ministério como um hospital. Lugar aonde pessoas chegam doentes e saem curadas. A minha igreja é dessa forma, pois aqui é local de benção e de vitória. Púlpito é onde se prega benção e não maldição, né. Então veja, as pessoas chegam doentes, com feridas abertas, com problemas no casamento, desempregadas, e ouvem uma palavra de benção da parte do nosso Senhor Jesus Cristo, elas saem deste local querendo mais, com vontade de mudar seu cativeiro, né, e quando voltam novamente, aí Deus faz a obra, por isso a igreja aqui é pronto socorro de Jesus. (NILTON, 2012)

Na sexta-feira, o culto é de libertação. Este é também bastante frequentado pelos fiéis e não-fiéis, pois a procura por cura, por libertação financeira, emocional, afetiva, é recorrente. Esta cena mostra como a igreja se organiza para atender as aflições das pessoas:

O pastor Nilton estava pregando, quando as obreiras encaminharam até o púlpito uma jovem senhora em prantos com uma criança no colo que ardia em febre. De imediato, o pastor parou a pregação, pediu à mãe para que se colocasse de joelhos, a igreja já encontrava-se em pé com as mãos estendidas para aquelas duas vidas ali na frente. O pastor, com a criança no colo, solicitou a obreira, para que ungissem a criança e a mãe, estendendo a criança acima da cabeça, começou, juntamente com a igreja, a orar por cinco a dez minutos. Após a oração os obreiros recolheram aos bancos e o pastor voltou a pregar. (2011)

As igrejas pentecostais adequam-se diante desses fenômenos, oferecendo serviço religioso que sejam atraentes, ao divulgar as suas “especialidades”, no sentido de atender ao “gosto das subjetividades”, as emoções ou aos sentimentos de seus fiéis e também dos clientes, o que caracteriza, uma condição ativa de enunciação dos sujeitos religiosos e que desafia as igrejas tradicionais e/ou históricas.

f) Igreja Pentecostal Apostólica da Palavra

A líder presidente é a pastora Nilza, embora trabalhe com um grupo muito grande de obreiros e obreiras. Esta igreja se reúne apenas duas vezes na semana. Na quarta feira, com o culto de doutrina. Embora seja um culto de estudo da palavra, não abrem mão do falar em línguas estranhas e ouvir as profecias.

Eu creio que a Bíblia é autoridade absoluta para nós cristãos. Mas creio também na revelação. Deus falou com Moisés no Monte Sinai, falou com Elias no Monte Carmelo. Então preste atenção, Deus continua sendo o mesmo, e por isso Ele fala tanto por meio da Bíblia como da profecia. É por isso que em todos os cultos, Deus usa um irmão para trazer o rolo a sua igreja. Mas precisamos ter muito cuidado, pois tem profecia que vem de Deus e outras que são enviadas pelo diabo. Isso eu explico e oriento sempre a minha igreja. (NILZA, 2012)

No domingo é a tarde das maravilhas. Trata-se de um culto que começa às três horas da tarde, e termina no entardecer, isto é, às dezoito horas. Neste culto, trabalha-se períodos de cura, denominado pela pastora de unção da cura. É o momento para aqueles que chegam na igreja com algum tipo de enfermidade, são convidados a ir à frente da igreja para a pastora, com as obreiras, orar com a mão na testa ou na cabeça, e após a oração, uma obreira sempre vem unguindo aquela pessoa. Depois deste período de oração e de cura, tem o momento da revelação, este é também muito esperado pelos fiéis. Certa feita, perguntei para um irmão, por que os irmãos glorificavam tanto, no momento em que a pastora começava a entregar as revelações, ao que ele me disse:

É o momento em que realmente ouvimos a voz de Deus, para o concerto da amada igreja. É onde Deus corrige a sua noiva (igreja). É também o momento em que Deus fala algo especial com alguns irmãos, por exemplo, traz uma palavra de cura, uma porta de emprego que vai se abrir. Teve um dia em que um irmão entrou com um câncer na igreja e não sabia, apenas sentia algumas dores, mas achava que era uma dorzinha normal. E Deus usou a pastora para revelar a sua enfermidade, e disse que ele seria curado, foi quando a pastora orou e ungiu com óleo a sua barriga. Tempos depois, ele voltou e confirmou a sua cura. É isso que o Senhor faz, e por isso, a igreja glorifica tanto o nome do Senhor. (IRMÃO WILSON, 2012)

O pentecostalismo possui um modo bastante peculiar de fazer com que a experiência religiosa transborde a esfera exclusiva dos rituais. Os indivíduos pentecostais são orientados a transformar todos os momentos de suas vidas em ambientes de realização dos ensinamentos e práticas religiosas.

g) Igreja Pentecostal Príncipe da Paz

Trata-se de uma igreja recém criada, tendo um ano de existência. A pastora e seu marido vieram de outro ministério. Embora o marido da pastora Rosa seja também pastor, quem preside a igreja é a pastora.

As reuniões de culto acontecem na quarta, com o culto de libertação, pois, como a própria pastora mesmo disse em entrevista: “*É um ministério muito forte. Eu trabalho com prostitutas, lésbicas, homossexuais, e traficantes bandidos. Ao entrar na igreja as pessoas só vão achar isso, então é um ministério muito forte*”. Para a pastora Rosa, estas pessoas precisam de “libertação”, uma vez que, elas vivem uma luta constante com o “pecado”. Logo, precisam de libertação. Neste culto, são realizadas orações que visam o exorcismo dos pecadores. São colocadas as mãos, sempre unguidas com óleo, sobre a cabeça da pessoa. Gritos como “sai em nome de Jesus!”, são constantes. A pastora, só encerra a oração, quando a pessoa cai desacordada.

Certa feita, perguntei a um irmão que caiu desacordado, o que ele sentiu enquanto estava deitado no chão, depois da oração da pastora Rosa? Ao que me disse:

Não sei explicar, só sei que é uma sensação muito boa, de paz, de tranquilidade, de anestesia. Como se você estivesse com um peso nos ombros, e quando você levanta, aquele peso desapareceu. Foi desta forma que me senti. Uma sensação maravilhosa. Glória a Deus. (IRMÃO JORGE, 2012)

Diante do panorama apresentado, destaca-se a adesão dos fiéis aos serviços oferecidos pelas igrejas com objetivos terapêuticos, como as sessões de cura. Tal fenômeno nos faz refletir sobre como as noções de normal e patológico atuam na ideologia dessas igrejas e seus fiéis, colaborando para o sucesso das práticas “mágicas” oferecidas.

Para Lévi-Strauss (1970), não há razão para duvidar da eficácia de certas práticas mágicas, pois a eficácia da magia implica a crença na magia; crença por parte de quem a pratica, por parte do doente e por parte do consenso (igreja, comunidade ou grupo cultural). Laplantine (1995) sugere que toda técnica também tem uma dimensão ritual, e os rituais podem conter, em si mesmos, uma eficácia propriamente terapêutica. Segundo Fish (1998), a potência da cura está na própria fé, e não em Deus.

No sábado, acontece o culto jovem. Este, como bem diz o nome, é voltado especificamente para a juventude da igreja. É um culto com muita música, muita coreografia e poucas orações. Geralmente, este culto é finalizado com um testemunho

de um jovem que, comumente, teve uma passagem pelo mundo das drogas ou da criminalidade. Já no domingo, o culto é só à noite e é voltado para todos fiéis e não-fiéis. É sempre com muitas orações, profecias e libertações.

As igrejas pentecostais pesquisadas especializaram-se em prover soluções simbólicas para os mais variados problemas. Seu discurso fornece sentido, orienta e ajuda as pessoas a resolverem e contornarem suas aflições cotidianas. O diabo torna-se a causa principal de todos os males, sejam eles materiais, espirituais ou existenciais. A necessidade de retirá-lo, libertar-se, faz-se, fundamental.

CAPÍTULO V

TORNANDO-SE PASTORA: PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

Este capítulo centra-se na discussão da experiência formativa das pastoras. Com base na pesquisa desenvolvida nas seis igrejas pentecostais de liderança feminina, pode-se dizer que a carreira e/ou trajetória é vista como uma experiência de ensinamento e aprendizado. Para tal compreensão, percorremos suas trajetórias de vida, identificando, tanto em suas falas como na observação centrada no indivíduo, que o processo de ensino e aprendizagem ocorre tanto na esfera religiosa, como na esfera privada, enquanto pastora, mulher, esposa e dona de casa.

Quando perguntado à pastora Rosa se tinha um modelo em quem se espelhar para o pastorado, a resposta foi:

Claro. A mulher do meu pastor, as outras pastoras né. A gente não nasce sabendo, vamos aprendendo. E esse aprendizado, pelo menos para mim, aconteceu por meio da observação. Eu sou muito observadora, então eu observava o meu pastor celebrando a ceia, batizando, aconselhando e mesmo exortando. As outras pastoras como ela colocava a mão na cabeça da ovelha para orar, repreender o “mal” na vida daquele irmão ou irmã. Eu sempre observei muito e isso me ajudou bastante. (ROSA, 2012)

A dimensão processual da experiência religiosa constitui, um solo comum aos estudos sobre aprendizado religioso. Para a maioria dos autores que se dedicam ao tema, é preciso ir além de uma noção de que as pessoas religiosas têm “crenças ou certas habilidades, disposições e motivações para agir, rumo a um entendimento dos modos, procedimentos, relações e contextos pelos quais as pessoas tornam-se religiosas” (RABELO, 2011, p. 188). Conforme observa Rabelo, a ênfase desloca-se dos conteúdos que constituem um determinado *corpus* religioso, que são transmitidos aos mais jovens fiéis, para os processos mesmos de transmissão e aquisição destes conteúdos. No âmbito da antropologia da religião, estudiosos têm chamado atenção para a diversidade de contextos, formas e técnicas de aprendizado.

Embora o tema do aprendizado reúna cientistas sociais preocupados em teorizar sobre os processos, procedimentos e contextos pelos quais a religião é apropriada e efetivamente incorporada à experiência vivida, há inúmeras discordâncias no que toca à natureza destes processos. É possível discernir duas perspectivas no estudo do

aprendizado. A primeira, centra a visão do aprendizado enquanto aquisição de regras ou esquemas de percepção e entendimento. Nesta concepção, o aprendizado, é enculturação ou internalização de padrões culturais. Os estudiosos tendem a tratar estes processos de aprendizado como recepção de conteúdos inculcados nos sujeitos mediante formas diversas de educação. Para Ingold (2010), a outra corrente de pensamento acerca do aprendizado, centrada na concepção cognitivista, tende a superar a idéia de aprendizado como recepção passiva, ressaltando a atividade dos sujeitos, os processos mentais na aquisição de conteúdos. O aprendizado equivale a estudar os mecanismos de processamento de informação, a identificar os procedimentos pelos quais idéias religiosas são adquiridas e retidas na mente, de modo a orientar o comportamento. Embora sejam duas correntes que parecem se separar, segundo Ingold, todos esses autores da antropologia cognitiva, comungam de uma visão de cultura como conjunto de representações e /ou esquemas de entendimento do mundo e da religião como conjunto de crenças e conceitos como divindade, pecado, bruxaria, renascimento etc. Esta visão, argumenta ainda Ingold (2010), está assentada sobre uma separação artificial entre aprendizado e ação, a aplicação do saber adquirido, de tal modo que ação supõe a aquisição prévia de conteúdos. Ingold propõe que a definição de aprendizado como enculturação seja substituída pela de aprendizado como “capacidades para ação e percepção do ser orgânico como um todo, situado em um ambiente ricamente estruturado” (2010, p. 5).

Ingold encontra inspiração importante na fenomenologia de Merleau-Ponty, que enfatiza a imbricação fundamental entre percepção e ação e oferece um caminho interessante para tratar o aprendizado como educação da atenção via engajamento ativo no ambiente, que geralmente inclui a presença de divindades, ou outros seres: pessoas, objetos etc. Portanto, pensar o aprendizado pastoral feminino sem levar em consideração essa lógica de percepção e ação, seria o mesmo que tratar do assunto, sem relevância. Pois a ideia de aprendizado enquanto treino da atenção parece descrever com acuidade o modo pelo qual se aprende em uma religião como o pentecostalismo. Conforme estudiosos do pentecostalismo têm observado, o aprendizado procede pela participação e envolvimento gradativo em contextos de prática (especialmente ritual), que raramente envolve transmissão sistemática de conteúdos. (SOUZA, 2011; RABELO, 2004; 2011)

No pentecostalismo, a educação da atenção gradativamente transforma os membros participantes em membros efetivos e experientes, como se pode observar neste depoimento de aprendizado pastoral:

Quando comecei a assumir cargos na igreja, antes mesmo de ser consagrada ao ministério pastoral, Deus já estava fazendo a obra na minha vida. Durante toda a minha vida sempre trabalhei em cargos de liderança. E sempre que eu assumia um cargo, um ano antes eu observava os meus pastores e pastoras, para que, ao assumir não viesse cometer erros. Sempre observava os mais experientes, e ia aprendendo, né. Então não foi muito difícil, porque a gente tinha em quem se espelhar, né. (NILZA, 2012)

Desta forma, o aprendizado dá-se de muitas formas e em situações diversas: cultos de libertação, preparação para o recebimento do Espírito Santo, o toque na testa, o sopro no ouvido. Destacarei brevemente apenas dois destes contextos: os cultos de libertação e o culto de recebimento do Espírito Santo. O recebimento do Espírito Santo acontece em contextos rituais de grande efervescência emocional, dando ao crente acesso a uma nova ordem de realidade (SOUZA, 2011; RABELO, 2004). Para isso, é preciso que o fiel esteja santificado. A santificação é, portanto, uma doutrina importante na formação da vida pentecostal. Por meio da “santificação”, como já dissemos anteriormente, é que o crente pentecostal recebe o Espírito Santo. Este aprendizado aparece constantemente na fala da pastora Ana: “*Deus está procurando, o meu corpo ou o corpo de outras mulheres pra ele usar, santificado*”. Com isso, o fiel consegue superar suas angústias causadas pelos incidentes da vida.

O toque na testa geralmente ocorre em momentos de libertação, seja de uma enfermidade, demônio, e/ou preocupação. Esse toque religioso, para Mauss (1974), apresenta o gesto como uma complexa elaboração de técnicas do corpo. Para Souza (2011), o toque envolve subjetividades que, de certa maneira, se unem em um momento numa experiência singular de duas ou mais pessoas em um mesmo leque de experiências com o sagrado, afim de conter as aflições. O toque religioso também exige o desempenho de outros fiéis, que precisam estar perto daquela pessoa com um lençol para segurá-la no momento de desfalecimento, para cobri-la, significando para os demais a morte para o problema que estava lhe afligindo. Aprender nestes contextos sensorial não é primeiramente adquirir um domínio intelectual do que se passa, é ajustar-se à cena, ser capaz de responder corporalmente a seu apelo e, tornar-se parte

dela (RABELO, 2011, p. 190). É um processo, em que sensibilidades são despertadas, desenvolvidas e há disposições mais duradoras para agir.

Quem são essas mulheres? Como chegaram ao pastorado? Um breve relato de trajetória

Esta pesquisa pode ser apresentada por meio de uma simples tabulação de dados coletados, de modo a unificá-los e assim melhor traduzir o pensamento do campo pesquisado, sem grandes e significativas perdas de conteúdo. Podemos destacar que as pastoras são, de longe, distintas daquele estereótipo do pentecostal de outrora: cabelos longos e/ou com coques, saias abaixo dos joelhos e Bíblia sempre em punho. A imagem do que é ser pastora nos foi revelada como a de mulheres de aparência feminilizada e vaidosa. Oriundas de classes menos favorecidas, são mães de, em média, três a cinco filhos, algumas casadas, outras divorciadas. Cada pastora tem uma história diferente de como chegou ao pastorado.

Aidil é pastora fundadora da Igreja Missionária Assembléia de Deus, tem cinquenta e quatro (54) anos de idade, casada, mãe de cinco filhos e três netos. Quando marquei para visitar a sua igreja e entrevistá-la, pensava encontrar uma mulher religiosa e austera, mas deparei-me com uma senhora muito bonita, bem vestida, maquiada, tranquila, atenciosa e muito firme. Como pastora, prega, dirige os cultos, canta, tem dois DVDs de pregações. Nunca trabalhou a não ser para si, administrando uma loja de variedades. Tem o ensino médio completo em magistério, mas nunca lecionou. Dos cinco filhos, um foi morto em perseguição policial, marcando profundamente a vida da pastora, aprendeu a identificar os anseios e crises desses jovens que frequentam a sua igreja sem serem discriminados, muitas vezes recebendo puxões de orelhas nos cultos, porque demoraram de aparecer aos cultos.

A pastora Nilza é oriunda da Igreja do Evangelho Quadrangular. Senhora de cinquenta anos (50) de idade, casada e mãe de dois filhos, sendo que um foi adotado. Pastora titular da Igreja Pentecostal Apostólica da Palavra, mulher bastante alegre, sempre sorridente. Fez curso bíblico básico, oferecido na época pela Igreja do Evangelho Quadrangular para formação de obreiros, ainda no início da sua caminhada cristã. Dirige a igreja sozinha, embora tenha o apoio da família. Tem um trabalho de apoio aos

jovens drogados. Para 2013, pensa em criar um projeto social voltado especificamente para jovens que vivem em situação de risco social, como fica claro em seu depoimento:

Espero agora em dois mil e treze, abrir um belo trabalho social. Não quero um centro de recuperação, eu quero um apoio grande, que tenha médico, que tenha cursos. Não posso tirar ele da rua e vou botar ele aonde, ele vai voltar para rua. porque se eu não posso botar ele no curso, digamos um torneiro mecânico, nem sei se existe mais, tanta coisa hoje aparece. Tenho que botar ele para fazer alguma coisa, porque se eu der somente a palavra, e não ensinar, não dá uma vara a ele para que ele pesque o peixe dele, ele vai voltar de novo para as ruas. Então esse é meu projeto. (NIUZA, 2012)

A pastora Ana aposentada, se dedica integralmente ao ministério. Para chegar ao pastorado, passou por vários cursos na igreja Deus é Amor. Lá foi obreira, líder do círculo de oração, hoje consagrada, tem a sua própria igreja. Foi chamada por Deus, segundo ela, ainda no ventre da sua mãe. Mulher de uma peculiaridade interessante, poucas palavras, de pouca maquiagem, mansa nas palavras, mas de pulso firme na condução do ministério. Não tem nenhum homem no quadro organizacional da igreja, apenas mulheres, que são obreiras e missionárias. Acredita ser uma médica espiritual, pois dirige e prega nos cultos usando sempre o seu jaleco de cor rosa claro, enquanto as obreiras usam um jaleco na cor azul bebê.

Muitas pessoas são testemunhas aqui e fora daqui. Como é que Jesus não usa a pastora? Jesus usa no sobrenatural. Deus quer mostrar pro mundo que o poder está na sua mão. Deus está procurando corpo humano santificado pra ele usar. Deus tem usado a mulher, tem muita mulher de Deus e tenho certeza que Deus vai levantar mais, pra mostrar pro homem quem é Deus, e acabou. Até a sombra Deus tem curado pessoa. Suor, este guarda-pó aqui, muitas pessoas recebem cura na rua, tocar e é curado. (ANA, 2011)

A pastora Célia é divorciada, tem dois filhos, os únicos evangélicos na família. O marido não era evangélico e constantemente a colocava em situações complicadas, pois sempre estava em porta de bares com outras mulheres. Pediu a Deus “um livramento”, que diz ter vindo com a separação e, assim, pôde participar melhor das atividades na igreja em tempo integral. Para chegar ao pastorado, teve que enfrentar situações de constrangimento, uma vez que pertencia à Igreja Pentecostal Divina União, e lá coordenava o círculo de oração, onde Deus a usava poderosamente por meio da cura e da revelação, gerando com isso um certo desconforto com o seu antigo pastor. Ao ser disciplinada, resolveu ir para a igreja Deus é Amor, ficando lá até um grupo de irmãos procurá-la, pedindo que abrisse uma igreja. Mulher simples, dirige sua igreja com pulso

forte. Os fiéis sempre deixam as sandálias e sapatos na porta, pois acreditam ser o lugar santo onde pisam.

Já a pastora Selma, fez um curso básico de teologia antes de assumir o pastorado. É casada, o marido também é pastor, mas é ela a presidente da igreja. Tem quatro filhos, é professora de português da rede municipal de ensino. Trata-se de uma mulher calma, de fala mansa, mas que conduz a sua igreja com muita firmeza. Ela é quem sempre prega. Existem auxiliares e dirigentes de culto, ficando, portanto, a função da pastora administrar a igreja. O seu desejo é se ver aposentada, para se dedicar integralmente ao ministério. Sua igreja fica localizada na sua antiga casa onde, segundo ela, após ter construído a casa para sua moradia, Deus revelou que ali seria a igreja, e não a casa dela.

E, por último, temos a pastora Rosa. Esta também tem um curso básico em teologia, mas estava cursando o bacharelado em teologia porque, segundo ela, o líder deve estar bem preparado. Fundou a sua própria igreja, há mais ou menos nove meses. Tem dois filhos e é casada com um pastor. Quem visita, prega, aconselha, é sempre a pastora Rosa, ficando a função administrativa com o marido. Esta, embora tenha se convertido e vivido a maior parte da sua infância e juventude numa igreja batista regular, hoje está num ministério pentecostal.

As pastoras pesquisadas, portanto, como dito anteriormente, têm entre 35 a 54 anos de idade e muitas delas são pastoras consagradas pelas suas denominações anteriores. Em média, são portadoras de ensino médio, apenas uma tem ensino superior completo e outra esta cursado o bacharelado em teologia.

Verificamos que o pentecostalismo clássico e neoclássico era majoritariamente a denominação de origem antes de se tornarem pastoras, sendo que apenas uma veio do protestantismo tradicional. A migração do pentecostalismo clássico e neoclássico para suas próprias igrejas ocorreu por diversos motivos, discórdias com lideranças, chamado de Deus etc.

A trajetória para ingressar na caminhada que, ao final, visa à consagração do ministério pastoral, à exceção de duas pastoras, que fizeram um curso básico de teologia que varia aproximadamente de um a dois anos. Já as demais pastoras tiveram o seu aprendizado por meio da Bíblia, da ocupação de cargos de liderança nas suas antigas igrejas. Isto, evidentemente só foi possível por meio também da ação e percepção destas mulheres na sua caminhada cristã.

Em se tratando do chamado dessas mulheres para o ministério pastoral, não há dúvida entre elas, de que, só o chamado de Deus, é que realmente dá autenticidade ao pastorado.

O chamado de Deus né. Se não tiver o chamado não vai para lugar nenhum. Tem que ter chamado, porque não adianta. Pode ser até pastora, mas se não tiver o chamado de pastora não vai para lugar nenhum, pois o ministério vai ficar parado. Então para mim tem que ter o chamado né, tem que ter o chamado de Deus. (CÉLIA, 2011)

Uma coisa eu entendo, se eu abandonar eu tenho que pagar o preço. Isso eu entendo porque foi Deus que colocou esse ministério em minhas mãos, acho que eu sou a única ou a novena e oito por cento de pastoras. Deus falou que eu seria pastora credenciada pelo Espírito Santo. (AIDIL, 2011)

Eu sou missionária, e sou pastora, tenho a minha carteira. Não fui consagrada por homem eu fui consagrada por Deus. Eu cresci ouvindo a revelação de Deus. Eu, criança ainda e aquela irmã me olhava e dizia: “aquela ali Deus vai usar que até defunto vai ressuscitar. (ANA, 2011)

O primeiro motivo para o pastorado tem que passar pela aprovação de Deus. Pois, se não houver, segundo a pastora Célia, a aprovação de Deus, a pessoa pode até ser consagrada pastora, mas o ministério parece não prosperar. Pois, para estas pastoras, a concordância de Deus é o primeiro ensinamento/aprendizado para quem almeja o pastorado feminino.

Com base na pesquisa desenvolvida nas seis igrejas pentecostais, pode-se dizer que a carreira e/ou trajetória destas mulheres perpassam vários campos de suas vidas. Em suas falas, as dificuldades, decepções, aflições e alegrias foram narradas como se todas as mulheres tivessem passado pelas mesmas experiências para assumir o pastorado. Isso se reflete quando narravam situações particulares de suas vidas, incluindo exemplos similares aos de sua própria experiência.

Por causa daquela obra (igreja) ali paguei muito preço, eu sofri muito, Satanás investiu pesado na minha vida. Ele investiu na minha finança, ele mexeu no meu filho, ele mexeu parte do meu casamento. Foi uma luta, eu sofri muito, o diabo veio com vontade, porque ele viu muitas almas sendo libertas por causa da minha vida. Porque hoje eu sou referencial ali, no Góes Calmon, as pessoas vão mesmo, as pessoas crêem no que eu profetizo, crêem no que eu falo através da palavra de Deus. Deus me usa, crêem que Deus está na minha vida. (AIDIL, 2011)

Suas conquistas foram sempre atribuídas a um esforço muito grande, revelando uma concepção única da trajetória das pastoras pentecostais. Assim, na narrativa das pastoras sobre as suas trajetórias e/ou carreiras individuais, há um senso de pertencimento à condição feminina que é marcada pelo estar sempre em luta. Como narra a pastora Ana,

O homem natural não entende. Só entende as coisas espirituais, quem é espiritual. A Bíblia diz: “quem é carne, só entende as coisas carnis”. Então se ele (homem) se voltasse para as coisas celestiais, ele entenderia Jesus. Porque Jesus está levantando mulheres. Eles entenderiam. O ser humano entenderia porque que Deus levanta pastoras. Está procurando pastoras, porque elas não estão correndo da peleja, da batalha, né. Significa que elas estão mais valentes do que os homens, elas não se acovardam, não somos fortes, forte é Deus. A minha força, a força de muitas mulheres, está no Senhor. (2011)

A Bíblia: A palavra de Deus é autoridade absoluta no processo de aprendizado das pastoras

Rubem Alves (1979), em “Protestantismo e repressão”, mostra a importância da Bíblia para o fortalecimento da fé dos protestantes. A Bíblia é a “Palavra de Deus”. Imutável. Não é possível acrescentar, contradizer ou diminuir o que Ele já disse no passado. A vida de todo crente é controlada por esse texto. O perceber, o querer, o pensar e o agir de cada fiel está subordinado ao que está escrito. Segundo o autor, a Confissão de Westminster, confirma o poder absoluto da Sagrada Escritura. Os protestantes se vangloriam pelo fato de terem sido eles que inauguraram o direito ao “livre exame” das Escrituras Sagradas, pelos fiéis.

A leitura da Palavra de Deus, com livre crítica é privilégio de Protestantes, especialmente. O livre exame das Escrituras é fruto abençoado da Reforma. Deus, através do texto, fala diretamente ao coração. Por isso cada um tem o direito de examinar livremente a Bíblia Sagrada. (ALVES, 1979, p. 111)

Contudo, Rubem Alves aponta para um problema do “livre exame”. A livre interpretação e a diversidade doutrinária, em virtude de interpretações, produziu cismas e controle doutrinário entre os evangélicos. Daí a necessidade do Protestantismo criar um sistema de doutrina ensinado nas Sagradas Escrituras: As Confissões. Diz o autor:

O conhecimento, para o protestante, começa com o ato de submissão a um texto de proposições verdadeiras, absoluto, que contém a verdade do tempo e a verdade da eternidade. A fim de preservar o caráter absoluto do conhecimento, acima de toda a dúvida, interdita-se o

exercício da consciência interpretativa e da razão crítica, por meio de uma confissão que se torna no critério final para a leitura do texto sagrado. (ALVES, 1979, p. 112)

Um mínimo de concordância na interpretação das Escrituras é preciso para que elas sejam referência para todos os grupos evangélicos.

Sánchez & Porce (1996) apontam a Bíblia como base para que religiosos encontrassem o substrato da natureza feminina, considerando a mulher como a própria encarnação da maldade e do pecado.

Cecília Mariz & Maria das Dores Machado (1996) vão mais longe e analisam a Bíblia como uma semente de institucionalização, na medida em que é considerada como única fonte de verdade e que define quem pode pertencer ou não ao grupo. Neste sentido não é possível romper com as verdades bíblicas, mas pelo contrário, deixá-las de lado é correr o risco de não estar devidamente legitimado para exercer qualquer tipo de atividade dentro do grupo.

A nossa igreja acredita no dom da revelação, e em todos os cultos, Deus usa alguém para trazer um recado a sua igreja, mas também não abrimos mão da Bíblia porque ela é o livro por excelência absoluto, tudo que está ali é verdade, e a quando nós lemos Deus fala poderosamente a sua igreja, né. Temos sim revelação, mas não deixamos a Bíblia de lado, misericórdia! Ela é quem nos ensina a pastorear. (ROSA, 2012)

As mulheres não podem abandonar as “verdades” e nem ignorar o peso que elas têm, mas tentam redefinir suas vidas e suas posições a partir de novas interpretações que fazem de passagens que consideram ambíguas. O exemplo disso é a própria carta do apóstolo Paulo quanto ao papel da mulher na igreja, e a tentativa que as pastoras fazem de contextualizar suas interpretações sem cair no risco de negá-las, pondo em perigo aquilo que as legitima enquanto uma líder religiosa.

Ó meu Deus. Eu não posso ir contra a palavra do Senhor. Lá no passado eles já eram assim, veio essa mudança hoje. Para a gente é um grande passo, isso não podemos negar. Mas já vem do passado o homem achar que a mulher não tem o direito de fazer. Quando Débora foi para guerra, Deus mandou foi um homem, mas o homem disse que só ia se Débora fosse, e ela disse: eu vou. Sabendo que a honra não seria dela, mas sim do homem, mas ela foi, determinada a ir para guerra. Então muitos se pegam a essa pregação do apóstolo Paulo. (NILZA, 2012)

De acordo com as pastoras, há na Bíblia uma certa desigualdade entre homens e mulheres que precisa ser acatada pelas mulheres. No entanto, o que elas reivindicam é um espaço que consideram seu, na medida em que Deus as capacita para exercerem o ministério, tanto quanto ao homem.

A Bíblia é o instrumento utilizado pelas pastoras como recurso de ensino-aprendizagem no desenvolvimento ministerial.

Quem foi que ensinou o homem? Quem foi que botou o professor de teologia? Quem foi que deu o entendimento? Não foi Deus? E esse mesmo Deus não pode dar a mim? Quem me deu sabedoria foi Jesus, e esse mesmo Jesus quer que você coma o rolo da palavra, vai ler Bíblia. Senhor desenrole o rolo da palavra. Me ensine, eu quero aprender de Ti, e Deus vai te ensinar, te capacitar. (ANA, 2011)

Para estas pastoras, o que as credencia para ser pregadora, pastora, dirigente do círculo de oração, missionária, é o conhecimento bíblico. Conhecer a Bíblia é a credencial que dá autenticidade ao líder pentecostal.

Eu comecei a perceber que para ser pregadora, uma missionária, uma dirigente, tinha que ler muito a Bíblia, tinha que buscar muito. Eu sempre gostei de orar, eu sei que meu esposo não gosta de ser incomodado de noite. Aí eu acendia a vela para ficar lendo a Bíblia, eu lia muito o livro de Jeremias, por sinal eu gosto muito do livro de Jeremias, e eu lia muito. E comecei a buscar para ser dirigente do círculo de oração, até que lá na minha congregação no Retiro, eu fui consagrada a dirigente do círculo de oração. (AIDIL, 2011)

Para a pastora Ana, o que torna um líder pentecostal firme diante das intempéries da vida é o conhecimento da Bíblia, como podemos perceber neste exemplo:

Eu conheço pastora e pastor que nem o nome sabe assinar. Mas conhecem toda a Bíblia, todos os versículos da Bíblia. Se você perguntar quem ensinou, diz: Foi Jesus. Lidera ministério e são guerreiros e guerreiras de Jesus. Não se curva para Baal, não se dobra para satanás e não tem medo da cara feia do homem. (ANA, 2011)

A palavra escrita e a palavra revelada estão sempre presentes na vida do crente pentecostal. Uma não sobrepõe a outra, embora, muitas vezes, as pastoras utilizam bastante as profecias no culto. Mas a Bíblia está sempre presente em seus discursos, pois são histórias da Bíblia que elas mais utilizam para combater o mal, e revelar aos seus fiéis um modelo de crente vitorioso e, inclusive, para legitimar o sacerdócio feminino, como podemos ver neste exemplo:

Na lei de Moisés Deus colocou a Débora, 4ª juíza para julgar Israel. Que coisa tremenda! Até os homens daquela época concordaram que se Débora não fizesse eles não fariam. (Juízes 4). O que acontece, então? Deus é o mesmo Deus de ontem e de eternamente. Se Ele naquela época colocou uma mulher para julgar a Israel, Ele hoje não discriminaria uma mulher também. Portanto, há homens espirituais e mulheres espirituais. A nossa vida é diferente do mundo. No mundo todo mundo decora para falar. Aqui não, aqui nós temos unção. Quantas mulheres você vê com unção. Quem dá unção para falar é Deus. Então se Deus derrama unção sobre quem está pregando, quem somos nós para dizer não, porque não deve? Então, o homem tem muito isso de machismo. Deus não diz em nenhuma parte que mulher não pode pregar, nenhuma parte. (ROSA, 2012)

Fica nítido que esse ensino-aprendizagem perpassa o conhecimento Bíblico, pois é a atenção e ação que essas pastoras dedicam às histórias bíblicas, que lhes ensina a conduzir suas igrejas.

Deus que me orientou. Quem me ensinou, tá me ensinando. Vou errando aqui, tropeçando ali, consertando aqui, chorando e gemendo. Deus me dê força, me dê graça, me ajude. Vou pregar, o que vou dizer, o que vou falar, põe na minha boca sua palavra e aí Deus vai trabalhando. (AIDIL, 2011)

O chamado para o ministério pastoral e a família: como conciliar?

O ambiente familiar é onde também ocorre o processo de ensino/aprendizagem para estas pastoras. Em grande parte das entrevistas, fragmentos que apontavam para, ao mesmo tempo, momentos de tensão, que podem ser traduzidos em rompimento e conciliação com a família. Como no caso da pastora Célia, que viu no seu marido um entrave para o seu desenvolvimento ministerial, com isso o único jeito de ser bem sucedida no ministério pastoral seria se divorciando.

Como disse antes, tinha uma vida de casada, me separei. Então para mim é normal. Tenho respaldo na Bíblia. Não fico atrás de homem. Na traição, estou desimpedida, estou livre. Na igreja o importante, é que todos concordam. Todos discordam se eu voltasse para ele. Para viver escandalizando o ministério. Eu estou aqui no altar, e o povo comentando, o marido da pastora esta ali na rua. É trazer escândalo. (CÉLIA, 2011)

No caso da pastora Aidil, se o marido não a apoiasse no ministério, Deus já havia revelado que ele seria morto.

Eu me lembro que um dia eu fui convidada a pregar na cidade de Catu, e eu estava orando antes de pregar num quarto na casa de uma

irmã, e Deus falou bem claro para mim que ia levar meu esposo. Comecei a chorar e falei, não Deus, meu marido é uma bênção, meu marido não empata fazer a obra, porque vai tirar ele de mim? Porque tem obra na sua vida e ele não vai entender. Que obra é esta? Eu prego e ele contribui, paga gasolina, me dá o carro para fazer a obra, não empata eu viajar. Que obra tem na minha vida? E Deus se calou. E só falou que ia levar ele, por causa disso. Quando o ministério foi aberto em Góes Calmon, que ele falou que não ia, eu me lembrei da revelação, aí disse: você lembra que Deus falou que tinha algo na minha vida que eu ia entender, que se você não me ajudasse que ia morrer? Naquela hora ele pegou a gravatinha, vestiu, e até hoje está do meu lado, ajudando, apoiando, porque ele entendeu que realmente Deus estava no negócio. (AIDIL,2011)

Somente quando teve noção da gravidade é que realmente o marido começou a apoiar a sua esposa no ministério pastoral. Para a pastora Ana, a obra de Deus não pára. E diz mais:

A obra de Deus não pára. A obra de Deus continua. E Deus disse que quando o homem quiser ser mais do que Deus, que quando ele criasse asa para voar, Deus faria o quê? Podaria. O ministério é do Senhor, e não nosso. (2011)

Em outros casos, o apoio familiar foi fundamental para a condução do ministério, como se pode verificar neste depoimento:

Quando Deus colocou esta obra no meu coração: “Eis-me aqui!”. É muito difícil, não é fácil. Primeiro a gente tem que ter a nossa família no altar, para que a gente encare o inferno. Ter o esposo e os filhos doados, para fazer um bom trabalho. Porque se não tiver a família no meio, não faz um bom trabalho. Graças a Deus, eu tenho a minha família do meu lado. Meu esposo chega junto, trabalha junto, a gente faz o trabalho junto. Se eu viajar, está tudo bem. (2012)

Para o pentecostal, a família é importante, mas o compromisso com o reino de Deus deve estar em primeiro lugar. Com isto a pastora pentecostal precisa saber conciliar os seus afazeres cotidianos e seculares com os religiosos, entendendo que estes devem estar sempre em primeiro lugar, pois se trata de uma missão delegada por Deus.

Se Deus a chamou (pastora), e lhe entregou uma missão, não foi para ela ficar parada, só cuidando de marido, só cuidando de filho. Claro que nós temos nosso dever, no nosso lar. A gente não vai deixar tudo, a Bíblia diz que tu tens de cuidar da sua casa, mas não pode esquecer a missão (pastorado) que Deus te entregou. Você não pode esquecer aquela missão. Você tem que saber conciliar, mas colocar sempre em primeiro lugar a obra de Deus. (ANA, 2011)

O marido é uma autoridade no lar, delegada por Deus, e justificada biblicamente nas cartas paulinas. Elas reconhecem esse legado bíblico, a ponto de deixar em suas falas isso muito claro. Muito embora, quando indagadas acerca de ser submissa, elas reagem, fazendo do texto uma exegese, como se pode observar, por exemplo, na experiência destas duas pastoras.

Uma coisa é a Bíblia mandar a mulher respeitar a autoridade do marido (risos). Respeitar a autoridade do homem. Mas isso não quer dizer, que a mulher tem que ficar parada, que nem a uma múmia (risos), por causa do marido. (ANA, 2011)

Eu acho que agora as mulheres têm que falar (risos). O que Paulo falou, falou não é. Mas o próprio Deus não discrimina, uma vez que, quando trouxeram Maria Madalena para ser apedrejada, o Senhor Jesus disse: quem não tivesse pecado que atirasse a primeira pedra. Então Ele mesmo deu oportunidade a Maria Madalena, a exercer a sua fé, a mudar. Hoje o Senhor está dando oportunidade às mulheres a falar, a evoluir, a crescer. Tanto é que hoje na maioria das igrejas o número maior é de mulheres, que clamam a Deus e que estão dando verdadeiramente lugar a Deus. Respeito o que Paulo falou, mas não é por isso que vou me calar, uma vez que o próprio Deus já me deu autoridade. (SELMA, 2011)

Para as pastoras, a família, assim como o chamado pastoral, são importantes na vida delas. Apesar das dificuldades muitas vezes em conciliar essa tensão, reconhecem que uma ajuda o outro, ou seja, o aprendizado no ministério é fruto da convivência também no lar, como pode ser observado nesta duas falas:

Embora a conciliação do lar e do ministério é muito difícil, mas deve reconhecer que se não fosse a minha família eu não estaria onde estou. Tenho convicção do chamado de Deus na minha vida. Mas tudo que sei não aprendi no curso de teologia, mas na convivência com o meu marido, com os meus filhos. Por exemplo, quando falo de família, estou fundamentada na minha experiência enquanto esposa, mãe e mulher. Dou graças a meu Deus pela minha família. (ROSA, 2012)

Talvez se eu não tivesse uma família a caminhada no ministério seria muito mais difícil. A família nos ajuda a pensar como proceder em determinados assuntos. Quando tive meu primeiro marido, ele criou muitas dificuldades para eu ir, na época para igreja. É o pai das minhas filhas, e dou graças a Deus por isso, mas agradeço ao Senhor, por hoje ele não fazer mais parte da minha vida. Mas confesso aprendi muito com ele. O pai dos meus dois filhos é uma bênção, você vê, ele me ajuda na obra, é ele quem dirige o carro quando vou fazer visita então só tenho a agradecer. Não reclama de nada, não é obstáculo para o meu ministério, mas se fosse, pediria ao Senhor para tirá-lo do meu caminho. Deus vem em primeiro lugar. (SELMA, 2011)

Ser pastora e ser mulher: um aprendizado de mão única

Outra dimensão de aprendizado relatada pelas pastoras, diz respeito ao fato de ter que conciliar a experiência religiosa publicamente demonstrada, enquanto pastora, com as tarefas da esfera privada e doméstica, como cuidados com o lar, esposo e filhos, como a grande maioria das mulheres na contemporaneidade. Dessa forma, as suas falas revelam que, mesmo exercendo a função de liderança de uma instituição religiosa, ainda recai exclusivamente sobre elas a responsabilidade da execução das tarefas domésticas. Como pode ser visto na experiência desta pastora:

Sou mãe de cinco filhos. Tenho três netos, minha filha mais velha, tem trinta anos, e o caçula tem vinte um. Tenho uma neta de dez anos, uma de cinco e outra de três. Acordo de manhã como uma dona de casa, oro, leio a palavra. Tem que lavar, cozinhar, passar. Estou um ano e meio sem empregada, e está meio difícil pra mim agora, mas faço tudo. Quando vou para o círculo de oração, apago o fogo, quando eu voltar termino de cozinhar. Pela tarde vou evangelizar, de noite vou para o culto, vou pregar organizo tudo. Conciliar (ministério e família) sim. Dá pra sair com meu marido, pra jantar fora, pra churrascaria, pizzaria, dá pra namorar, dá pra tudo (risos). (AIDIL, 2011)

Esses pontos de convergência revelam que a pastora com a qual nos defrontamos é aquela que também está inserida nos dilemas da mulher moderna, nos quais as relações de poder ainda continuam hierarquizadas. No exercício do pastorado, as tarefas são compartilhadas, mas em casa os afazeres domésticos são preponderantemente femininos. Neste relato da pastora Rosa, isso fica explícito:

Eu cuido da casa, né. Dá tempo para tudo. De dia eu faço tudo, o tempo quem faz é a gente. Então eu cuido da casa de dia, preparo tudo. Às vezes meu esposo vem almoçar em casa, já tem almoço pronto, então nós temos que separar tudo, né. A minha vida é muito corrida. Quando eu tô muito atarefada em casa eu chamo alguém para me ajudar, mas Deus faz com que eu dê conta de tudo na minha casa, é uma casa grande, mas eu dou conta. (2012)

Embora sejam apresentadas várias queixas e dificuldades de conciliar a família e o pastorado, as pastoras acreditam que são pessoas ocupadas que Deus chama para o ministério. Como se pode observar neste exemplo:

É muito trabalhoso, mas dá pra conciliar. Deus não chama desocupado. O próprio Deus nos capacita a desenvolvermos o nosso trabalho, então com muito trabalho às vezes se torna cansativo, sim. Mas acabamos conciliando a obra de Deus com o lar, a família, a profissão. (SELMA, 2011)

Embora sendo contra o ministério pastoral feminino, o pastor Nilton justifica bíblicamente que é dever da mulher cuidar da casa, ainda que seja pastora, como fica registrado em sua fala:

A mulher precisa ler mais a palavra de Deus, porque muitas hoje, não querem mais fazer aquilo que foi delegado por Deus, né. A Bíblia é clara no livro de Efésios, quando Deus diz “que a mulher deve submeter-se ao marido, porque o marido é o cabeça da mulher”. Então se o homem é o provedor da família, cabe à mulher, cuidar da casa, dos filhos e do marido, né. (2012)

Mesmo enfrentando as justificativas bíblicas dos homens contra o ministério pastoral feminino, de forma agressiva, dura e de caráter machista, as pastoras aprendem a tirar grandes lições de aprendizado destas situações:

Já ouvi alguns comentários, mas o Senhor sempre me deu sabedoria e me capacitou com a resposta. Sei que não de mim, mas pelo próprio Deus. O Espírito de Deus me capacitou para responder a estas pessoas. E já fiz com que muitas pessoas mudassem de comportamento em relação a ser mulher e aceitar o pastorado de uma mulher. (SELMA, 2011)

Com os preconceitos de Paulo (apóstolo), eu estou me acostumando. Até hoje a gente encontra algumas rejeições. Eu me lembro quando estava dirigindo o culto e do lado de fora tinha um pastor, e ele estava criticando. Eu me acostumei, me acostumei já com isso. Já tiro de letra, mostro para eles que Deus está na minha vida. E disso eu não tenho dúvida. (AIDIL, 2011)

É neste ambiente que essas mulheres aprendem também a ser pastoras no seu ministério. Uma cena que reflete muito bem esse aprendizado consta no relato da pastora Aidil, que hoje lida com muita tranquilidade com jovens que frequentam a sua igreja e que estão inseridos na criminalidade. Esse aprendizado se deve ao fato de ter tido um filho que viveu no mundo do crime, e que foi morto numa perseguição policial após ter assaltado um banco:

O que observo nesta trajetória de aprendizado minha, foi muito espinhosa, foi muito dolorida. O pastor sabe que eu perdi um filho de repente, saiu de casa com vida e quando foi às onze horas da noite, fiquei sabendo que estava morto. Arrancou de dentro de mim aquele pedaço de mim. (AIDIL, 2011)

O espaço familiar, por mais difícil que seja, torna-se um ambiente importantíssimo de ensino-aprendizagem. Para Maria da Glória Gohn, “a educação não formal é aquela que

se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências”. (GOHN, 2010, p. 16)

Outra questão de ensinamento e aprendizagem acerca do papel de ser pastora e ser mulher é aquele de quem deve conciliar o cuidado da casa e dos filhos consanguíneos, e também o cuidado e o tomar conta dos filhos espirituais. Assumir o pastorado de uma igreja acrescenta mais uma jornada de trabalho às atividades das mulheres. Além do cuidado da família, soma-se agora o cuidado da igreja, como nos revelam os exemplos a seguir:

Não abro mão de minha família hora nenhuma. Eu sou mãe. Eu costumo dizer que eu tenho duas famílias: a minha família e a da igreja. Se eu estiver junto, com vocês, e o celular tocar, pastora precisamos da senhora, já estou saindo, meu esposo diz: vai filha porque ninguém pode parar você. (NILZA, 2012)

Como a mãe ensina o filho o caminho que deve andar. Então eu estou aqui para ensinar o caminho que deve andar, tanto na vida espiritual como na vida material. Incentivar viver uma vida digna com Deus, digna financeiramente. Então eu me vejo assim, mais do que um pai e uma mãe, para igreja toda né. Eu não tenho do que reclamar deste ministério porque todos que congregam aqui me vêem desta maneira. Todos me abraçam como mãe de todos, idosos a crianças. (CÉLIA, 2011)

A mulher pastora desloca-se dos laços exclusivamente de sangue para exercer o papel de pastora. O ministério pastoral, é descrito pelas pastoras como um ofício, uma realização, a prática de um dom. Assim sendo, pastorado significa para estas mulheres, cuidar, interceder, apascentar, etc. Esta cena reflete com muita precisão esses adjetivos.

Certa feita encontrava-me na Igreja Apostólica de Jesus, para realizar entrevista com a pastora Ana. Esperei o culto terminar para conversar com ela. Quando estávamos realizando a entrevista, fomos surpreendidos com um jovem que entrou na igreja, bêbado, suplicando que orassem por ele. Imediatamente a pastora, sem se intimidar com a situação, o abraçou como se abraçasse um filho, e orou por ele. Quando estava mais calmo pediu à obreira que desce água e o colocasse sentado na cadeira. Retomando a entrevista ela disse: “Se fosse um pastor, não faria isso que fiz. Por isso Jesus precisa de mulheres em seu ministério”.

A pastora Ana acrescenta algo a mais. A partir desta experiência observada em campo, conclui dizendo o seguinte, acerca do pastorado feminino:

Jesus já descobriu que muitas mulheres têm paciência. Jesus descobriu e encontrou amor no coração das mulheres, encontrou

força, encontrou perseverança. Jesus encontrou também, sabe o que? Valentia. (2011)

O ministério pastoral, de acordo com as pastoras, é um dom de Deus concedido a todo e a qualquer fiel. Segundo a pastora Rosa, Deus instituiu esses dons para quem Deus quisesse e estivesse disponível. Para ela, as mulheres estão muito mais disponíveis do que os homens e, por isso, Deus as está usando neste momento para pregar a palavra. É, portanto, este o motivo para que as mulheres assumam o ministério pastoral.

Deus está vendo muita prostituição no ministério, muitos pastores caindo, adulterando, pecando. As mulheres são mais reservadas. Preocupa-se mais com a família, com a reputação, com o seu nome, aí elas dão lugar mais a Deus. Como Deus está achando espaço, tá usando as mulheres pra fazer a obra do Senhor, creio desta forma, penso que aconteceu isto comigo. (AIDIL, 2011)

Machado & Mariz (1996) já haviam percebido isto em um estudo realizado sobre as mulheres e as práticas religiosas. Segundo as autoras, ainda que as mulheres sejam em maior número, na maioria dos grupos religiosos não alcançam postos de liderança com facilidade, e, quando os alcançam, é quase sempre pela ausência de homens para fazê-lo. Segundo as mulheres entrevistadas por elas, os homens estariam muito mais preocupados com outras questões do que com os trabalhos da igreja, e, desta forma, Deus estaria levantando mulheres para realizar sua obra.

Experiência pastoral: aprendizado que envolve o corpo

O pentecostalismo possui um modo bastante peculiar de fazer com que a experiência religiosa transborde a esfera exclusiva dos rituais. Os fiéis pentecostais são orientados a transformar todos os momentos de suas vidas em ambientes de realização dos ensinamentos e práticas religiosas. Isto também envolve transformar diferentes contextos de interação em momentos de difusão da palavra do Senhor.

Por outro lado, não pode-se fazer uma distinção tão grande entre experiência cotidiana e experiência religiosa entre os pentecostais. Isto porque grande parte dos esforços doutrinários do pentecostalismo diz respeito justamente à exortação de seus fiéis em fazer com que a religião tenha lugar em todos os contextos de sua vida. Isto fica claro nesta cena, ocorrida no culto de Libertação na Igreja Pentecostal Príncipe da Paz, em

que a pastora Rosa, que estava pregando, contou uma história para os seus fiéis, na intenção de ilustrar como deve ser a vida do crente pentecostal.

Um dia o telefone de minha casa tocou às 12 horas. Quando atendi, percebi alguém muito aflita, que chorava muito, até que conseguiu falar: pastora, a minha mãe não está bem, ela está muito estranha, agindo e falando coisas que não entendo. Disse então a ela, fique calma, estou indo para sua casa agora. Desliguei o telefone e, imediatamente liguei para duas obreiras, e fomos até a casa da irmã. Quando cheguei lá, deparei com uma crente possessa. Pedi a todos que ficassem na sala, e eu com as obreiras fizemos uma oração de libertação, foi quando o demônio declarou que estava no corpo dela, porque tinha coisa que pertencia a ele naquela casa. Oramos e expulsamos o demônio. Então perguntamos à irmã, o que ela tinha que possuía ao demônio. Foi quando, ela pegou um saco de objetos de macumbaria no guarda-roupa, que ela dava aos demônios quando participava da umbanda. Recolhemos e queimamos tudo, para que a libertação fosse completa. (ROSA, 2012)

Após a história, a pastora deu uma pausa, olhou firmemente para as pessoas presentes e disse: “*Satanás só se faz presente em nossa vida se encontrar brechas. Sendo assim, deixa Deus ser o único dono da vida de vocês*”. (ROSA, 2011). Para o pentecostal, a religião deve estar presente como farol de orientação de cada momento distinto da experiência dos indivíduos. Somente assim, o (a) soldado (a) de Cristo poderá vencer a batalha contra o poder do demônio.

O homem, assim como a mulher, precisa de um novo estilo de vida cristã, para vencer o mal, né. Quando nos convertemos muitas coisas precisam ser mudado, como roupas, parar de usar coisas curtas e decotadas, mulheres que usavam batons de forma exagerada. Aqui na igreja eu oriento minhas mulheres para que tenham a imagem de Cristo. Estou falando isso, porque nosso corpo é templo do Espírito Santo. Sou mulher, preciso estar sempre bem arrumada, perfumada, mas nada de exagerado. Afinal de contas eu sou exemplo para todos na igreja. Precisamos sim! Deixar os costumes do mundo, para ser preenchido por Deus. (SELMA, 2011)

O termo “*habitus religioso*” tem grande relação com o conceito de experiência apresentado anteriormente. A dimensão prática e o caráter corporificado da ação são elementos basilares de ambos os conceitos, para compreensão do fenômeno da aprendizagem. Portanto, *habitus religioso* indica uma modalidade de ser aprendida no seio de uma determinada religião que orienta o fluxo das ações dos indivíduos que desta participam. O conceito de *habitus*, aponta para a dimensão ambígua da ação, na qual sujeito e estrutura se fazem e refazem na dinâmica contínua de um agir orientado por um saber prático e corporificado.

Tem coisas que eu aprendi que se você me perguntar, não sei lhe dizer como aprendi. Talvez observando minha avó, minha mãe ou tias, mas o que eu tenho razão é que aprendi. Por exemplo, cuidar dos filhos, fazer um remédio para tosse, usar uma folha para tirar ronquidão. O ministério pastoral a mesma coisa. Teve uma vez que uma irmã veio até a mim, porque estava com um problema sério com o marido, e eu a orientei, pela misericórdia do Senhor. Um tempo depois ela me disse: “pastora aquela orientação que a senhora me deu, coloquei em prática e deu certo”. E eu fiquei pensando, como Deus é misericordioso. Eu nunca tive problema de adultério no casamento, mas tive as palavras certas para aquela irmã. Essa sabedoria só vem do Senhor. (NILZA, 2012)

Neste sentido, uma análise centrada no corpo como algo isolado não seria suficiente para dar conta da compreensão de um processo de aprendizado corporal, processo este que envolve tanto instrução quanto demonstração. Uma análise da transformação da experiência religiosa no pentecostalismo, segundo os princípios aqui expostos, deverá ser pautada na compreensão do aprendizado daquilo que Thomas Csordas (2008) caracterizou como “modos somáticos de atenção”. Trata-se de um modo de percepção e ação no mundo que é, por excelência, intersubjetivo e inter-corporal. Por isso, a atenção ao próprio corpo e ao corpo dos outros é fundamental no compartilhamento de um horizonte cultural comum. Neste sentido, a compreensão da formação e desenvolvimento do habitus religioso entre as pastoras deve passar tanto por uma atenção aos ensinamentos aprendidos e interagidos em casa, na igreja, enquanto mãe, mulher e esposa, quanto pela observação da dinâmica de interação entre seus corpos.

Muitas coisas, que eu sei hoje no ministério eu devo aos meus líderes. Eles foram meus professores por excelência. Sempre fui muito observadora, e com isso aprendi muito, e coloco hoje em prática. Outras coisas aprendi com a minha família, com os meus pais. Tem irmãos que chegam para mim e dizem, pastora a senhora é muito paciente e educada, nunca vejo a senhora de cara fechada, ao que respondo, aprendi a ser assim com os meus pais, eles me ensinaram assim. E dou glória a Deus por tudo isto. (ROSA, 2012)

Volto a afirmar que o estilo de vida do fiel pentecostal e de qualquer pessoa está inscrito no corpo enquanto um conjunto de disposições encarnadas (BOURDIEU, 1977, p. 15). Isto está bem claro nas experiências acima apresentadas.

O lugar enquanto dimensão de aprendizado corporal

Como dito anteriormente, uma das questões que estão sempre em jogo no processo de aprendizado destas pastoras de orientação pentecostal é a sua relação com o corpo. Para o filósofo Merleau-Ponty (2006), a compreensão primeira do mundo é realizada pela motricidade do corpo, enquanto intencionalidade original, que não necessita de representações, visto que, originalmente, a consciência não é um “eu penso que”, terreno do idealismo, do campo teórico, da representação, mas um “eu posso” no mundo prático perceptivo, um agir corporal com poder de significações existenciais.

A experiência da pastora Nilza exemplifica bem este pensamento. Para ela, Deus lhe concedeu um chamado específico: *“Sempre comecei trabalhando com jovens na rua, drogado, começando com estes jovens em que as pessoas acham que não tem mais valor”*. Quando perguntei o que a motivou trabalhar com jovens em situação de risco e como ela aprendeu a lidar e a entender este pessoal, a resposta foi a seguinte:

Há muito tempo atrás, ouviu-se falar de um jovem apelidado de Manchinha, que vivia aterrorizando o subúrbio. E ninguém na nossa família imaginaria que aquele jovem que matava, roubava era nosso parente. E pior, não sei quantas vezes ele esteve almoçando e dormindo em minha casa. Só descobrimos porque, quando ele foi preso, a família tomou conhecimento da situação. Veio como uma avalanche, ao saber que o jovem que matou, roubou, traficava era o nosso sobrinho. Foi nesse exato momento que eu percebi que Deus tinha um ministério na minha vida com jovens drogados. E durante o tempo em que ele ficou preso, eu estive acompanhando de perto sua aflição. Conversando, ganhando a confiança dele e aprendendo como evangelizar outros jovens também né. Aproveitei a oportunidade para evangelizar outros jovens, né. (NILZA, 2012)

Este depoimento permite pensar que o ensino-aprendizagem foi acontecendo na medida em que ocorria a interação corporal. O ambiente que ela frequentava para conversar com o seu sobrinho, concedeu-lhe experiência para conhecer melhor o mundo destes jovens. Hoje, a pastora Nilza trabalha com jovens usuários de drogas, que traficaram, roubaram e/ou mesmo mataram.

As experiências do movimento são modos peculiares de se relacionar com os objetos, através das quais se exprime uma função única, o movimento da existência. De acordo com Ponty,

A experiência motora de nosso corpo não é um caso particular de conhecimento; ela nos fornece uma maneira de ter acesso ao mundo e ao objeto, uma praktognosia, que deve ser reconhecida como original

ou originária. Meu corpo tem seu mundo ou compreende seu mundo, sem precisar passar por representações, sem subordinar-se a uma função simbólica ou objetivante. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 195).

A experiência motora do corpo, antes de ser do campo de conhecimento, é comunicação com o mundo, é a presença de um mundo, no modo como as coisas constituem-se para nós. A experiência da pastora Célia exemplifica muito bem esse aprendizado.

Eu sou assim. Desde criança eu sempre aprendi a comer calada. Às vezes ficava com muita raiva, mas me calava. Hoje eu sei porque sempre fui deste jeito. O pastor tem que aprender a comer calado. Eu aprendi assim, do meu Senhor. Eu falo também que o pastor não pode trazer seus problemas para dentro da igreja. Já pensou se o pastor chegar com a cara fechada na igreja? A igreja não tem nada a ver com isso. Digo para nunca pegar o microfone para bater no irmão. Eu já disse se fizer isso, fica disciplinado. Microfone é para pregar a palavra. (CÉLIA, 2011)

Essa experiência da pastora Célia, ao descrever o seu aprendizado pastoral, expressa de forma clara a abordagem de Merleau-Ponty, pois essa noção de compreensão corporal, segundo o autor, acontece “*não por uma operação intelectual de subsunção, mas retomando por nossa conta o modo de existência que os signos observáveis esboçam diante de nós*” (2006, p. 428). As coisas nos são dadas sempre em relação, compõem os lugares em que nós mesmos estamos situados. Antes de as percebermos como entidades discretas, “discernimos nelas um estilo, uma atmosfera que as envolve como um horizonte e que solicita nossa atenção” (RABELO, 2011, p.19). Nas palavras de Merleau-Ponty, “nós não percebemos quase nenhum objeto, existe ali um sentido latente, difuso através da paisagem ou da cidade que reconhecemos em uma evidência específica sem precisar defini-la” (2006, p. 378). Para Rabelo, esse compreender é o mesmo que re-conhecer, ser tocado ou afetado pelo estilo latente proposto pelas coisas e lugares. É justamente essa dinâmica de reconhecimento corporal que está em jogo no processo de conversão do fiel. Essa experiência fica latente na fala da pastora:

Deus fez um milagre, na mesma hora eu mudei as minhas vestes automaticamente, não tinha uma roupa composta, mas aquelas porcarias que eu tinha, eu morava nos fundos da casa de minha mãe, minha vó morava com minha mãe e ela gostava de vestir roupão, ela sempre gostava de vestir roupa folgada dentro de casa, e aí comecei a vestir dentro de casa, e minha vó tinha um conjuntozinho de pano mole, e aí eu vestia para ir para igreja. Um dia vestia com cinto outro sem cinto, camisa por dentro, blusa por fora ia revezando, mas não botei mais short, camiseta, mini saia, o Senhor mudou a minha vida, transformou mesmo. (AIDIL, 2011)

Há uma sintonia ou reforço mútuo entre corpo e lugar, da qual depende a estabilidade da vida social, bem como nosso senso de pertença e o relativo ajustamento a ela, como pode ser visto na experiência da pastora Aidil. Segundo Rabelo,

a configuração dos lugares que habitamos demanda certos modos de engajamento corporal, reforçando e neutralizando padrões de ação e interação, assim como as disposições e técnicas corporais socialmente construídas revelam os lugares como contextos adaptados a essas mesmas habilidades corporais e às classificações ou ideais estereotipados que elas corporificam. (2011, p. 19-20)

Ao apresentar a experiência da pastora Aidil, no que diz respeito à disciplinarização do corpo, a partir de uma nova indumentária, que não deixa mais o corpo à mostra, procurei explorar a idéia de que mudanças na estrutura dos lugares podem fomentar novas sensibilidades e abrir caminho para novas formas de entendimento. Duccini (2005, p. 175) chama a atenção para o aprendizado religioso: “aprender é um processo que envolve a sujeição do corpo às demandas dos lugares abertos pela inserção religiosa, a um conjunto de posturas, exercícios e rotinas a atender a essas demandas.”

Pastora e Corpo: o habitar do Espírito Santo

Para o fiel pentecostal, o auge do amadurecimento, enquanto cristão, é o momento em que, no culto, o cristão recebe no seu corpo a visita do Espírito Santo. Neste momento, toda a congregação entende que aquele fiel está apto para assumir funções na igreja. O Espírito Santo é quem credencia o cristão pentecostal. Assim, aconteceu em sua vida como se pode ver neste depoimento: *“Não corri atrás disso (ministério pastoral), porque Deus falou que iria me credenciar, e acabou, me sinto credenciada por Deus”*. Sendo assim, o credenciamento só vem para aqueles que já foram habitados pelo Espírito Santo.

Outra experiência narrada que exemplifica, de forma concisa, isso que já dissemos anteriormente, sobre o ser habitado pelo Espírito Santo, e que é objetivo da discussão deste sub-tópico, encontra-se na fala da pastora Ana:

O alvo de Deus é o seu nome ser glorificado. Seja através de mim, seja através de você. Deus só está procurando o quê? Um corpo humano, edificado, para ele usar. Deus quer usar você, quer usar seus lábios, quer usar suas mãos, quer usar seus pés, porque Deus tem um ministério dentro da igreja, com cada um de nós, aqui na terra. (2011)

Destarte, falar do habitar do Espírito Santo é discorrer sobre a experiência religiosa, e isso aponta justamente para o modo como a religião oferece um conjunto de saberes práticos, enquanto estoque de conhecimentos (Shultz, 1972) que orientam a vida cotidiana dos sujeitos – marcada pela sua dimensão intersubjetiva e encarnada. Isto, pois *o hábito não reside nem no pensamento nem no corpo objetivo, mas no corpo como mediador de um mundo* (Merleau-Ponty, 2006, p. 201). Para tanto, é preciso compreender o modelamento intersubjetivo da experiência religiosa através das dinâmicas de interação (ritual e cotidiana), que articulam projeto, existência e significado no devir dos corpos.

São várias as instâncias de disciplinamento do corpo feminino nas igrejas pentecostais pesquisadas, a exemplo da Igreja do pastor Nilton:

O pessoal na igreja tem que ler na cartilha do pastor, por exemplo, se um jovem se converte hoje, ele precisa primeiramente frequentar os cultos e a classe de novos convertidos. Depois ele precisa mudar seus costumes, seus hábitos mundanos. Não fica bem para um crente andar na rua de camiseta, nem uma crente de roupa decotada. Isso nós trabalhamos na classe para eles tomarem consciência do que é uma vida com Cristo. E se não houver mudanças nessas áreas, eles não serão batizados no Espírito Santo, né. É por isso, que temos essa preocupação com a nossa ovelha, porque queremos ver Deus usando a vida deles. (2012)

Outra cena como esta, do disciplinamento do corpo, como aprendizado para ser visitado pelo Espírito Santo, é vista na fala da pastora Nilza.

Eu aprendi na minha antiga igreja, pois antes de ir para o Evangelho Quadrangular, eu fui membro da Igreja Pentecostal Getsemane, e lá com o meu pastor, aprendemos que o cristão precisa ser diferente do mundo, em tudo, inclusive no vestir. Se não for assim, o Espírito Santo não visita a gente. Como Ele pode habitar no corpo que se profana, com roupas indecentes, né. É desse jeito que eu ensino as minhas ovelhas. Não precisamos ser radical, mas o cristão precisa está bem composto. (2012)

Além dos (as) pastores (as), os (as) obreiros (as) monitoram o comportamento dos fiéis, exigem atenção e corrigem posturas, pastoras e pastores fazem revelações que denunciam falhas morais cometidas por membros das igrejas e pedem aos pecadores que se “entreguem” a Jesus para receber o perdão. Com isso, esses fiéis passam a almejar a transformação que se define pela injunção moral de deixar-se usar pelo Espírito Santo.

A prática cotidiana da oração é o meio por excelência pelo qual o fiel busca transformar-se. Por isso, é comum ouvir das pastoras o desejo que elas têm de orar.

Sempre gostei de buscar ao Senhor, como até hoje gosto de passar a noite na igreja orando. Tem dia que eu vou seis horas da manhã para igreja e saio sete, oito horas orando, gosto muito de buscar. Sempre trabalhei para Jesus (AIDIL, 2011).

Deus, eu não sei orar, eu quero que o Senhor me ensine orar. De que maneira o senhor quer que eu ore? Deus deseja que sejamos humildes, que tenhamos simplicidade de chegar até Ele. Você tem que saber como você vai chegar até a Deus, como você vai se dirigir ao seu Deus, porque ele é poderoso, ele é celebridade, é majestade, e a honra, e a glória, é tudo (ANA, 2011).

Orar é uma habilidade que precisa ser aprendida. “Nesse aprendizado está o cultivo de uma disposição no duplo sentido de (dis) posição espacial e, portanto, corporal, por um lado, e de disposição emotiva ou estado de humor, por outro” (RABELO 2011, p. 21).

A oração do fiel deve exprimir uma vontade de ser tocado pelo Espírito Santo.

Deus começou a me usar em revelação. Nunca pedi dons para Deus. Eu tinha medo das coisas assim. Único dom que eu pedi para Deus era conversar com as pessoas e ganhar almas para Jesus. Mas aí, começaram a aparecer dons, eu mesmo não entendia, e dizia: por que isso? Cheguei ao pastor para conversar, e ele disse: é assim mesmo, você foi batizada no Espírito Santo. Mas só que eu buscava muito em oração. Eu orava, tinha uma vida íntima com Deus. (ROSA, 2012)

Sem uma intenção genuína de santificação, pouco se alcança quando se trata de agradar a Deus. O Espírito não vem se o vaso⁴² (fiel) não estiver limpo, puro. Tampouco vem se o pensamento estiver voltado para as tentações e preocupações mundanas. (RABELO, p. 24). As experiências vivenciadas nos cultos do recebimento do Espírito Santo, são um desdobramento da oração. A experiência da pastora Rosa expressa exatamente o que Rabelo chama de desdobramento da oração. É justamente no momento em que ela está em casa orando que é visitada pelo Espírito Santo.

Teve um dia em que Deus falou comigo mesmo. Me tomou mesmo. Eu orando em casa, quando de repente, Deus me tomou em profecia, e línguas estranhas, e me disse: Eu vou te consagrar a pastora. Eu quase caí de costa. Comecei a dizer: Eu estou louca, eu estou doida. Não é Deus me tomando, não. Eu estou doida, não pode ser. Eu tô

⁴² O termo “vaso”, entre os pentecostais, se refere a eles mesmos. A leitura que eles fazem é a do livro de Jeremias no capítulo dezoito, em que Deus pede ao profeta para que fosse à casa do oleiro e observasse como era feito o vaso, e de repente o vaso quebrou na mão do oleiro, e disse Deus ao profeta: “Eu não posso fazer o mesmo convosco”. Logo, todo o fiel, sobretudo pentecostal, é um vaso a ser cheio do Espírito Santo.

orando aqui, e Deus mesmo me toma. Foi a primeira coisa que aconteceu. (ROSA, 2012)

Essa comunicação com o corpo é muito presente neste universo do pastorado feminino pentecostal e, outras marcas visíveis, como joelhos e os cotovelos aparecem como ensinamento/aprendizado. O orar em joelhos, para o pentecostal, é uma experiência indizível, pois Deus responde mesmo, como pode-se perceber nesta experiência de cura da pastora Selma:

O irmão José Raimundo apareceu doentinho, a família levando para o médico, achando que era uma gripe, era virose, mas ao chegar a casa dele, eu senti que não era. Aí eu mesmo levei ao médico, quando diagnosticado, numerosos nódulos no esôfago. E eu clamei ao Senhor, e disse essa rosa o Senhor não vai me tirar. E aí entrei em jejum, oração e determinando a cura dele. Levando para o médico, levando para os hospitais, depois foi encaminhado ao Aristide Maltez. Depois laboratórios fazendo vários outros exames e eu orando a Deus. Só que eu desci no joelho e disse: “Senhor, agora eu quero que me ensine um remédio, para que eu venha dar a ele, e eu venha ver o resultado, dele ser curado, eu quero ele curado. Não é para minha honra, mas é para tua glória. Aí eu desci para o joelho à tarde com a cara no pó, quando foi às 15 horas, o Senhor me revelou a cura dele. (2011)

O orar em joelhos torna-se canal para que o corpo se torne a habitação do Espírito Santo, além de ver a “vitória do Senhor sobre o mal”. Por isso, ouve-se muito dizer entre elas: “você conhece um homem e mulher de Deus, pelos calos nos joelhos e cotovelos”. Para Sueli Souza:

Os calos têm um significado importante na medida em que expressam o fervor e autenticidade do pentecostal. Esses sinais físicos são também sinais de um aprendizado. O discurso pentecostal enfatiza a transformação operada na vida da pessoa, produzida pelo recebimento do Espírito Santo. (SOUZA, 2011, p. 122)

Isso implica aprender a estar sempre à disposição da vontade de Deus, o que se pode constatar, por exemplo, na fala da pastora Rosa:

Eu me dedico completamente à obra do Senhor. Sempre fui assim, e mais ainda agora, enquanto pastora. Entendo que sem oração a igreja não fica de pé, né. Por isso, é que às madrugadas eu estou de joelhos pedindo a Deus para abençoar a igreja. Lá na igreja eu sou conhecida como uma pastora de oração. Mas eu gosto muito mesmo de orar. A oração é tudo no ministério. Como lhe disse, os dons só foram aparecendo na minha vida quando comecei a ir para o joelho. Sem joelho o crente não é batizado no Espírito Santo, né. Eu sou uma pastora que gosto muito de orar. Deus tem feito coisas tremendas por meio da minha vida. (2012)

Por isso, quando indagados às pastoras por que têm os cotovelos e joelhos marcados, elas respondem, são madrugadas de oração, como visto na experiência acima. As pastoras são valorizadas pelos fiéis e por Deus por serem mulheres de oração em sua comunidade. Podemos ver isso no depoimento da pastora Ana, quando ainda era líder do círculo de oração na Deus é Amor:

Eu abria o ministério de oração na Deus é Amor, onde eu congregava. Eu ia das cinco horas da tarde, antigamente era de joelhos, de cinco até sete horas da noite pra entregar pro pastor, de joelhos não tinha nada de pé, era joelho no chão orando ali. Cabeça baixa orando até sete horas, quando o pastor vinha pra poder abrir o culto ali. E não tinha nada de dizer eu vou para casa porque meu filho ficou em casa, eu não vou ficar até sete horas. O meu compromisso não é com homem é com Deus, se eu fiz meu compromisso com Deus tinha que ficar de joelhos de cinco da tarde até sete da noite. (ANA, 2011)

Para os fiéis, a oração é muito mais que palavras: envolve postura corporal de humildade e abertura ao sagrado.

O corpo feminino, de algum modo sempre deslocado ou em tensão com os lugares em que o passado está firmemente enraizado, ele mesmo é convertido em um foco de ou para lugar – receptáculo de um poder que pode fluir para outros e transformar seu entorno. Cuidando de si para ser usada por Deus, a fiel se diz envolta em uma aura de poder: embora se veja situada em um mundo de pecado, descobre-se protegida; de fato, empreende uma busca atenta e constante de sinais que confirmem esse estado de força e proteção (RABELO, 2011, p. 21).

Dobrar os joelhos para orar é conectar-se com o divino, a fim de ser fortalecido e também se libertar de tudo que é do mundo, inclusive, ou principalmente, da vergonha de se ver a mercê do poder divino – rindo, chorando, gritando, pulando.

Do alto é que vem a providência, para minha e sua vida. A gente não só busque, mas acredite, e viva o sobrenatural de Deus. E não desacreditar das promessas de Deus, porque se cumpre, né. Nós temos que a cada dia, dar lugar a Deus, e viver as promessas de Deus. Muitos não estão vivendo, porque estão buscando as coisas da terra, não está dando lugar ao Espírito Santo de Deus, operar na sua vida. Deus fala comigo, fala com você, Deus fala. Eu às vezes estou lavando prato, Deus está falando. O Espírito Santo de Deus está conversando comigo. Eu estou fazendo qualquer coisa, o Espírito Santo está falando comigo; eu estou na rua, eu estou no coletivo, Jesus quer conversa, ele conversa. Fala o que Ele quer comigo. E nem filho, nem casa, nada impede de Deus atuar na minha vida, muito menos de operar. (ANA, 2011)

A experiência de ser habitado pelo Espírito Santo é descrita através de uma série de imagens corporais inter-relacionadas. Enquanto a possessão demoníaca usualmente envolve o tombar do corpo que se contorce no chão, em posição horizontal de subjugação, o corpo preenchido pelo Espírito Santo em geral movimenta-se erguido, em um espaço vertical, em direção ao alto, pulando, e/ou girando rapidamente (RABELO, p. 25). Na experiência da pastora Ana, o Espírito Santo está sempre com ela, conversando, dizendo aquilo que quer dela.

O corpo mediatiza a construção e produz uma determinada identidade, que, neste caso está voltada à simplicidade, a uma vida de sacrifício, de abnegação, de oração, que envolve o cotidiano da vida destas mulheres, por isso é tão comum ouvir-se pessoas que se referem a estas pastoras como “mulheres de Deus”.

Quando Deus quer operar, Ele opera. Mas para isso é preciso ter uma vida de oração, de jejum, de renúncia e principalmente de amor. Não murmurar, não reclamar. As coisas não estão dando certo ou da forma que nós não queremos? Aceitar Deus trabalhar, e quando aceitamos o trabalhar de Deus, apesar de não entendermos muitas vezes o trabalhar de Deus, e quando nós não entendemos, porque Ele é mistério, e eu creio que Deus é mistério pra tudo, e quando nós não entendemos, mas deixamos Ele trabalhar, aí tudo importa. “Tudo é para o bem daqueles que amam a Deus”. (SELMA, 2011)

Segundo Rabelo, no Pentecostalismo o Espírito Santo é esse poder uno que se singulariza e desdobra nos corpos para reconstituí-los enquanto sua habitação.

O corpo, que ao ser preenchido pelo Espírito, é tomado por movimentos livres [...] aponta para um poder que quebra as regras deste mundo, e que pode desafiar-las sem medo. Expressa neste sentido o ideal pentecostal de ruptura com o mundano. Entretanto é um corpo que se purifica e disciplina para transformar-se em uma casa que o Espírito possa habitar, expressando a busca pentecostal de reconstrução ativa e ordenada do mundo vivido (RABELO, 2011, p. 27).

O corpo, enquanto templo do Espírito Santo, torna-se, neste universo pentecostal, o mediador entre a pessoa e o sagrado, como se pode constatar no depoimento da pastora Ana:

Eu ia cinco horas da tarde de joelhos até sete da noite. Era joelho no chão e cabeça baixa orando. E quem é que está usando a mulher para revelar o profundo e oculto? Deus está procurando o meu corpo ou o corpo de outras mulheres para Ele usar, santificado. (ANA, 2011)

Um corpo santificado, por meio da oração, é o motivo real para serem habitadas pelo Espírito Santo. Essa experiência de receber o Espírito Santo passa pelo processo de santificação, que resulta no aprendizado do crente, frente às suas aflições e angústias, como explica a pesquisadora Sueli Souza.

Por meio da “idéia da santificação para o recebimento do Espírito Santo” o “crente” consegue ter maior controle sobre as angustias produzidas pelas contingências da vida. Assim, aprender a doutrina da santificação é também importante na formação do projeto de vida pentecostal e em especial dos que buscam a cura. (SOUZA, 2011, p. 122)

Assim sendo, o corpo é esse espaço de ensino e aprendizagem em que o Espírito Santo se manifesta, tornando-se a presença sagrada visível, e também passível de ser compartilhada, admirada, e servindo como fonte de inspiração. Acerca disso, define Rabelo:

O campo de ação das mulheres pentecostais, posicionando-as em relação ao poder sagrado não apenas como beneficiárias individuais – fortalecidas na dinâmica das relações amorosas e familiares – mas também como focos de transmissão desse poder para outros. O corpo da fiel pentecostal estabelece elos possíveis entre o Espírito Santo e aqueles que ainda não foram pessoalmente tocados por sua presença – como parceiros e filhos não convertidos. (2011, p. 22).

Ao longo desta discussão, procuramos apontar os caminhos que uma reflexão sobre o corpo abre para o estudo da religião como processo de ensinamento/aprendizado. Entretanto, é importante deixar claro que, colocar o acento analítico na unidade entre corpo e subjetividade e, assim, falar de sujeito encarnado, segundo Rabelo (2011, p.26), “é apenas percorrer parte do caminho que a reflexão sobre o corpo de fato enseja”, pois o termo corporeidade (*embodiment*) pode ser enganoso se servir apenas para destacar o fato de que os significados, identidades, emoções e valores são também profundamente ancorados no corpo. Isso porque, como lembra Ingold (2010, p. 10), “tal abordagem pode ter como resultado apenas ampliar ou redefinir a noção de subjetividade. Para Miriam Rabelo, o caminho é superar a dicotomia entre sujeito e objeto, envolve conduzir a análise não só em direção a uma redefinição do subjetivo pela mediação do corpo, mas também rumo a uma reflexão que recupere os nexos entre corpos, lugares e coisas na dinâmica da experiência social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir a questão feminina associada à religião é conhecer mais profundamente o nosso país, com essa imensa diversidade de religiosidades, culturas, de símbolos, de jeitos de ser e pensar. É encarar a realidade complexa e desigual, que se esconde sob uma aparência de unidade e de homogeneidade, mas que somente se revela particular na fragmentação, na diferença e na diversidade.

A partir da década de 1980, o crescimento das denominações pentecostais criou gradativamente, até a década de 1990, uma situação nova: abertura ao ministério pastoral feminino no interior do pentecostalismo.

São nas igrejas de raízes pentecostais que encontramos o maior número de mulheres assumindo o pastorado. Revelando-nos assim, que são essas igrejas que dão maior autonomia para que as mulheres exerçam o seu ministério. Essa valorização confere às mulheres uma força para lutar por um espaço maior dentro de suas igrejas e até mesmo fora delas, com uma predisposição que lhes garante uma conquista. (SANTOS, p. 131, 2002)

Essa abertura de classe e de gênero não está restrita exclusivamente à mulher pastora, mas abrange todas que têm um desejo explícito de sair do universo privado para o público e de vir a se tornar uma liderança.

As pastoras nos revelam que elas estão conscientes das mudanças que têm ocorrido quanto às conquistas das mulheres embora um discurso feminista não esteja presente nas reivindicações pelo pastorado, demonstram que, nem por isso, deixam de usufruir das conquistas que vieram no bojo dos vários movimentos reivindicatórios liderados pelas mulheres:

O inovativo que trazemos se refere ao fato de apesar das pastoras pentecostais não terem articulado um movimento feminista que lhes colocassem na posição de liderança dentro das denominações religiosas que congregam e não possuem um discurso teológico feminista mostram-se como portadoras de habilidades e estratégias que lhes colocam em lugar de destaque na relação masculino e feminino. (MIRANDA, 2009, p. 76)

As lutas e conquistas fazem parte do processo do ser mulher e ainda não têm tempo determinado para encerrar, é por essas situações que, em todas as instâncias de suas vidas, as mulheres têm procurado demonstrar que são capazes de assumir qualquer posição, mesmo as que são consideradas exclusivamente masculinas. De dona de casa

ao pastorado de uma igreja, a mulher está vencendo o preconceito que a manteve por muito tempo na escravidão do privado, não só do lar, mas de ser ela mesma.

Quando se fala no pastorado feminino, percebe-se que, gradativamente, as mulheres evangélicas estão ocupando esta condição. De conquista em conquista, as mulheres estão chegando aos púlpitos. Meio tímidas ainda, mas não menos convictas que o pastorado também é o seu lugar, ao lado, por que não, de seus esposos, mas também sozinhas, dirigindo uma igreja ou suas próprias denominações.

As pastoras não pretendem um rompimento com os seus companheiros pastores e talvez, neste sentido, se diferenciem das mulheres feministas que queriam um rompimento com qualquer um que as oprimisse. Querem também a oportunidade de pregar o evangelho, que é tarefa de todos, como argumentam. E por que não, do alto de um púlpito? Reconhecem que, enquanto mulheres, têm lugares definidos pela Bíblia, principalmente o de mãe e de esposa, e que devem submissão aos esposos, embora nem todas concordem. Mas, essa submissão passa a significar algo imposto não apenas para as mulheres, mas para todos que estão sob o poder de Deus; e ser submissa ao marido revela um mandamento divino, que não significa uma total dependência e nem sujeição. O espaço da casa é o lugar da submissão da esposa ao marido, mas o espaço da igreja garante a oportunidade de exercer uma autoridade até então proibida às mulheres. No entanto, essas mulheres, estão dando novas interpretações para suas condutas. Redefinir submissão para essas mulheres pode significar a possibilidade de diálogo e conquistas tanto no seio familiar, na sociedade, assim como na igreja.

O pastorado representa, para algumas mulheres evangélicas, novas experiências que as colocam numa tensão entre a doutrina que pregam e a realidade em que convivem. A tentativa de exercer a sua autonomia, enquanto liderança, e administrar a submissão enquanto mulher e esposa fazem parte também do processo de aprendizado ministerial.

Com as mudanças ocorridas na sociedade promovendo o enfraquecimento do patriarcalismo familiar, principal forma de opressão da mulher e tirando o domínio do homem sobre o lar, as relações familiares têm tomado outras formas e suscitado novos paradigmas no que se refere ao que chamamos de família. E isso dá a oportunidade para que as mulheres possam exigir e desenvolver suas próprias perspectivas de vida e capacidade de agir sobre elas. Pode passar a ser controladora de sua própria vida, sendo capaz de fazer suas próprias escolhas e se reconhecer enquanto aliança necessária para solucionar os seus problemas. (GIDDENS, 1993, p. 27)

Essa mudança na sociedade permitiu o ingresso das mulheres no ministério pastoral, além de conferir alterações positivas no universo privado e na vida pública, especificamente no fato de serem respeitadas, reconhecidas, valorizadas, etc.

A pesquisa revelou que o pastorado feminino aponta que, muitas vezes, a proibição por parte de alguns líderes retrata a dificuldade que estes têm em aceitar as conquistas das mulheres, desta vez a das evangélicas na direção da igreja, mas que, ao seu tempo, isso também fará parte do cotidiano das igrejas evangélicas. Como se pode ver no depoimento da pastora Nilza:

Naquele tempo passado, Raquel era o quê? Pastora de ovelhas, trabalho de homem no pasto. Não tinha quem fizesse então ela foi fazer. Se ela pode pastorear, eu também posso. Você pode fazer um bom trabalho, ser um bom administrador na obra do Senhor, mas se não tiver amor não se faz a obra de Deus. Não adianta ser um ótimo pregador, um ótimo ministro da palavra de Deus, se não tiver aquilo que é mais importante, amar aquelas almas. Amar, cuidar, orientar, alimentar, zelar, exortar e guiar aquelas pessoas, certo? E isso nós fazemos bem feito. E não tem quem pare as mulheres, porque é vontade de Deus que sejamos pastoras. E estamos em locais que os homens não querem ir. Pergunte a um homem se ele quer ir pregar para um drogado. Se ele quer ir pastorear aonde esta minha igreja. (2012)

A importância das descobertas da pesquisa nos faz interpretar a pastora como aquela que venceu preconceitos, barreiras e imposições, entretanto ainda não foi, vitoriosa em todos os percalços, devido à maioria das denominações religiosas ainda estar sob o domínio dos homens, o domínio do masculino. Muito embora as descobertas da pesquisa revelassem algo de novo, pois o pentecostalismo de bairro, trata-se de um pentecostalismo de rosto feminino. Essa afirmação se dá não pela presença apenas de lideranças femininas, mas pelo número de fiéis mulheres que participam dessas igrejas. Esse dado é importante, porque, partindo para os grandes centros, sobretudo de Simões Filho, a apresentação que se tem é que o pastorado feminino, em algumas igrejas, parece não ser ainda uma conquista efetiva, onde a mulher pode exercer a autoridade máxima, mas apenas mais uma forma de liderança sem maiores consequências ou ameaças para as lideranças masculinas. Nessas igrejas, as pastoras são sempre auxiliares, se não de seus maridos, de outros pastores titulares, e quase sempre exercem os cargos que, de certa forma, estão relacionados a algum trabalho com mulheres ou atividades que envolvem liderança em assistência social e educação. Portanto, perceber esse pentecostalismo de bairro foi um grande avanço para a pesquisa, porque estas

pastoras são as líderes, são as pessoas que “Deus credenciou” para tal propósito, como podemos constatar na fala da pastora Célia: “A diferença é que eu sou a fundadora do ministério e eles membros do ministério. Pela misericórdia de Jesus abri esta porta por meio de Jeová. Só mesmo com a cara e a coragem”. Um dos progressos revelados em pesquisa é a inserção crescente de ministérios pentecostais, que têm em sua liderança a presença feminina nestes bairros periféricos, em que segundo o relato da pastora Nilza, os pastores homens não querem ir. Mas as mulheres estão lá e, segundo a pastora Ana, não têm do que temer:

A minha força, a força de muitas mulheres está no Senhor. Meu braço forte é Jesus. É no braço de Jesus que eu me seguro, quando as ondas vêm, quando elas se levantam com a tempestade, eu digo: Jesus! E Jesus me socorre. Muitos aqui nesta cidade (Simões Filho) já chegaram naquela igreja e apontaram armas para mim, mas não tive medo, saí dali porque o dono estava me extorquindo. Mas Deus disse: vá e pregue a minha palavra, quem convence é o Espírito Santo de Deus. Vai, ora, que eu opero o sobrenatural. Vai e faz o que eu te mando. Então, quem é que usa? Jonas pregou, mas quem operou? Não foi Jesus? Débora pregava e orava, mas quem era que operava? Não foi Jesus? Cada um agiu com sua fé. Ana orou, mas quem foi que operou na vida de Ana? Noemi, quem foi que operou? Ester livrou seu povo da ruína, da morte, da miséria. Então Jesus não está na vida da mulher? (2011)

Entender os processos de ensino e aprendizado desta pastoras pentecostais foi o grande salto desta pesquisa, uma vez que os Seminários e Instituições religiosas das igrejas evangélicas históricas sempre privilegiaram o homem para o curso de teologia e, para o ministério pastoral. Em contrapartida a estes discursos e à postura ainda patriarcalista destas instituições, a nossa pesquisa descobriu que vem crescendo o número de igrejas pentecostais que têm à frente de sua liderança mulheres, que, embora nunca tenham estudado em seminários teológicos, mostraram que têm conduzido com maestria seus ministérios. Um dos motivos para tal desempenho, segundo as pastoras, se deve ao fato de estar no “centro da vontade de Deus”.

Quando este ministério foi aberto, veja bem, tudo foi revelado por Deus, nada foi do homem. É por isso que nós temos que buscar o conhecimento de Deus. Não foi de mim, foi tudo de Deus. Como eu te falei, eu cresci ouvindo a revelação de Deus. Deus usava os vasos, os profetas, dizendo que eu era uma missionária e que tinha algo muito grande e profundo nesta terra comigo. Eu tinha uma missão com Deus, uma caminhada muito longa, e o tempo se passou, as profecias começaram a se cumprir na minha vida, né. Então, veja bem, Deus até o nome do ministério Deus revelou: Igreja Apostólica de Jesus, o toque das mãos de Deus. (ANA, 2011)

As pastoras reconhecem as dificuldades que o ministério pastoral apresenta, mas apesar dos problemas, sempre acreditam que vão vencer:

Vejo hoje muitos pastores que vieram do mundo das drogas e que hoje são grandes homens de Deus. Então isso é prazeroso. É difícil, tem horas que choramos muito aos pés de papai, mas nós temos certeza que vamos vencer. Davi não desistiu de nenhuma guerra, por que nós vamos desistir? (NILZA, 2012)

As dificuldades do ministério pastoral são muitas. As dificuldades financeiras, as dificuldades de espaço, as dificuldades de lidar com pessoas diferentes, falando da diversidade, e as dificuldades de encarar a realidade da vida. A pastora deve estar muito preocupada principalmente com os próprios irmãos, uma vez que, pelo fato de ser mulher, de não ser reconhecida muitas vezes, tudo isso é dificuldade, mas com um tempo, buscando a Deus tudo se resolve. (SELMA, 2011)

As dificuldades, para as pastoras, fazem parte do processo de ensino e aprendizagem, como podemos ver na fala da pastora Aidil:

A gente não entende as dificuldades, mas não tem como não dizer que não é Deus. Realmente, Deus está no negócio, Ele trabalha. Deus cria situações, né. Ele complica, depois descomplica, e fala porque complicou, né. E a gente vai aprendendo com tudo isto. (2011)

Os caminhos de ensino e aprendizado das pastoras são muitos, como visto na análise das falas das próprias pastoras. Desde as suas antigas igrejas e lideranças, com a família, com o corpo, pois antes de serem pastoras, são mulheres, esposas, mães e avós. Isto, somou e muito na preparação para o ministério pastoral, como podemos constatar na experiência da pastora Nilza.

São muitos os caminhos que trilhamos para chegar ao pastorado. Aprendi a ser pastora, com os meus antigos pastores e pastoras e também com minha família, mas aprendi primeiramente com Deus. Porque foi Ele quem me chamou para ser pastora pela, misericórdia do Senhor. (2012)

Diante desta fala, apenas reafirmamos aquilo que, por meio da observação centrada nas pastoras durante a pesquisa, já nos foi dito. A aprendizagem pastoral acontece na simultaneidade e contradições da vida cotidiana destas mulheres e por que não dizer, na prática.

Não são contra o estudo, até porque duas das sete pastoras fizeram curso básico de teologia, para melhor se prepararem para o ministério. No entanto, não abrem mão da experiência espiritual, pois quem as capacita muito mais que a teologia é Deus.

A pesquisa teve esta preocupação, de abrir as cortinas, que, por muito tempo, permaneceram fechadas, em virtude dos discursos que fomentavam a marginalidade, o silenciamento e a exclusão feminina, neste grande palco da vida religiosa, o ministério feminino pentecostal. A tentativa da pesquisa foi mostrar um lado apenas, deste pentecostalismo de bairro, fundado por mulheres. Diante dele, entender como aconteciam esses processos de ensino-aprendizagem a partir da experiência formativa destas mulheres pastoras. Quanto mais mergulhado estive neste universo religioso, as cortinas se abriam, a ponto de ouvir muitas vozes e, dentre essas, uma que marcou: “Ele me entregou o cajado”.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon. **Assembléia de Deus - Origem, Implantação e Militância**. Arte Editorial, 2010.

ALMEIDA, Bianca Daéb's Seixas. **Uma história das mulheres batistas soteropolitanas**. Dissertação de mestrado – UFBA, 2006.

ALMEIDA, Luciane Silva de. **A Igreja Anticomunista: Representações dos Batistas e dos Fundamentalistas sobre o Regime Militar em Feira De Santana (1964-1980)**. Relatório Final. PIBIC. UEFS, Feira de Santana, 2008.

ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata (organizadores). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ALMEIDA, Vasni de. A igreja metodista no Brasil. In: SILVA, Elizete da. SANTOS, Lyndon Araújo. ALMEIDA, Vasni de. **Fiel é a palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil**. UEFS, 2011.

ALVES, R. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Editora Ática, 1979.

ARAUJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2007.

BARBIERI, T. **Sobre a categoria gênero: Uma introdução teórico-metodológica**. Recife: SOS CORPO, 1993.

BIRMAN, Patrícia. **“Mediação Feminina e Identidades Pentecostais”**, Cadernos Pagú, Campinas, UNICAMP nº 6-7, 1996.

BITTENCOURT F., J. Remédio Amargo. In: ANTONIAZZI. et. al. **Nem anjos Nem demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BOAVENTURA, Elias. **A educação metodista no Brasil** (origem, evolução, ideologia). Piracicaba, UNIMEP, Dissertação de Mestrado, 1978.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. in Educação & Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, jul/dez, 1995.

_____. **Economia das trocas simbólicas**. 6ª Ed., São Paulo, Perspectiva, 2005.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BOYER, Orlando. **Pequena Enciclopédia Bíblica**. Editora: Vida, 2006.

BURGESS, Stanley M. e McGee, Gary B. (eds) (1989), **Dictionary of pentecostal and charismatic movements**. Zonderavan, Grand Rapids.

CAVALCANTE, Nireu. **O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade, da invasão francesa até a chegada da corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CESAR, W.; SHAULL, R. **Pentecostalismo e Futuro das Igrejas Cristãs: Promessas e Desafios**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

COMAROFF, JEAN. **Healing and the Cultural Order: the case of the Barolong boo Ratshidi**, in: *American Ethnologist*, 7(4): 637-57, 1980.

CONDE, Emílio. **História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

CONNELL, Robert. **Políticas da masculinidade**. In: *Revista educação e realidade*. São Paulo: UFRGS, vol. 20 (2), jul/dez. 1995.

CORTEN, André. **Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

COUTINHO, M. F. F. “Desafios no ministério pastoral no Brasil hoje”. In: RENDERS, H. (Org.). **Vocação pastoral em debate: Inclusive reflexões sobre 30 anos do ministério pastoral feminino na Igreja Metodista**. São Bernardo do Campo: Editeo, 2005.

CRABTREE. **História dos Batistas do Brasil: até 1906**. Vol. I. 2ª edição. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1962.

CSORDAS, Thomas J. **Corpo/ Significado/ Cura**. Tradução de José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro, CPAD, 2004.

DEIFELT, Wanda. **Mulheres pregadoras: uma tradição da igreja**. Theophilos, Canoas, v. 1, n. 2 – 2º semestre 2001.

DEIFELT, Wanda. **Temas e Metodologias da Teologia Feminista**. In: SOTER (org.) **Gênero e Teologia: Interpelações e perspectivas**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

DREHER, Martin. **História do povo luterano**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

DUCCINI, Luciana. **Diplomas e decás**. re-interpretação e identificação religiosa de membros de classe média do candomblé. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, 2005.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Tradução Joaquim Pereira Neto. 3ª edições. São Paulo: Paulus, 2008.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Antropologia social**. Lisboa: Edições 70, 1985.

FERNANDES, Rubem César. **Novo Nascimento**: os evangélicos em casa, na igreja e napolítica. Rio de Janeiro, Iser, 1996 (mimeo.).

FERNANDES, S.R.A. **“Vinho Novo em Odres Velhos?”** Uma análise da Vida Religiosa feminina na modernidade contemporânea. Rio de Janeiro. 1999. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. UERJ/IFCH/

FERNANDES, Silva R.A. & PITTA, Marcelo. **Mapeando as rotas do trânsito religioso no Brasil**. *Religião e Sociedade*, 26, p. 120-153, 2006.

FIORINZA, Elisabeth S. **As origens cristãs a partir da mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.

FISH, J. M. **Placebo Terapia**: a Fé no Processo de Cura. Campinas, SP: Papirus, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Maria Carmelita de. Gênero/Teologia feminista: interpelações e perspectivas para a teologia – relevância do tema. In: SOTER (org.) **Gênero e Teologia**: Interpelações e perspectivas. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

FREITAS, Maria Teresa. **A abordagem sócio-histórica como orientadora de pesquisa qualitativa**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p.21-39, jul. 2002.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In: Antoniazzi, Alberto et al. **Nem Anjos nem Demônios**: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Ed. Vozes. 1994.

_____. **Protestantes e política no Brasil**: da Constituinte ao impeachment. Campinas, Tese de doutorado em sociologia, IFCH-Unicamp, 1993.

FRY, Peter; HOWE, Gary: **Duas respostas à aflição**: umbanda e pentecostalismo. *Debate e Crítica*, n° 6: 79-94, São Paulo, 1975.

GEBARA, I. **Rompendo o Silêncio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1º ed., 13º reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIBELLINE, Rosino. **A Teologia do Século XX**. Tradução João Paixão Netto. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GIDDENS. A. **A Transformação da Intimidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

GIDDENS, A. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 17. ed. – Petrópolis, Vozes, 2009.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

GONÇALVES, Vagner. Transes em trânsito: Continuidades e rupturas entre neopentecostais e religiões afro-brasileiras. In TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata. **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. Os ataques Neopentecostais às religiões Afro-brasileiras e aos símbolos da Herança Africana no Brasil. In GONÇALVES, Wagner (org). **Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no campo religioso Afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

GROSSO, Miriam P. O masculino e o feminino na educação. In GROSSO, M.P. e BORDIN, J. (orgs.). **Paixão de Aprender**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HACK, Osvaldo Costa. **Protestantismo e educação brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

HALKES, Catharina. Gott hat nicht nur starke Söhne: Grundzüge einer feministischen HEILBORN, M.L; SORJ, B. Estudos de gênero no Brasil. In: **O que ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Ed. Sumaré: ANPOCS; Brasília: DF: Capes, 1999 (Vol. 1).

HEITZENRATER, Richard P. **Wesley e o povo chamado metodista**. Tradução. Cleide Zerlotti Wolf. São Bernardo do Campo, EDITEO; Rio de Janeiro, Pastoral Bennett, 1996.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Igrejas luteranas no Brasil. In: SILVA, Elizete da. SANTOS, Lyndon Araújo. ALMEIDA, Vasni de. **Fiel é a palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil**. UEFS, 2011.

INGOLD, Tim. **Da transmissão de representações a educação da atenção**. Educação, Porto Alegre, v. 33, n 1, p. 6-25. 2010.

JACOB, César Romero. et al. (2006). **Religião e Sociedade em Capitais Brasileiras**, Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio; São Paulo, Loyola; Brasília, CNBB.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

_____. “A Eficácia Simbólica”, in: **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.

_____. **L’homme nu**. Mythologiques, Paris: Plon, 1971.

LOPES, A. N. **Ordenação de mulheres: que diz o novo testamento?** São Paulo: PES, 1997.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-estruturalista**. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MACHADO, Maria das D.C. **Representações e relações de gênero em grupos pentecostais**, Revista Estudos Feministas, Santa Catarina, v. 13, n. 2, p. 387-396, 2005.

_____. MARIZ, Cecília. **Mulheres e práticas religiosas nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos**, RBCS, vol. 12, n° 3, Junho, 1997.

MADURO, O; JURKEWICKZ, R. **Otto Maduro e o Feminismo**. São Paulo: Impósio Editora, 1997.

MAFRA. C. Gênero e Estilo Eclesial Entre os Evangélicos, In: Fernandes, R.C., et AL (Org.). **Novo Nascimento: Os Evangélicos em Casa, na Igreja, e na Política**. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.

MAFRA. C. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil: O caso da Igreja Universal**, Estudos Avançados, São Paulo, v. 52, p. 121-138, 2004.

_____. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARIZ, C. & MACHADO, M. D. **Pentecostalismo e a Redefinição do Feminino**. Religião e Sociedade 17/1-2, RJ, ISER (agosto, 1996).

MARIZ, C. **Alcoolismo, gênero e pentecostalismo**. Religião e Sociedade, 1994.

MARIZ, Cecília Loreto. Protestantismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: GUTIERRES, Benjamim. **Na força do Espírito Santo**. Os pentecostais na América Latina. São Paulo: Aipril, 1996.

MARTIN, David. **Tongues of fire: the explosion of protestantism in Latin America**. Oxford, Blackwell, 1990.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. **Manual do pastor e da igreja**. Curitiba: Santos Editora, 2002.

MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais**. In Sociologia e antropologia. Vol. 1. SP: EDUSP, 1974.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir: A inserção do protestantismo no Brasil**. 3º ed. São Paulo, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MESQUITA, Z. C. C. (Org.). **Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908 (versão bilíngue)**. Piracicaba: Unimep, 2001.

MIRANDA, Fernanda Honorato. **Religião e mulher: liderança feminina no pentecostalismo evangélico**. Dissertação de Mestrado / PCIS – UFRGN. Natal, 2009.

MONTEIRO, Paula & ALMEIDA, Ronaldo de. **Trânsito Religioso no Brasil**. Scielo, 2001.

NICHOLSON, L. **Interpretando o gênero**. Revista Estudos Feministas, nº 2, vol.8, 2000.

NIEBUHR, H. Richard. **As origens sociais das denominações cristãs**. São Paulo: Ciências da Religião / Aste, 1992.

NOVAES NETTO, Arsênio Firmino. **As crises de um ideal: Os primórdios do Instituto Granbery – 1889/1992**. Piracicaba, Editora da UNIMEP, 1997.

NOVAES, R. R. **Os Escolhidos de Deus: Pentecostais, Trabalhadores e Cidadania**. Caderno do ISER, nº 19. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

_____. Pentecostalismo, política, mídia e favela. In: VALLA, Victor Vincent. **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ORO, A P. **Podem Passar a Sacolinha: Um Estudo Sobre as Representações do Dinheiro no Neopentecostalismo Brasileiro**. Porto Alegre, Caderno de Antropologia, n.9, 1992.

PASSOS, Elizete Silva. **Palcos e platéias – as representações de gênero na faculdade de filosofia**. Salvador: UFBA, 1999.

PAULA, B. “Vocação e identidade”. In: RENDERS, H. (Org.). **Vocação pastoral em debate: Inclusive reflexões sobre 30 anos do ministério pastoral feminino na Igreja Metodista**. São Bernardo do Campo: Editeo, 2005.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PEREIRA, N. C. Fragmentos e cacos de experiência: relações sociais de poder e gênero na teologia wesleyana. In: **Revista Caminhando**, vol. 8, n. 2, p. 188-200 (jul./ dez. 2003).

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: USP, Curso de Pós-graduação em Sociologia. Ed. 34, 1999.

RABELO, Miriam C. M.; SANTOS, Rita Maria Brito. Notas sobre o aprendizado no candomblé. In: **Revista da FAEEBA: educação e contemporaneidade**. v. 20, n. 35, p1-242, (jan./jun) Salvador: UNEB, 2011.

_____. **Rodando no Santo e Queimando no Espírito: posseção e dinâmica de lugar no candomblé e pentecostalismo**. In: Reunião Anual da Associação Brasileira e Antropologia. 2004.

RAGO, Margareth. **Adeus ao feminismo? Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil**. Campinas: Cadernos AEL, 1996.

REILY, D. A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 2003.

_____. **Ministérios Femininos em Perspectiva Histórica**. Cebepe e Edteo. São Bernardo do Campo, 1997

_____. **História documental do protestantismo no Brasil**. 3ª ed. Aste, São Paulo, 2003.

_____. In O Expositor Cristão, primeira semana de outubro, 1980. **Religião e Sociedade** 17/1-2 (agosto, 1996) RJ, ISER.

RENDERS, H. “Estudos de gênero e método teológico: corporeidade e androcentrismo como temas permanentes do quadrilátero wesleyano brasileiro”. In: **Estudos da Religião**, v. 24, n. 39, p. 91-106 (jul./dez. 2010).

REUTHER, Rosemary, R. **Sexismo e Religião**. Tradução de Walter Waltmam e Luiz Marcos Sander. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993.

RIBEIRO, M. F. S. “As mulheres e a vocação”. In: RENDERS, H. (Org.). **Vocação pastoral em debate: Inclusive reflexões sobre 30 anos do ministério pastoral feminino na Igreja Metodista**. São Bernardo do Campo: Editeo, 2005.

_____. **Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres metodistas**. São Leopoldo: Oikos, 2009.

RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. Trajetória das mulheres metodistas: memória, presença e desafios. In. **Revista Caminhando** v. 16, n. 2, p. 31-40, jul./dez. 2011.

RIVERA, Paulo Barrera. **Tradição, transmissão e emoção**: Sociologia do protestantismo na América Latina. São Paulo: olho d'Água, 2001.

ROHDEN, F. **Feminismo do Sagrado**: O dilema “igualdade/diferença” na perspectiva de teólogas católicas. Rio de Janeiro. 1995. Tese de doutorado. UFRJ/Museu Nacional/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Igreja Pentecostal Deus é Amor. In: **Sinais dos tempos**: diversidade religiosa no Brasil. Cadernos do Iser, 23, 1990, p. 59-63. Rio de Janeiro.

_____. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SAFFIOTI, H. **Influências do pós-modernismo nas teorias feministas**. ALAS, 1997 (mimeo).

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Gênero e religião – no espaço da produção do conhecimento: corporeidade sob o prisma do gênero, da etnia e classe. In: MUSSKOPF, André S.; STROEHER, Marga J. (Orgs.). **Corporeidade, etnia e masculinidade**. São Leopoldo: EST, 2005.

SÁNCHEZ. A. L.; PONCE, O. A Mulher na Igreja Pentecostal: Abordagem Inicial à Prática Religiosa. In: GUTIÉRREZ, B; CAMPOS, L. S (Org.) **Na Força do Espírito - Os Pentecostais na América Latina: Um Desafio às Igrejas Históricas**. São Paulo, SP: Aipral-Pendão Real – Ciências da Religião, 1996.

SANTOS, Maria Goreth. **A mulher na hierarquia evangélica**: o pastorado feminino. Dissertação de Mestrado. PPCIS – UERJ. Rio de Janeiro, 2002.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. Vol. 20 (2), 1995.

SHULTZ, Alfred. **The Phenomenology of the Social World**. Evanston: Northwestern University Press, 1972.

SIEPIERSKI, Paulo D. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: Guerreiro, Silas (Org). **O estudo das religiões**: desafios contemporâneos. São Paulo: Paulinas, 2003.

SILVA, E. M. “Gênero, religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX”. In: **Revista Mandrágora**, vol. 14, p. 25-37 (2008).

SILVA, Elena Alves. O carisma social das primeiras pastoras metodistas no Brasil. In **Revista Caminhando** v. 16, n. 2, p. 41-51, jul./dez. 2011.

SILVA, Elizete da. Anglicanismo no Brasil: Igreja dos ingleses. In: SILVA, Elizete da. SANTOS, Lyndon Araújo. ALMEIDA, Vasni de. **Fiel é a palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil.** UEFS, 2011.

_____. **Cidadãos de outra Pátria.** Anglicanos e Batistas na Bahia. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, São Paulo, 1998.

_____. ALMEIDA, Bianca Daeb's. Mulheres protestantes: uma história nem sempre submissa. In: SILVA, Elizete da. SANTOS, Lyndon Araújo. ALMEIDA, Vasni de. **Fiel é a palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil.** UEFS, 2011.

_____. **Protestantismo e questões sociais.** Sitientbus, Feira de Santana, n. 14, 1996.

SOARES, Z. L. "Trinta anos de ministério pastoral feminino na Igreja Metodista". In: RENDERS, H. (org.). **Vocação pastoral em debate: Inclusive reflexões sobre 30 anos do ministério pastoral feminino na Igreja Metodista.** São Bernardo do Campo: Editeo, 2005.

SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. **Cura e terapia: experiência religiosa de mulheres pentecostais.** Salvador, EDUEB, 2012.

_____. Educação e religião: notas sobre ensino e aprendizagens terapêuticas no SCS da IPDA. In: **Revista da FAEBA: educação e contemporaneidade.** v. 20, n. 35, p1-242, (jan./jun) Salvador: UNEB, 2011.

STANTON, Elisabeth. *The Womans Bible.* Boston Northeastern University. 1993.

STREY, M.N. Será o século XXI o século das mulheres? In: STREY, M.N., et al. **Construções e perspectivas em gênero.** São Leopoldo, Ed. UNISINOS, 2000.

TAUSSIG, MICHAEL. "Reification and the Consciousness of the Patient", in: **Social Science and Medicine**, 14B: 3-13, 1980.

TEIXEIRA, Marli Geralda. ...Nós os Batistas... Um Estudo de História das Mentalidades. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, São Paulo, 1983.

TRABUCO, Zózimo Antônio Passos. **O Instituto Bíblico Batista do Nordeste e a construção da identidade Batista em Feira de Santana (1960-1990).** Dissertação (mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 2009.

TRILLA, Jaune. A educação não formal. In: GHNEM, Elie; TRILLA, Jaume; ARANTES, Valéria A. **Educação formal e não formal.** São Paulo: Summus, 2008.

TOSCANO, M.; GOLDENBERG. **A Revolução das Mulheres: Um balanço do Feminismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Revan, 1992.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamas J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 7ª. Ed. 1992.

_____. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa, 4ª ed. Volume 1, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

ZALUAR, Alba. **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro: Revan: Ed. UERJ, 1994.

BARBIERI, T. **Sobre a categoria gênero**: Uma introdução teórico-metodológica. Recife: SOS CORPO, 1993.

ZUWICK, A.M. Apresentação. In: FERNANDES, R.C., et al, **Novo Nascimento**: Os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

_____. Emancipação feminina: obstáculos e perspectivas para sua construção. In: STREY, M.N., et al. **Construções e perspectivas em gênero**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2000.

DOCUMENTOS CITADOS

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 1996.

O JORNAL BATISTA

REGIMENTO INTERNO DO SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO NORTE

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. IGREJA _____
2. Estado Civil _____
3. Casada com pastor ()sim ()não. Outro _____
4. Fundador da igreja ()sim ()não
5. Pais convertidos ()sim ()não. Outra religião: _____
6. Pai/mãe pastor ()sim ()não
7. Como à senhora se tornou pastora?
8. Conta com auxílio profissional? ()sim ()não . Quais? _____
9. Como concilia pastorado e vida familiar (ser mãe, esposa e dona de casa)? Quais são as dificuldades?
10. Filhos ()sim ()não. Quantos _____ Idades: _____
11. As fontes de renda familiar são provenientes do trabalho religioso? ()sim ()não.
12. Possui outras fontes de renda ()sim ()não. Qual _____
13. Possui: ()empresa/lojas ()casa própria ()carro
14. Grau de instrução _____
15. Profissão antes de tornar-se pastora _____
16. Há quanto tempo a senhora se converteu? _____
17. Há quanto tempo tornou-se pastora? _____
18. Quais as exigências em sua denominação para tornar-se pastora?
(seminário/concílio/consagração)
19. O que a levou a tornar-se pastora?
20. Quais as dificuldades do cargo?
21. Quais são os incentivos/vantagens _____
22. Quais as atribuições de uma pastora? _____
23. Qual a diferença entre auxiliar e titular? _____
24. Como a senhora avalia os argumentos contrários ao pastorado feminino, encontrados, principalmente nas cartas do Apóstolo Paulo em 1Tm 2.12 “É proibido a mulher o exercício da autoridade”?
 - a. Submissão feminina
 - b. Não ter autoridade sobre os homens

- c. A mulher não pode ser pastora (a liderança tem que ser masculina)
 - d. A mulher deve cuidar da casa (marido e filhos) pois este foi o plano de Deus para ela.
 - e. A mulher é ajudadora. Foi criada para o homem e não o contrário
25. A senhora percebe ou sofre alguma forma de discriminação por parte dos colegas pastores ou da congregação por ser uma mulher exercendo o pastoral?
26. A senhora percebe alguma alteração na sua vida conjugal ou nas atividades religiosas em virtude do seu trabalho como pastora?
27. Como é a sua relação com o seu marido dentro da igreja. Se ambos forem pastores. Quem tem mais autoridade?
28. Para a senhora enquanto mulher, que “vantagens” o status de pastora lhe trouxe?
29. Quais as diferenciações entre bispo, reverendo, diaconisa.
30. Como é o organograma da igreja, em ordem de hierarquia?
31. Quantos pastores e pastoras há, aproximadamente, em sua igreja ou denominação?

APÊNDICE B - TERMO DE COMPROMISSO

Eu, José Nunes dos Santos Júnior, comprometo-me a utilizar os dados obtidos junto ao/a colaborador (a) _____ somente para fins acadêmicos. Por uma questão ética e para evitar possíveis problemas a quaisquer pessoas ou instituições envolvidas, também garanto o anonimato do (a) colaborador (a), instituições ou pessoas citadas em todo o conteúdo de meu trabalho. Em contrapartida, o (a) colaborador (a) autoriza gravação de entrevista, bem como a utilização das transcrições e dos dados obtidos, integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, desde a presente data.

Simões Filho, _____ de _____ 2012

José Nunes dos Santos Júnior
Mestrando em Educação pela Uneb

Colaborador (a)

APÊNDICE C – TEXTOS BÍBLICOS CITADOS NO CORPO DA DISSERTAÇÃO

Gênesis 2:1-25

ASSIM os céus, a terra e todo o seu exército foram acabados. E havendo Deus acabado no dia sétimo a obra que fizera, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra que Deus criara e fizera. Estas são as origens dos céus e da terra, quando foram criados; no dia em que o SENHOR Deus fez a terra e os céus, E toda a planta do campo que ainda não estava na terra, e toda a erva do campo que ainda não brotava; porque ainda o SENHOR Deus não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para lavrar a terra. Um vapor, porém, subia da terra, e regava toda a face da terra. E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente. E plantou o SENHOR Deus um jardim no Éden, do lado oriental; e pôs ali o homem que tinha formado. E o SENHOR Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para comida; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços. O nome do primeiro é Pisom; este é o que rodeia toda a terra de Havilá, onde há ouro. E o ouro dessa terra é bom; ali há o bdélio, e a pedra sardônica. E o nome do segundo rio é Giom; este é o que rodeia toda a terra de Cuxe. E o nome do terceiro rio é Tigre; este é o que vai para o lado oriental da Assíria; e o quarto rio é o Eufrates. E tomou o SENHOR Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar. E ordenou o SENHOR Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás. E disse o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele. Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome. E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo; mas para o homem não se achava ajudadora idônea. Então o SENHOR Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; E da costela que o SENHOR Deus tomou do homem,

formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne. E ambos estavam nus, o homem e a sua mulher; e não se envergonhavam.

Gênesis 3:1-24

ORA, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. E ouviram a voz do SENHOR Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do SENHOR Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o SENHOR Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o SENHOR Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então o SENHOR Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da

tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás. E chamou Adão o nome de sua mulher Eva; porquanto era a mãe de todos os viventes. E fez o SENHOR Deus a Adão e à sua mulher túnicas de peles, e os vestiu. Então disse o SENHOR Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente, O SENHOR Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado. E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida.

Salmos 23

SENHOR é o meu pastor, nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranqüilas. Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam. Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do SENHOR por longos dias.

Salmos 91

AQUELE que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do SENHOR: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei. Porque ele te livrará do laço do passarineiro, e da peste perniciososa. Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas te confiarás; a sua verdade será o teu escudo e broquel. Não terás medo do terror de noite nem da seta que voa de dia, Nem da peste que anda na escuridão, nem da mortandade que assola ao meio-dia. Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti. Somente com os teus olhos contemplarás, e verás a recompensa dos ímpios. Porque tu, ó SENHOR, és o meu refúgio. No Altíssimo fizeste a tua habitação. Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda. Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra. Pisarás o leão e a cobra; calcarás aos pés o filho do

leão e a serpente. Porquanto tão encarecidamente me amou, também eu o livrarei; pô-lo-ei em retiro alto, porque conheceu o meu nome. Ele me invocará, e eu lhe responderei; estarei com ele na angústia; dela o retirarei, e o glorificarei. Fartá-lo-ei com longura de dias, e lhe mostrarei a minha salvação.

I Coríntios 14:34

As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei.

I Timóteo 2:9-15

Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos, Mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras. A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação.